

Diagnóstico
Socioterritorial e
Assessoramento às
Redes de Trabalhadoras
Sexuais da Guaicurus

PARCERIA:



EXECUÇÃO:



REALIZAÇÃO:

ASSISTÊNCIA SOCIAL,
SEGURANÇA ALIMENTAR
E CIDADANIA

**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**
trabalhoenergicoração



FICHA TÉCNICA

PARCERIA

Associação das Prostitutas de Minas Gerais (APROSMIG)

Gestoras:

Cleuza Marcia Borges
Maria Aparecida da Silva
Maria Aparecida Menezes Vieira
Mariely Gonçalves da Silva
Miury Sulevan Rodrigues Vieira de Gouveia

Voluntário:

Alexandre Messias de Gouveia

Estagiárias de Psicologia:

Amanda Gabrielle dos Santos Oliveira
Emannuelle de Oliveira Matos

REALIZAÇÃO

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Prefeito de Belo Horizonte:

Fuad Noman

Secretária Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania:

Rosilene Cristina Rocha

Subsecretária de Direitos se Cidadania:

Glecevir Vaz Teixeira

Diretora de Políticas para as Mulheres:

Daniella Lopes Coelho

Equipe técnica DIPM

Andrea Chelles
Déborah Sodré
Giovanna Fiffe
Karina Santos
Márcia Borges





ENTIDADE EXECUTORA

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)
Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) e Faculdade de Psicologia (FAPSI)

Coordenação do Projeto:

Márcia Mansur Saadallah

Psicóloga de Referência:

Elizabeth de Magalhães Fernandes

Equipe de Extensionistas:

Ana Rita Assis Cardoso de Souza
Daniele Alves de Oliveira Martins
Juliana da Costa Fernandes
Loren Pereira de Souza
Maria Eduarda Cruz Oliveira

Equipe Iniciação Científica (PIBIC/FAPEMIG):

*Diagnóstico Psicossocial de Trabalhadoras(es) Sexuais em Belo Horizonte:
dignidade humana e políticas públicas*
Maria Helena Furtado Novais

Pesquisadores(as) voluntários (as) | Aplicação dos questionários:

Alessandra Dornelas Santos
Clara Keller Neves
Eloi Aguiar Soares
Fernanda Carvalho da Silva
Gabrielle Teixeira Gomes
Guilherme Lucas da Silva
Hudson Justo Curtts
Isabel Lucas Alvarez Rodrigues
Josenise Xisto de Andrade
Julia Coelho Antunes
Karen Luiza Rocha da Silva
Laura de Faria Franca
Leonardo Hilário de Oliveira Nicacio
Lorrayne Caroline Alves Pereira
Luana D'Assumpção Piló
Luísa Etrusco Maciel
Manoel Pereira da Silva Júnior
Maria Clara Torres Costa
Mariana Rabelo de Magalhães Pinto
Mateus Freitas Dutra Ferreira





Ramon Emidio de Souza
Regina Gonçalves Teixeira
Ricardo Santos Soares Andrade
Sabrina Viviane Costa de Oliveira
Sara Oliveira Passos
Sofia Sampaio Moreira

PROJETO GRÁFICO:

Luiza Mello Avelar
Rafael Rodrigo dos Santos





SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
1. O TERRITÓRIO	9
1.1. Prostituição na região da Guaicurus.....	9
1.2. Sujeitas políticas de direitos: a origem da APROSMIG.....	12
2. O DIAGNÓSTICO	14
2.1. Primeiro diagnóstico – 2016.....	14
2.2. Diagnóstico atual.....	15
3. OBJETIVOS	17
3.1. Objetivo geral.....	17
3.2. Objetivos específicos.....	17
4. METODOLOGIA	18
4.1. Processo de planejamento do diagnóstico.....	18
4.2. Implementação da pesquisa e organização do trabalho no campo.....	19
4.3. Aplicação dos questionários.....	22
4.4. Pesquisa narrativa e em memória social.....	26
4.5. Construção coletiva da linha do tempo.....	28
5. DESCOBERTAS E RESULTADOS	32
5.1. Marcadores identitários.....	32
5.2. Trabalho sexual.....	39
5.3. Violência.....	63
5.4. APROSMIG.....	68
5.5. Acesso a serviços.....	75
5.6. Pandemia.....	78
6. HISTÓRIAS QUE ATRAVESSAM QUATRO PAREDES	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	106
ANEXOS	109



APRESENTAÇÃO


O *Diagnóstico Socioterritorial e Assessoramento às Redes de Trabalhadoras Sexuais da Guaicurus* foi proposto com o objetivo de conhecer, de maneira aprofundada, a realidade das trabalhadoras sexuais¹ na região da Guaicurus, em Belo Horizonte, um território que sofre com as mais diversas violações de direitos e medidas interventivas de higienização de diferentes esferas da sociedade. O presente relatório tem como intuito apresentar todo o processo de construção do projeto, objetivos, metodologia e os resultados obtidos nas distintas fases de execução.

A iniciativa foi realizada por meio de um convênio entre a Diretoria de Políticas para as Mulheres (DIPM), ligada à Subsecretaria de Direitos e Cidadania (SUDC), Secretaria Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania (SMASAC), da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH), e a PUC Minas, através da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) e da Faculdade de Psicologia (FAPSI), em parceria com a Associação de Prostitutas de Minas Gerais (APROSMIG), entidade formada por trabalhadoras sexuais que, desde 2009, realiza diversas ações de defesa, promoção e proteção às prostitutas.

Ressalta-se que o diagnóstico foi executado com recurso financeiro disponibilizado por meio de uma emenda impositiva municipal para o ano de 2023, do Gabinete da então Vereadora da Câmara Municipal de Belo Horizonte, Duda Salabert, que atualmente, exerce o mandato como Deputada Federal na Câmara dos Deputados do Congresso Nacional.

Através de uma pesquisa de campo semiestruturada, foram ouvidas 360 trabalhadoras sexuais – cisgêneras, transgêneras e travestis – nos hotéis da região da Guaicurus. Os objetivos foram identificar o perfil socioeconômico, de gênero, racial e geracional, suas vivências em relação à sua ocupação, à

¹ Ao longo do relatório, serão utilizados os termos “Trabalhadora sexual” e “Prostituta”, nomes afirmados politicamente pelo próprio grupo, sendo uma forma de nomeação e reconhecimento institucional das mulheres participantes e de seu trabalho.




sociedade e à pandemia de COVID-19, sua relação com a APROSMIG, assim como mapear situações de risco, vulnerabilidades sociais e violências vividas por essa população.

Na etapa seguinte, foram utilizadas as metodologias de pesquisa em memória social, a partir da orientação da pesquisadora social Ecléa Bosi (1983), e a pesquisa narrativa, baseada nas premissas de Clandinin e Connelly (2011). Mulheres que possuem uma relação histórica com o trabalho sexual na região da Guaicurus foram identificadas e convidadas para realizar, por meio das histórias narradas, um resgate da memória local, enfatizando o protagonismo de atrizes sociais que foram sujeitas(os) dessas histórias - que por motivos diversos, não foram registradas e correm o risco de se perderem no tempo.

Por fim, houve uma mobilização na qual outras participantes foram chamadas para construir coletivamente uma linha do tempo, orientada por marcos temporais destacados nessas narrativas, aos quais se somaram outras histórias e memórias mais recentes - e que, juntas, produzem espaços de reconhecimento intergeracional, coletivização identitária dos diversos saberes e fazeres, fomento de memória, de (r)existência e de transformação social.

Somou-se a essa ação uma pesquisa de iniciação científica (PROBIC) *Diagnóstico Psicossocial de Trabalhadoras(es) Sexuais em Belo Horizonte: dignidade humana e políticas públicas* - realizada por meio do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), aprovado e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), sob orientação da profa. Dra. Maria Luiza Marques Cardoso. O projeto de iniciação científica e o projeto de extensão, ambos realizados no âmbito da PUC Minas, tiveram objetivos em comum e outros semelhantes e, portanto, apoiaram-se mutuamente.

Destaca-se aqui a efetiva participação das mulheres trabalhadoras sexuais em todas as fases da pesquisa, desde a elaboração, até o momento final de devolutivas dos seus produtos. Essa participação marca o caráter horizontal, democrático e participativo presente no decorrer do processo.



Essa pesquisa trouxe importantes dados sobre a realidade do trabalho sexual em Belo Horizonte, exercido por mulheres cisgêneras, transgêneras e travestis. Espera-se que seus resultados e análises possam fortalecer a elaboração de políticas públicas direcionadas para as trabalhadoras sexuais e que garantam a elas proteção, visibilidade, seguranças e construção de autonomia.

O próximo tópico descreve sobre o território onde foi realizado o diagnóstico, trazendo aspectos peculiares que contextualizam a prostituição na região, bem como mostram como se deu a organização e participação política das trabalhadoras sexuais da região no movimento social de prostitutas.


1. O TERRITÓRIO

Na região da rua Guaicurus, no baixo centro de Belo Horizonte, o trabalho sexual existe desde os tempos da construção da cidade. O jornalista e escritor Tarcísio Badaró traz em seu livro – *O sobe e desce na Guaicurus: pelas portas de uma zona de prostituição* – histórias da boemia belo horizontina na década de 1920, e retrata as mudanças que foram ocorrendo com o passar das décadas até os dias atuais. Os icônicos quarteirões, retratados de forma glamourizada na minissérie *Hilda Furacão* – baseada na obra do escritor Roberto Drummond – passaram por um longo processo de desvalorização e frequentes medidas interventivas de higienização. Com isso, as prostitutas conviveram – e ainda convivem – com o constante receio de fechamento de seus locais de trabalho. Foram muitas as dinâmicas e configurações vividas nesse decorrer do tempo. A seguir, será apresentada a dinâmica atual deste território, que ainda tem a emblemática rua Guaicurus como referência.

1.1. Prostituição na região da Guaicurus

A região da Guaicurus atualmente é composta por pequenos sobrados com dois/três andares, ocupados nos térreos dos prédios, pelo comércio popular, com lojas atacadistas e/ou varejistas de artigos diversos, distribuidoras de bebidas, lanchonetes, farmácias, restaurantes e alguns estacionamentos. Entre um comércio e outro estão as entradas dos hotéis, com portas estreitas (algumas protegidas por um detector de metal e guardadas por um segurança) que levam às famosas escadas do “sobe e desce”, dando acesso aos andares superiores dos 24 hotéis da região, sendo 22 de prostituição de mulheres cisgêneras, dois destinados à prostituição de mulheres transgêneras e travestis, e a Cabine São Paulo, de prostituição masculina.


Algumas características dos hotéis são bem similares, com corredores longos, estreitos e cheios de portas, totalizando quase mil quartos destinados à



prostituição em cada um dos dois turnos de funcionamento. Os quartos são pequenos, e a maioria tem somente uma cama e uma pia para higiene. Alguns contam com vaso sanitário, chuveiro, mas é importante salientar que ainda existem hotéis em que os banheiros são coletivos.

O trabalho “na zona” não tem folga. Os hotéis funcionam de segunda a segunda com dois turnos, sendo o primeiro das 08h às 16h e o segundo das 16h às 23h. As prostitutas alugam os quartos para realizar o trabalho sexual de acordo com o tempo que pretendem ficar no hotel e tem a opção de pagar por um dos turnos ou pela “diária”, na qual é pago o valor dos dois turnos com um desconto. O pagamento da diária permite que a pessoa durma no hotel depois do fechamento para os clientes, e é muito utilizada pelas prostitutas “residentes”, que são aquelas que passam algumas temporadas nos hotéis, seja porque são migrantes ou que moram em Belo Horizonte e região, mas precisam otimizar o tempo no trabalho. As regras sobre o funcionamento e valores das diárias variam de acordo com a estrutura do hotel e o andar do quarto.

Os hotéis têm alvará de funcionamento liberados pela Prefeitura de Belo Horizonte como hotéis de alta rotatividade e/ou pensões, e seus proprietários afirmam apenas alugar os quartos, não tendo qualquer relação com o que acontece dentro deles. Os hotéis estão sujeitos à fiscalização municipal, por meio de fiscalização sanitária e alvará de funcionamento, o que inclui também a visita e intervenção dos bombeiros (BARRETO, 2015). Entretanto, diferentemente de outros hotéis destinados ao turismo, nos hotéis da região da Guaicurus paga-se à parte por itens que, usualmente, estão incluídos nas diárias, como lençol, papel higiênico, preservativos, entre outros. Dessa forma, a trabalhadora sexual paga a parte pelos itens que precisa, sendo necessário muitas vezes recorrer ao mandado(a) para fazê-lo - trabalhador(a) informal que recebe pequenas gorjetas para fazer compras, pagar contas e fazer serviços para as prostitutas, quando essas, não querem/podem sair do hotel.




A movimentação no “sobe e desce” é intensa, e, mesmo em dias de menor movimento de clientes, é comum ver homens parados em frente às portas fechadas, aguardando por atendimento. As mulheres fazem entre 1 a 60 programas por dia. Leite (2009) relatou em seu livro que em único dia chegou à marca de 78 programas. Embora não haja um estudo apontando quantos homens passam por ali diariamente, em dias de grande movimento (normalmente no começo do mês) fica difícil andar nos corredores, sem esbarrar em alguém.

Existe neste universo heterogêneo de mulheres prostitutas e clientes homens, uma mistura de sons, perfumes, rostos e tons. O programa é uma negociação rotineira da prestação dos serviços oferecidos na prostituição, implicando um contrato verbal entre a prostituta e o cliente em três aspectos: o que será feito na prática, o quanto irá custar e qual o tempo de duração (FREITAS, 1985). Os programas duram em média 10 a 20 minutos e os valores variam conforme o que for acertado para cada prática. O preservativo é incluído no preço do programa e para qualquer alteração do mesmo, renegocia-se os valores cobrados.

Embora seja comum que as mulheres residentes em Belo Horizonte trabalhem durante um ou dois turnos e retornem para suas casas diariamente, como já mencionado, a migração faz com que a maioria das trabalhadoras sexuais residam no hotel por um período – dias, meses e/ou até anos – o que acontece, principalmente, com as mulheres que vêm do interior mineiro e de outros estados.

Segundo Barreto (2013), há também uma hierarquização dos hotéis e é comum ouvir das prostitutas que as mais jovens e belas se encontram em hotéis como o Brilhante, localizado no meio do quarteirão da rua dos Guaicurus, entre as ruas Curitiba e São Paulo. A partir dele, rua abaixo, o padrão, considerando esses requisitos, decresce. Comumente são nomeados com apelidos negativos, rotulando esses hotéis como “piores”, como exemplo, o “Castelo das Bruxas” – que foi o nome dado ao antigo hotel Imperial – atualmente fechado. O rótulo



para esse hotel surgiu porque lá havia trabalhadoras mais velhas e/ou fora dos padrões normativos estéticos.


Ainda de acordo com a autora acima, essa hierarquia determina o preço das diárias e dos programas, bem como marca as diferenças entre as mulheres e os clientes que frequentam o local. Dessa forma, “os melhores” hotéis são os mais caros e apresentam um estado de conservação e limpeza superior aos outros, embora a diferença nesse sentido, nem seja tanta assim. Com isso, os hotéis estabelecidos como “os piores” são os mais baratos e conseqüentemente, os que apresentam condições inferiores, inadequadas e/ou insalubres para o trabalho, principalmente se for considerado o valor da diária cobrada.

As dinâmicas sociais têm ligação direta com a ocupação e hierarquização dos espaços. No caso da prostituição, ficam explícitas as barreiras enfrentadas para acesso aos direitos e, ainda mais grave, os movimentos de controle e confinamento a locais específicos. Essa segregação espacial expõe a dinâmica de exclusão social (BARRETO, 2015). Em oposição, as prostitutas, mesmo enquanto enfrentam estigmas sociais e negligência institucional, protagonizam a função de criar espaços de resistência e desenvolver estratégias de sobrevivência, laços de apoio mútuo e formas de enfrentamento, transformando a “zona” em um lugar de (r)existências.

1.2. Sujeitas políticas² de direitos: a origem da APROSMIG

A articulação das trabalhadoras sexuais em Belo Horizonte enquanto movimento social – ainda que informalmente – remonta a 1994, associada a entidades como o Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS de Minas Gerais (GAPA/MG). Esse movimento buscou representação política, culminando na

² Barreto (2015) utiliza o conceito “sujeita política” nomeado por Gabriela Leite (Leite, 2009), em que reconhece que mulheres prostitutas são as sujeitas políticas de suas histórias, a fim de reconhecer e dar visibilidade ao movimento de prostitutas como forma de um agir coletivo e comprometido socialmente.



criação da Associação das Profissionais do Sexo de Belo Horizonte (APS/BH), que perdeu força ao longo do tempo, gerando insatisfação de algumas prostitutas mais ativistas. Deste conflito, algumas trabalhadoras sexuais com ideias comuns se unem e criam como alternativa a APROSMIG, uma organização da sociedade civil (OSC) fundada e gerida por prostitutas desde 2009, e, que tem como diretora geral Cida Vieira.

Atualmente, a Aprosmig é reconhecida oficialmente como a entidade representante das prostitutas em todo o estado de Minas Gerais, estando vinculada à Rede Brasileira de Prostitutas (RBP). A associação busca dialogar e unir a categoria, defendendo e reivindicando interesses comuns, articulando parcerias com entidades públicas, privadas, organizações do terceiro setor, movimentos sociais e universidades. Além disso, desenvolve ações de promoção de saúde integral, com foco na prevenção combinada, com encaminhamento e acompanhamento das trabalhadoras sexuais cisgêneras, transgêneras e travestis aos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS). A gestão da associação é liderada por prostitutas, mulheres negras, cisgêneras e transgêneras, que favorecem o acesso aos direitos humanos, promovem cidadania e lutam pela regulamentação da prostituição como profissão, buscando mais autonomia, emancipação e direito de exercer plenamente essa ocupação.

2. O DIAGNÓSTICO


A PUC Minas e a APROSMIG são parceiras desde 2013, por meio dos estágios obrigatórios dos cursos da Faculdade de Psicologia, que promovem apoio em ações de fortalecimento político da associação e suas diretoras, acolhimento psicossocial e atendimento psicológico para trabalhadoras sexuais cisgêneras e transgêneras prestado por estagiários(as) de Psicologia da PUC Minas.

As primeiras discussões sobre a necessidade de um diagnóstico socioterritorial com trabalhadoras sexuais da região da Guaicurus surgiu em meados de 2015. A proposta foi amplamente discutida pela APROSMIG e a equipe do Estágio de Psicologia e Políticas Públicas, e, aos poucos, foi tomando forma. Em 2016 foi realizada a primeira pesquisa, que será apresentada a seguir.

2.1. Primeiro diagnóstico – 2016

A partir de uma demanda da APROSMIG, no intuito de melhor identificar a realidade das mulheres, a PUC Minas, através de um Estágio de Psicologia e de uma equipe voluntária realizou, em 2016, o primeiro diagnóstico socioterritorial com trabalhadoras sexuais na região da Guaicurus. Havia uma necessidade de se aprofundar no conhecimento desse universo, propor melhorias e intervenções, com base nas demandas apontadas por trabalhadoras sexuais, durante os acolhimentos psicossociais realizados pelas estagiárias de Psicologia, na APROSMIG.

A pesquisa teve como objetivo conhecer a prostituição em Belo Horizonte, com foco no perfil e visão das trabalhadoras sexuais que atuavam nos hotéis naquela época. Foi elaborado um questionário com trinta e nove perguntas divididas em três eixos: perfil de identificação das prostitutas, seu conhecimento sobre a APROSMIG e alguns aspectos sobre a ocupação e a sociedade. A aplicação do questionário foi realizada entre fevereiro e agosto de




2016, contou com a participação de 304 prostitutas, trabalhadoras dos 22 hotéis existentes na região da Guaicurus, nessa época. Os resultados obtidos embasaram ações e reflexões sobre a prostituição, destacando questões relacionadas aos direitos humanos, como o desconhecimento, negligência, violação e/ou a ausência de políticas públicas específicas para prostitutas. Além disso, os achados corroboram com estudos anteriores sobre o tema, abordando aspectos como gênero, raça, identidade, trabalho, regulamentação da profissão, estigma, violência contra mulheres, vulnerabilidades, bem como autonomia e protagonismo das prostitutas em suas histórias. Com o passar dos anos e uma pandemia, que provocou mudanças significativas também na região da Guaicurus, fez-se necessária a realização de um novo diagnóstico socioterritorial.

2.2. Diagnóstico atual

A investigação atual teve como foco conhecer qual é a realidade vivenciada, neste momento, por trabalhadoras sexuais cisgêneras, transgêneras e travestis, e produzir indicadores sociais que contribuam para a construção e fortalecimento de políticas públicas. Sendo assim, o projeto pretende fornecer subsídios para a criação e implementação dessas políticas, bem como apoiar organizações da sociedade civil e movimentos sociais que trabalham com a temática da prostituição.

A necessidade de um novo diagnóstico veio ao encontro das propostas de trabalho da Diretoria de Políticas para as Mulheres (DIPM), no âmbito da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, ligada à Subsecretaria de Direitos e Cidadania, da Secretaria Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania (SMASAC). O setor, responsável pela formulação e implementação de políticas voltadas para a promoção dos direitos das mulheres na capital, entendeu como fundamental compreender as particularidades das restrições, violências e violações de direitos que afetam as trabalhadoras sexuais em Belo Horizonte.



Na fase inicial, de elaboração da proposta da pesquisa, a DIPM destacou que diversos episódios ocorridos na cidade evidenciavam a relevância do diagnóstico socioterritorial. Durante uma reunião da Comissão de Mulheres da Câmara Municipal de Belo Horizonte, realizada em setembro de 2019 (CMBH, 2019), trabalhadoras sexuais, ativistas e pesquisadoras destacaram que o atendimento oferecido às trabalhadoras sexuais na capital é marcado por diversas formas de violência institucional. Entre os relatos, foi observado que as ocorrências são frequentemente atendidas por policiais homens e os agressores transportados na mesma viatura que as mulheres que estão denunciando. Além disso, as batidas policiais em hotéis de trabalho sexual e nas favelas onde muitas mulheres residem também são conduzidas por homens. De acordo com as participantes da reunião, devido à natureza de sua ocupação e ao fato de serem alvo de outros tipos de violência, as trabalhadoras sexuais enfrentam dificuldades para serem atendidas em delegacias especializadas no atendimento às mulheres.

Salienta-se que, nas poucas vezes em que as trabalhadoras sexuais e suas vivências estão presentes em pesquisas, estas o fazem a partir de uma lógica frequentemente predatória e de uma perspectiva, a partir da qual certas instituições e pessoas, que ocupam um lugar de saber, são legitimadas para falar sobre as prostitutas. Ou seja, não apenas as especificidades das vivências das prostitutas são invisibilizadas, como acontece o silenciamento de suas próprias vozes, que frequentemente, não recebem qualquer retorno de estudos e pesquisas feitas sobre elas. Nesse sentido, esse estudo tem como objetivo principal a produção de informações que possam subsidiar a elaboração de políticas públicas voltadas para as trabalhadoras sexuais cis e trans e, por isso, difere muito desse caráter “predatório” que, infelizmente, existe nas produções acadêmicas de modo geral.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral

Realizar diagnóstico socioterritorial com trabalhadoras sexuais, cisgêneras e transgênero, da cidade de Belo Horizonte (MG), concentrando-se na região da Guaicurus.

3.2. Objetivos específicos


- Mapear os hotéis de prostituição da região da Guaicurus, identificando aspectos relevantes de cada um, pessoas referências, coletivos de trabalhadoras sexuais cis e transgênero, equipamentos públicos e privados;
- Identificar o perfil de gênero, socioeconômico, racial e geracional de trabalhadoras sexuais cis e transgênero dos principais pontos de prostituição de Belo Horizonte, concentrando na região da Guaicurus;
- Identificar situações de risco, vulnerabilidade social e violências vividas por essa população, segundo a natureza e seus perpetradores;
- Entrevistar, pelo menos, 10% de trabalhadoras sexuais, cis e trans, da região da Guaicurus, considerando o total de 3.000 associadas na Associação das Prostitutas de Minas Gerais (APROSMIG);
- Diagnosticar a situação atual de oferta e de acesso às políticas públicas e serviços oferecidos por organizações não governamentais (ONGs);
- Produzir indicadores sociais qualitativos e quantitativos que fundamentem o trabalho de órgãos públicos, ONGs e de grupos e coletivos de trabalhadoras sexuais cis e trans da cidade;
- Elaborar instrumentos de registro, devolutiva, divulgação e comunicação dos resultados da pesquisa.

4. METODOLOGIA

Neste tópico, será apresentado o percurso metodológico utilizado ao longo da pesquisa, sendo distribuído em cinco etapas principais. Nos primeiros passos desse caminho foi realizada a formalização das parcerias entre a DIPM, a PUC Minas e a APROSMIG, o processo de construção e planejamento do diagnóstico, a avaliação do questionário atual com a equipe da APROSMIG (que foi readaptado a partir do questionário de 2016). Em um segundo momento, com a implementação do projeto, houve a contratação e formação da equipe e organização dos processos de trabalho, por meio das primeiras impressões e ambientação da equipe no campo, mapeamento dos hotéis e mobilização social. Na terceira parte, já no processo de execução da pesquisa, houve a distribuição da equipe nas idas ao campo para aplicação dos questionários, transcrição no Google Forms e análises dos dados. Na quarta etapa, aconteceu o retorno ao campo, para a escuta das memórias narrativas das prostitutas, que foram transcritas e analisadas pela equipe, de maneira a preparar para a quinta etapa, marcada pela oficina de construção da linha do tempo, bem como pela produção dos materiais finais e apresentação dos resultados em um seminário com a participação de atrizes e atores sociais diversos.

Como já apontado, é importante frisar que todo o processo, do planejamento à apresentação dos resultados da pesquisa no seminário, aconteceu com o envolvimento de trabalhadoras sexuais da Guaicurus, contribuindo e validando as etapas, seja pela participação nas reuniões, disposição em responder ao questionário, participação nas entrevistas e/ou na oficina de construção da linha do tempo, bem como pela presença expressiva no seminário final. A seguir será apresentada cada uma dessas etapas.

4.1. Processo de planejamento do diagnóstico




Nesta etapa, que antecedeu a implementação da pesquisa, aconteceu a articulação de parcerias entre a DIPM, a PUC Minas e a APROSMIG, o que oportunizou a estruturação coletiva dos objetivos e metodologia, bem como a discussão e resolução de questões burocráticas relacionadas com a contratação. Em seguida, no planejamento do diagnóstico foi elaborado através de um plano de trabalho, que detalhou sobre a execução ações e etapas da pesquisa, tendo como base o diálogo estabelecido com a DIPM. Logo após a apresentação/aprovação do plano de trabalho pela DIPM, teve início o desenvolvimento das ações. Foi feita ainda na etapa a avaliação do questionário da pesquisa de 2016, realizada por meio de um grupo focal com as integrantes da APROSMIG, a psicóloga de referência do projeto e equipe da pesquisa de iniciação científica do *Diagnóstico Psicossocial de Trabalhadoras(es) Sexuais em Belo Horizonte: dignidade humana e políticas públicas*.

Segundo Morgan (1997), o grupo focal é uma forma de entrevista com grupos, baseada em sua comunicação e interação, que serve como ferramenta para definição dos temas a serem abordados em uma pesquisa ou mesmo uma intervenção. A partir desse processo com as trabalhadoras sexuais da APROSMIG, o questionário foi reestruturado, considerando questões e demandas atuais do território, bem como da vida em sociedade pós-pandemia. Essa reestruturação será apresentada com detalhes no tópico 4.3, que tratará dos questionários.

4.2. Implementação da pesquisa e organização do trabalho no campo


A implementação do projeto aconteceu no início de abril de 2023. Inicialmente, foi contratada a equipe pela PROEX, composta por cinco estudantes extensionistas, uma profissional de Psicologia contratada para coordenação das ações com a equipe e uma docente da Faculdade de Psicologia da PUC Minas, coordenadora geral do projeto. O diagnóstico contou, nos meses de aplicação do questionário, com o apoio de 26 estudantes que chegaram por meio dos estágios obrigatórios das unidades São Gabriel e Praça da Liberdade, do Laboratório de



Psicologia Social e Direitos Humanos (LABPSDH) do campus Coração Eucarístico e outras(os) voluntárias(os) dos cursos da Faculdade de Psicologia da PUC Minas. Foram doadas 35 camisas por uma das estagiárias, produzidas exclusivamente para a pesquisa, o que facilitou o reconhecimento da equipe sempre que ia à campo.

Como parte do processo de formação geral dos participantes do projeto, integrantes já habituados com trabalhos de subidas nos hotéis e as gestoras da APROSMIG apresentaram o campo às pessoas recém-chegadas, favorecendo o acesso e a ambientação. Nesse contexto, as atividades da pesquisa foram integradas ao trabalho já desenvolvido pela APROSMIG em ações de base comunitária, nas quais acontecem a abordagem das prostitutas, por meio da apresentação da APROSMIG, divulgação de projetos desenvolvidos e dos serviços oferecidos, incluindo o acolhimento psicossocial, encaminhamentos para atendimento psicológico, acesso aos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) e Sistema Único de Assistência Social (SUAS), bem como a distribuição de insumos de prevenção combinada (preservativos internos e externos, panfletos informativos e gel lubrificante íntimo).

Vale ressaltar que as ações de base comunitária foram realizadas de forma contínua pela equipe durante todo o processo de pesquisa, como um meio de facilitar as abordagens com as trabalhadoras sexuais, bem como de propiciar a criação e fortalecimento de vínculos. Nesse momento de familiarização com o campo, foi realizado o mapeamento dos hotéis, no qual foram verificados e atualizados dados como nome e localização, nome e contato de gerentes, capacidade de atendimento de cada hotel e quantidade média de trabalhadoras sexuais nos dois turnos. Complementando, houve a apresentação da equipe de pesquisadores ao Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) Hipercentro, a Unidade dispensadora de Medicamentos Antirretrovirais (UDM) Hipercentro, ao BH de Mãos Dadas Contra a Aids e Pastoral da Mulher, que atuam com a prestação de serviços às trabalhadoras sexuais da região. O mapeamento e apresentação




foram necessários para melhor condução das ações, uma vez que possibilitaram para a equipe pesquisadora, a produção de informações básicas sobre hotéis, a identificação de referências locais, de grupos e coletivos de trabalhadoras sexuais, além do conhecimento de equipamentos públicos e entidades, localizados na região. O processo de conhecimento e ambientação do campo durou três semanas. Kathia Neiva (2010), ao falar da caracterização institucional e diagnóstico das necessidades psicossociais, postula que é fundamental que se conheça o grupo, comunidade ou instituição de forma a levantar as necessidades psicossociais em relação às demandas deste grupo.

Foi estabelecido, após a conclusão do mapeamento, o alcance mínimo de 10% de trabalhadoras sexuais dos vinte e quatro hotéis da região da Guaicurus, o que corresponde a trezentas mulheres, considerando, para isso, a referência de um total de três mil associadas à APROSMIG. Ressalta-se que o cadastro de trabalhadoras sexuais associadas foi feito em fichas de papel, durante anos anteriores, e precisa ser atualizado.

Nessa etapa foi realizada a formação presencial da equipe de pesquisadores, na PUC Minas São Gabriel, que contou com a participação de integrantes da equipe, além de representantes da APROSMIG e da DIPM. Houve, ainda, outro encontro online para complementar esse processo formativo. Em ambos, aconteceu a apresentação do questionário, sendo discutida cada uma das 44 questões, possibilitando o esclarecimento de dúvidas, aprofundamento das questões, além de orientação sobre pontos específicos que envolvem o trabalho sexual na região dos hotéis.

Considerando isso, deu início a etapa de mobilização com a apresentação da pesquisa para gerentes dos hotéis e sensibilização das trabalhadoras sexuais. Integrantes da equipe e da APROSMIG produziram uma carta convidando os gerentes/donos/representantes dos hotéis para um encontro, no qual seria discutido mais detalhes sobre a pesquisa. O encontro aconteceu no dia 11 de abril de 2023 e teve a participação de alguns representantes dos hotéis.




Além disso, foram produzidos por integrantes da equipe e impressos pela APROSMIG, pequenos panfletos, conhecidos como “mosquitinhos”, para divulgação da pesquisa, salientando a importância da participação das prostitutas, bem como contendo a informação da circulação da equipe nos hotéis pelos próximos meses. Foi grampeada uma bala em cada um dos mosquitinhos, sendo os mesmos entregues às trabalhadoras sexuais durante as ações de mobilização e de base comunitária. Reforçando o processo de divulgação/mobilização, ainda foram produzidos cartazes pela APROSMIG que foram afixados nos hotéis.

Houve um trabalho intenso da equipe durante duas semanas, no intuito de sensibilizar as trabalhadoras sexuais para a participação da pesquisa, observando suas disponibilidades e melhores horários para as entrevistas.

4.3. Aplicação dos questionários

Importante ressaltar aqui que o instrumento utilizado para as entrevistas passou pela avaliação de trabalhadoras sexuais da APROSMIG e das equipes do diagnóstico e do projeto de iniciação científica. Considerando isso, o questionário foi formulado com 44 perguntas, contendo questões fechadas e abertas, divididas em seis eixos, com intuito de produzir indicadores quantitativos e qualitativos. O primeiro eixo foi relacionado ao **perfil e identificação**, que trouxe questões sobre identidade de gênero, orientação sexual, raça, escolaridade, entre outras. No segundo eixo foram abordadas **questões de saúde** de forma geral. No **eixo ocupação**, tratou-se de aspectos relacionados com o exercício da profissão, como nome usado, tempo na ocupação e na Guaicurus, trabalho em outros locais e/ou em outra profissão, entre outros. Em **ocupação e sociedade**, as questões tiveram relação com a visão sobre o trabalho sexual e da relação com a sociedade, aspectos sobre a regulamentação da prostituição, condições de trabalho, acesso às políticas públicas e lazer, violência contra mulheres, entre outras. No **eixo sobre a APROSMIG**, a proposta foi fazer uma avaliação do trabalho da associação,




mostrando o conhecimento que tinham, a participação nas ações da APROSMIG e sugestões de melhoria. Por fim, o **eixo pandemia** teve a pretensão de avaliar os impactos vivenciados durante e pós pandemia.

Após a análise dos questionários foi avaliada a necessidade de uma reestruturação desses eixos, que foram então renomeados como **marcadores identitários, trabalho sexual, violência, APROSMIG acesso a serviços e pandemia**.

De forma a garantir a complementaridade entre a teoria e a prática, foi adotada uma abordagem mista para o processo de produção de informações, combinando métodos quantitativos e qualitativos. Em relação à abordagem qualitativa, buscou-se identificar, discutir e analisar a realidade vivida pelas trabalhadoras sexuais e suas percepções sobre os serviços, organização política e coletiva para resistir às diversas formas de violência que enfrentam. Este método possibilitou o acesso a fenômenos, experiências e interações em diferentes contextos, tendo as narrativas como uma importante ferramenta (GARCIA; SOUZA, 2018), dando oportunidade de observar aspectos necessários para o traçado do perfil socioeconômico, a relação das trabalhadoras(es) sexuais entrevistadas com a profissão, sociedade, movimentos sociais e movimento de prostitutas, bem como situações de vulnerabilidade social, de violências e formas de enfrentamento, acesso à direitos e serviços públicos, entre outros.

Destaca-se que toda a equipe extensionista foi estimulada a realizar diários de campo, ferramenta utilizada como uma espécie de caderno ou registro onde o pesquisador documenta suas impressões, descobertas, reflexões e pensamentos ao longo do processo de pesquisa e o campo refere-se ao local onde o pesquisador realiza suas observações e coletas de dados. As entradas no diário de campo geralmente incluem descrições detalhadas do ambiente, das pessoas observadas, das interações, das conversas, das práticas culturais, dos eventos e de outras observações relevantes para a pesquisa.

O diário de campo é um instrumento valioso, e aqui parte-se da perspectiva também de Conceição Evaristo (2020) que utiliza o termo




"escrevivência" para abordar as experiências, como uma fusão entre "escrever" e "vivência", destacando a importância de contar histórias a partir de uma perspectiva que reflita as experiências únicas e muitas vezes marginalizadas. Evaristo (2020), que busca dar voz às narrativas que frequentemente são silenciadas na sociedade, inspirou, fundamentou e ajudou toda a equipe a manter um registro contínuo e detalhado das experiências vividas durante o trabalho de campo. Isso não apenas fornece uma base rica para análise posterior, mas também ajuda a capturar nuances e contextos que podem ser perdidos em métodos de coleta de dados mais formais.

Vale ressaltar que a experiência vivida é reinterpretada e recriada por quem a ouve, de acordo com sua própria experiência, valores e crenças. Por isso, ao longo do processo de pesquisa, foram feitos registros em diário de campo. Trata-se de uma metodologia a partir da qual são anotados aspectos técnicos, como informações referentes às condições de elaboração e descrições de pessoas, locais, ações e conversas observadas. Essa metodologia também pressupõe que as pesquisadoras produzam anotações de perspectivas afetivas, relativas aos sentimentos, impressões e pensamentos (BOGDAN; BIKLEN, 1994; LE COGUIEC, 2016; MALINOWSKI, 1976).

Dessa forma, seguindo com o trabalho após as etapas de planejamento, implementação e organização da equipe no campo para execução do diagnóstico, chegou o momento de ir à campo para a aplicação dos questionários, que aconteceu entre os meses de abril a julho de 2023. A equipe de pesquisadores foi dividida em duplas, considerando a compatibilidade de horários e dias comuns para a ida ao campo. Cada dupla ficou responsável por um ou mais hotéis, considerando a quantidade de trabalhadoras sexuais de cada hotel e a distribuição das entrevistas.

Avaliou-se ainda que seria importante ter pessoas de referência durante as idas ao campo. Por isso, ficou decidido que cada extensionista da pesquisa e a psicóloga de referência, seriam responsáveis pelo acompanhamento de um



determinado grupo de estagiários e por alguns hotéis. A distribuição dos hotéis entre os grupos considerou a média de trabalhadoras residentes e o alcance da meta mínima de 300 entrevistas.


Foi utilizada a amostragem por bola de neve (*snowball sampling*) na abordagem às trabalhadoras sexuais a serem entrevistadas, e consideradas as premissas da Psicologia Social para criação de vínculos afetivos e para a construção de um ambiente de confiança.

Uma importante premissa do diagnóstico foi a confidencialidade e proteção da identidade das participantes, garantidas pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – também elaborado na primeira etapa do projeto – e em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) - Lei nº 13.709/2018. Portanto, os resultados apresentados são um retrato coletivo e não individual.

No início de julho foi concluída a aplicação dos questionários, alcançando o total de 360 entrevistas. Logo após, teve início o processo de transcrição das respostas dos questionários, para o formulário criado, previamente, no Google Forms. A responsabilidade pela inserção das informações de todas as entrevistas foi das extensionistas e da psicóloga de apoio nas ações, considerando, para isso, as duplas e hotéis dos quais eram referência.

Deu-se o início da pesquisa documental e análise dos dados inseridos. Integrantes da equipe se encontraram regularmente, de forma presencial, para discussão sobre as análises e indicadores produzidos.

Como já mencionado desdobramentos das análises, foram feitos ajustes *a posteriori* nas categorias propostas inicialmente no questionário, como eixos macros de análise. Estes foram reformulados em: **marcadores identitários, trabalho sexual, acesso a serviços, violência, relação com a Aprosmig e pandemia**. A ideia surgiu por meio da percepção de subcategorias, que tinham relação direta com categorias intermediárias, e conseqüentemente, com os eixos macros, contemplando o agrupamento de respostas correlacionadas.



Em reconhecimento à participação das trabalhadoras sexuais que se dispuseram a responder o questionário, foi entregue pela equipe nos meses que seguiram, um cartão com uma mensagem de agradecimento e um tubo de gel lubrificante, como brinde para as participantes.


Durante todo o processo de execução do diagnóstico foram realizadas ações de avaliação e monitoramento, considerando o acompanhamento do grupo de pesquisa em campo, bem como por meio de encontros semanais da coordenadora geral e equipe.

4.4. Pesquisa narrativa e em memória social

Considerando que é preciso reconhecer e preservar as memórias, especialmente aquelas que foram marginalizadas ou suprimidas historicamente, na quarta etapa do projeto, desenvolveu-se a metodologia a partir da leitura da pesquisadora social Ecléa Bosi (1983). Parte-se da premissa de que a memória é um componente importante na construção da identidade pessoal e coletiva, que pode ser reconfigurada e influenciada por fatores emocionais, sociais e culturais.

Um grupo de mulheres que, historicamente, possuem uma ligação com o trabalho sexual na região de Guaicurus foi convidado a reconstruir coletivamente a memória local. As histórias orais, além de afirmarem a identidade dessas mulheres, oportunizaram reconhecer suas vivências, experiências e as transformações no território, a partir dos pontos de vista de quem viveu e vive o cotidiano da região. Parte-se da premissa de que “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.” (BOSI, 1983, p. 17).

Ao todo, participaram desta primeira parte da pesquisa em memória nove mulheres, com idade entre 59 e 77 anos, e, com tempo de trabalho na prostituição entre 30 a 50 anos, sendo que algumas ainda seguem trabalhando.




Os encontros das entrevistas tiveram a duração de uma hora/uma hora e meia. Foram compartilhadas as vivências e experiências de mulheres prostitutas em Belo Horizonte. Utilizou-se uma pergunta norteadora que embasou todo o relato compartilhado: “Qual a sua história aqui na Guaicurus?”, era a pergunta inicial de todos os encontros, de forma a criar espaço para a narrativa que se fazia.

Antes de cada entrevista, foi discutida a proposta e apresentados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo do Uso de Voz e Imagem, permitindo também a gravação dos áudios, de forma a garantir a confidencialidade e a configurar-se ao conselho de ética, base para toda pesquisa acadêmica. Desta maneira, para toda narrativa citada neste relatório, serão utilizados nomes fictícios ou nomeadas em conjunto, para, assim, garantir a proteção e respeito às histórias que foram compartilhadas.

Destacou-se as narrativas como um ponto essencial na pesquisa, em virtude de sua originalidade e singularidade que permite compreender os contextos e os significados atribuídos por elas, a partir das próprias vivências e realidades. A memória, coletada a partir dos relatos dessas mulheres, produziu, para além da afirmação de si, a possibilidade da expansão e do reconhecimento de quem verdadeiramente vivenciou o trabalho sexual e as transformações da região. Altera-se a narrativa vigente e, portanto, a preservação histórica é garantida a partir de outros lugares. A memória deixa de ser individual – e contada a partir de uma hierarquia pré-estabelecida socialmente – adquirindo um movimento coletivo.

As vozes das prostitutas, muitas vezes silenciadas e reduzidas, emergem por meio de suas narrativas como um valioso recurso para refletir constantemente sobre como as pessoas se posicionam no mundo, como o percebem e como o experimentam emocionalmente. Nessa dinâmica entre o singular e o coletivo, elas desenvolvem discursos autênticos e assumem papéis de protagonistas, que agenciam suas próprias vidas, escolhas e histórias.




A partir dos relatos coletados, todas as entrevistas foram transcritas por inteiro e subdivididas a partir de temas pré-estabelecidos pelo grupo. Foi utilizada a metodologia da análise temática, compreendendo que “o processo de AT começa quando o pesquisador procurar, nos dados, por padrões de significados e questões de possível interesse à pesquisa. Isso já pode ocorrer, inclusive, durante a coleta de dados, na condução de entrevista” (SOUZA, p. 54, 2019).

Para embasar o processo de agrupamento de todos os relatos, considerou-se coerente a utilização da metodologia citada acima, visto que as narrativas se fizeram a partir da produção de significados individuais e de pontos históricos em comum. Questões como relação da entrevistada com o território da Guaicurus, mudanças no tempo de trabalho, saúde e seus tratamentos, sujeitos que se destacaram em cada história, violência e sua relação com Ditadura Militar, entre outros.

Importante enfatizar que esta etapa teve o intuito principal de compreender o passar do tempo e sua relação com experiências de vida de cada trabalhadora sexual. Sendo assim, em todos os tópicos pontuados, foram considerados os atravessamentos do tempo cronológico em que cada narrativa se insere, utilizando este ponto como critério também de análise. Questão esta que auxiliou no momento da criação da **linha do tempo**, quinta etapa do processo metodológico, descrita a seguir.

4.5. Construção coletiva da linha do tempo

Na tarde do dia 21 de novembro de 2023, reuniram-se em uma sala, quinze mulheres prostitutas - representadas em suas diversidades por marcadores identitários/interseccionais como raça, identidade de gênero, orientação sexual, geração, religião - para a construção coletiva de uma linha do tempo sobre a história da prostituição na região da Guaicurus. A metodologia criada/adaptada pela professora coordenadora da pesquisa, consiste em utilizar



da história oral individual, que dita no coletivo, movimenta-se para a história social de determinados territórios. Ou seja, histórias pessoais constroem memórias coletivas.


Utilizando-se de papel Craft, foi feita uma linha reta, colocando décadas de destaque preliminarmente pensadas a partir da pesquisa documental e das entrevistas narrativas. De forma a embasar os marcos temporais destacados nessas narrativas, se somam outras histórias e memórias mais recentes, que juntas produzem espaços de reconhecimento intergeracional, coletivização identitária dos diversos saberes e fazeres, fomento de memória, de (r)existência e de transformação social.

O encontro iniciou-se com a pergunta “Quem chegou primeiro na Guaicurus?” e, individualmente, as histórias foram sendo contadas e perpassadas pelas experiências de todas. A equipe extensionista permaneceu responsável por anotar os relatos, com desenhos, palavras e frases ao longo da linha traçada. Foram produzidos, também, um mapa mental e uma ata do andamento do grupo.

Desse modo, foram compartilhadas as vivências das prostitutas, mostrando ainda as vulnerabilidades sociais, violências sofridas, bem como potencialidades e redes de fortalecimento criadas ao longo do tempo na região da Guaicurus. Após a conclusão, os produtos gerados foram expostos em um evento organizado pela DIPM, APROSMIG e equipe da pesquisa.

Esse evento aconteceu no dia 28 de novembro de 2023, das 14h às 18h, no Centro de Referência das Juventudes de Belo Horizonte (CRJ-BH) e contou com salas para atendimento às trabalhadoras sexuais e acesso a algumas políticas públicas, exposição do infográfico e linha do tempo, o seminário de apresentação dos resultados da pesquisa.

O seminário teve duração de duas horas e meia e programação pré-elaborada com quatro etapas. Iniciou-se com a mesa de abertura, com falas das diretoras da Aprosmig e da DIPM, a Subsecretária de Direitos e Cidadania, a coordenadora geral da pesquisa/representante da PUC Minas, a Deputada



Federal Duda Salabert e a Presidenta do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher. Em um segundo momento houve a apresentação pela equipe da pesquisa dos resultados obtidos no processo. Após, aconteceu uma breve apresentação artística do grupo Mobiliza SUS. Ao final houve a mesa de debates, com representantes das trabalhadoras sexuais, da Aprosmig, PUC Minas, das políticas públicas e um pesquisador/doutorando da UFMG, que trouxeram apontamentos sobre a pesquisa e abriram espaço para aprofundamento da discussão com a plateia participante.

Durante todo o evento foi realizado o atendimento às trabalhadoras sexuais promovendo acesso às informações e serviços, por meio das parcerias com a Defensoria Especializada na Defesa dos Direitos das Mulheres em Situação de Violência (NUDEM), a Defensoria Pública de Minas Gerais, a equipe do Programa BH de Mãos Dadas Contra a Aids e a equipe da Pastoral da Mulher.

Encerrando as atividades desse dia foi oferecido um lanche proporcionando a interação entre as pessoas participantes.

Apresenta-se a seguir a imagem da linha do tempo no intuito de expor visualmente o resultado do encontro:


5. DESCOBERTAS E RESULTADOS

Serão apresentados a seguir a sistematização e análise dos dados produzidos e demonstrados por meio de indicadores quantitativos e qualitativos. Os dados levantados foram agrupados pela relação entre si e foram representados em 6 eixos macros - marcadores identitários, trabalho sexual, APROSMIG, acesso a serviços, violência e pandemia.

5.1. Marcadores identitários

Entende-se por marcadores identitários características que uma pessoa ou grupo utiliza para expressar e afirmar sua identidade, desempenhando um papel significativo na formação da identidade individual e coletiva. A ideia de que uma identidade é construída através de diversos elementos, como raça, gênero, orientação sexual etc., tem sido explorada por pensadores em diversas disciplinas ao longo do século XX. Faz-se importante destacar que estes marcadores identitários formam linhas que se cruzam, interconectam e se sobrepõem em diversas formas de opressão, discriminação e conveniência que as pessoas podem enfrentar simultaneamente. Desenvolvida principalmente nos campos dos estudos de gênero, crítica racial e teoria feminista, a interseccionalidade mostra que as identidades e experiências individuais não podem ser compreendidas isoladamente, mas sim como interseções complexas de diferentes fatores sociais (CRENSHAW, 1989).

Uma ideia central da interseccionalidade, e que está implicada nesta pesquisa, é que as categorias tradicionais de análise, como gênero, raça, classe social, orientação sexual e outras, devem ser consideradas por suas interligações que influenciam-se mutuamente, moldando as experiências e a posição social de uma pessoa na sociedade. Desse modo, a interseccionalidade, nos permite uma compreensão mais aprofundada da vivência dessas trabalhadoras sexuais na



sociedade, refletindo sobre as opressões, situações de maior vulnerabilidade e risco social, quanto potencialidades e formas de enfrentamento.

Ao entender a identidade como metamorfose e alternativa de emancipação, afirma-se “a progressiva e interminável concretização histórica do vir-a-ser humano, que sempre se dá como superação das limitações e das condições objetivas existentes em determinadas épocas e sociedades” (CIAMPA, 1997 apud DANTAS, 2017, p. 5). Portanto, o uso das transformações de si, contribui para o aprofundamento das reflexões dos quereres e desejos das próprias mulheres diante das projeções sociais existentes e consequentemente das condições que se encontram.

Isso se evidencia quando prostitutas ao se afirmarem como sujeitas políticas de sua história, se reconhecem em outros papéis sociais que exercem ativamente, seja como mãe, filha, avó, estudante, entre outros. Articulam saberes e fazeres para além da prostituição, (r)existindo como mulheres e também como trabalhadoras sexuais, na luta por melhores condições de trabalho, pela regulamentação da prostituição, por acesso e/ou garantia de direitos humanos, direitos das mulheres, entre outros (FERNANDES, 2015).

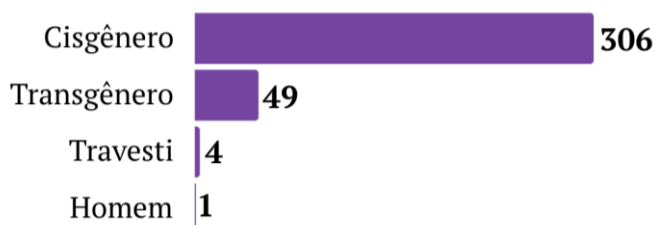
Tal processo contribui ainda para desconstrução do estigma e preconceito social construídos socialmente sobre a prostituição, exemplo disso é que ao se afirmarem como **puta**, o que impacta diretamente na forma em que cada sujeita vive a experiência do próprio trabalho, bem como na relação que se cria com os clientes, família e sociedade, acaba não se deixando se reduzir a rótulos sociais estigmatizantes, tendo em vista as representações sociais para a liberdade de ação de determinados grupos.

Embasando no que foi discorrido acima, inicia-se a análise dos dados. Nas respostas sobre faixa etária foi possível observar que quase a metade da amostra, 49,4% (178) das mulheres estão entre 21 a 30 anos, 26,7% (96) tem entre 31 a 40 anos, 12,2% (44) entre 41 a 50 anos, 5,3% (19) entre 51 a 60 anos. Os números mais baixos ficaram entre as mulheres mais novas e as mais velhas, 5% (18) entre

de 18 a 20 anos, 1,1 (4) tem de 61 a 70 anos e uma não quis responder a sua idade. Estes resultados apontaram para um perfil semelhante ao da pesquisa de 2016, exceto pela porcentagem de entrevistadas na faixa de 18 a 20 anos, que obteve uma considerável redução na pesquisa atual.

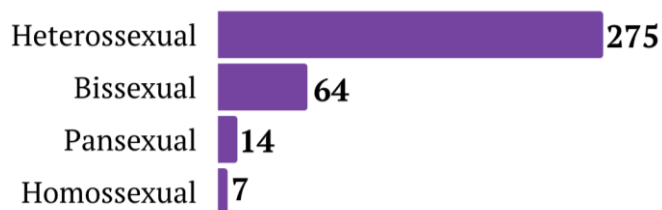
Relacionando a identidade de gênero, 85% das participantes entrevistadas se autodeclararam como pessoas cisgêneras. 13,6% como transgêneras, 1,1% como travestis e 0,30% disse já ter se identificado como homem.

Gráfico 1: Qual é a sua identidade de gênero?



Quando perguntadas sobre a orientação sexual, 76,4% disseram ser heterossexuais, 17,8% bissexuais, 3,9% pansexuais e 1,9% como homossexuais.

Gráfico 2: Qual é a sua orientação sexual?

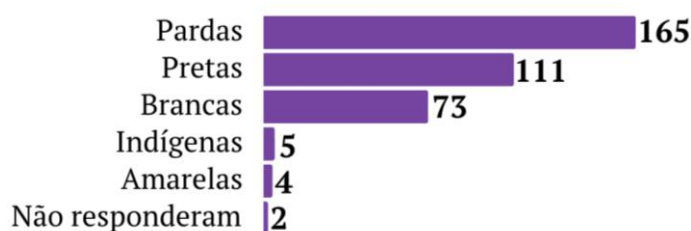


Foi possível constatar, a partir dos dados obtidos na questão sobre autodeclaração de raça/cor que 76,6% (276) das trabalhadoras sexuais da região da Guaicurus se autodeclararam como mulheres negras, sendo 45,8% (165) pardas e 30,8% (111) pretas. Isso já era uma realidade na pesquisa de 2016, na qual 67% das participantes se autodeclararam como negras. A frase abaixo, dita por uma trabalhadora, sexual que participou das entrevistas narrativas e memória aponta que, historicamente, sempre houve na região um grande número de mulheres negras exercendo o trabalho sexual.

“Antigamente, quase não havia mulheres brancas na zona: “era só mulher negra. Só mulher negra! Se você via uma loira na zona você já ficava passada! (...) Você não via mulher branca, era tudo negra. Morena, puxada pra negra” (Vanessa)”

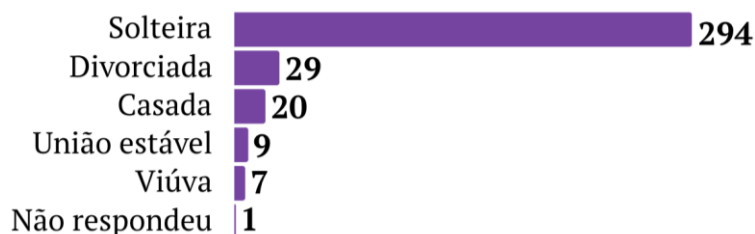
Percebe-se, a partir da análise desses indicadores, o que mulheres negras vivenciam no Brasil, que segue sendo um país marcado por estruturas racistas historicamente construídas, tendo como pano de fundo a desigualdade social. São mulheres negras que, majoritariamente, ainda ocupam espaços de trabalho vistos como subalternos, invisibilizados e/ou à margem social, como acontece com a prostituição, mesmo considerando que elas sejam no exercício dessa ocupação, agenciadoras de suas escolhas e vidas.

Gráfico 3: Raça/Cor



A maioria das participantes, 81,7% disseram estar solteiras. 8% disseram que são divorciadas, 5,6% casadas, 2,5% estão em uma união estável, 1,9% são viúvas e uma não respondeu. O perfil das entrevistadas se mantém semelhante à pesquisa de 2016.

Gráfico 4: Estado Civil

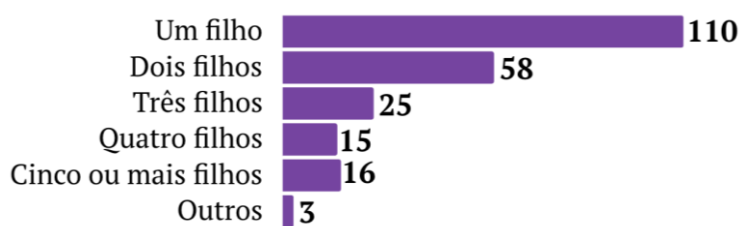


Quando perguntadas se têm filhos, 227 das entrevistadas afirmaram ser mães, outras 131 (36,4%) disseram não ter filhos e duas disseram estar grávidas. Analisando esses dados em relação ao marcador estado civil, 63% das

entrevistadas são mães e 81,7% estão solteiras, evidencia-se então, que há uma quantidade expressiva de trabalhadoras sexuais que são mães solo.

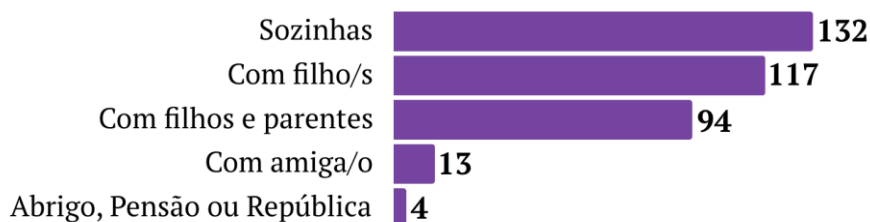
Complementando, o gráfico abaixo mostra que das 227 entrevistadas que disseram ser mães, a maioria tem um ou dois filhos. Na opção outros, apareceram respostas que apontaram um animal de estimação como filho.

Gráfico 5: Você tem filha(as/os)?



Na pergunta com quem mora atualmente, notou-se que a maioria das entrevistadas, 58,6% moram com a família, considerando para isso, a soma das respostas em que elas disseram estar morando com filhos e com outros parentes (companheiro(a), esposo(a), mãe, pai, irmãos, neto, tia, prima), outras 36,7% moram sozinhas, 3,6% vivem com pessoas amigas e 1,1% estão em abrigo, república ou pensão.

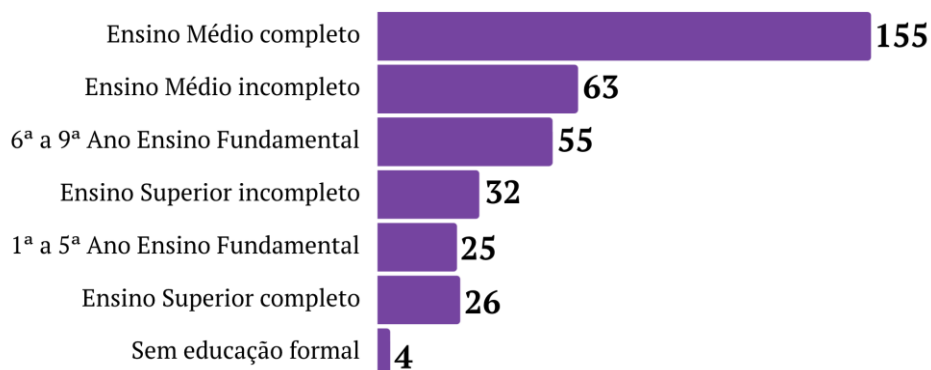
Gráfico 6: Com quem mora atualmente?



Em relação à questão sobre escolaridade, a maioria das participantes, 43,1%, disseram ter o ensino médio completo, 17,5% ainda não concluíram o ensino médio, 15,3% têm entre o 6º ao 9º ano do ensino fundamental e 6,9% têm entre o 1º e 5º ano do ensino fundamental. Vale ressaltar que 16,1% das participantes chegaram à universidade, sendo que 7,2% concluíram o ensino

superior e 8,9% têm o ensino superior incompleto. 1,1% não teve nenhuma educação formal. Os dados obtidos foram semelhantes a pesquisa de 2016.

Gráfico 7: Escolaridade



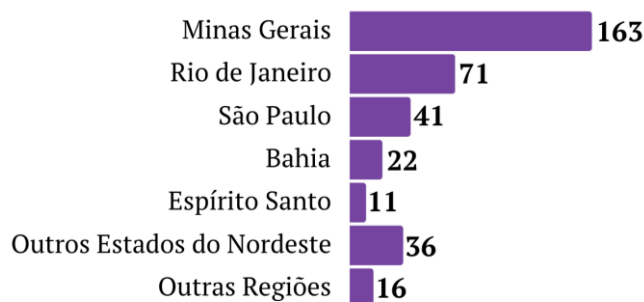
Na questão sobre o local de nascimento, foi possível observar que a maioria das entrevistadas, 45,3%, nasceram em Minas Gerais, sendo 23,6% (85) do interior, e, outras 21,7% (78) da capital mineira. O estado do Rio de Janeiro foi o segundo mais mencionado, 17,5 % (63) nasceram na capital carioca e 2,2% (8) no interior. São Paulo apareceu em terceiro lugar, 7,2% (26) nasceram na capital paulista e 4,2% (15) no interior. Considerando a Região Sudeste, ainda aparece o estado do Espírito Santo, sendo mencionado por 3,5% (11) mulheres.

Da Região Nordeste, Bahia foi o estado mais citado com 6,1% (22), seguido pelo Rio Grande do Norte e Paraíba, ambos com 2,2% (8). Logo, apareceram Pernambuco e Ceará com 1,94% (7). Ainda foram mencionados os estados de Alagoas, Piauí, Sergipe e Maranhão. Da Região Norte apareceram pessoas nascidas em cidades do Pará, Amazonas, Rondônia e Acre. Da Região Centro Oeste, algumas participantes nascidas em Goiás e Mato Grosso do Sul. Da Região Sul, apareceu uma única pessoa nascida no interior do Paraná.

Fica perceptível, a partir dessas análises e gráfico abaixo, o intenso processo migratório vivenciado na região da Guaicurus, no qual mostra que 78,3% das trabalhadoras são migrantes, sendo 54,7% (197) vindas de outros estados, a maioria dos estados do Rio de Janeiro - 19,7% (71) e de São Paulo - 11,4% (41), outras 23,6% (85) são migrantes do interior de Minas Gerais. Além

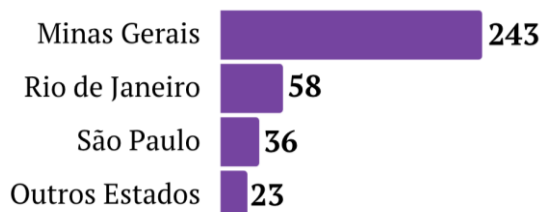
disso, evidencia-se o fluxo de mulheres vindas de todas as regiões do país, sendo mais inexpressiva por parte da Região Sul.

Gráfico 8: Naturalidade (Cidade/Estado)



Quando perguntadas sobre o local onde residem, foi constatado que 67,5% (243) das entrevistadas moram em Minas Gerais, sendo 49,7% (179), quase metade, residentes em Belo Horizonte, e, 17,8% moradoras de cidades da região metropolitana e interior do estado. As outras 32,5% residem em suas cidades de origem ou locais para os quais migraram.

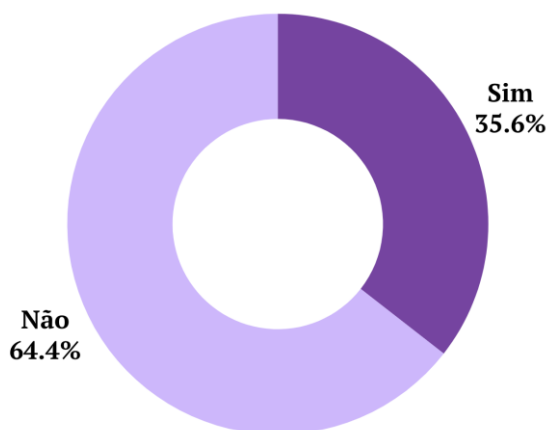
Gráfico 9: Em qual cidade reside?



Sobre a questão relacionada à saúde, 232 entrevistadas, representando a maioria das mulheres, disseram não ter qualquer questão relacionada à saúde e, outras 128 responderam "sim" para essa questão. Considerando isso, 52% (67) apontaram ter algum tipo de transtorno psiquiátrico/sofrimento mental relacionado à saúde como - depressão, ansiedade, anorexia, síndrome do pânico e claustrofobia; 25,6% (33) disseram ter hipertensão; 21,7% (32) sofrem com doenças respiratórias; 12,5% (16) têm ou já tiveram alguma infecção sexualmente transmissível (IST), das quais, 5,5% (7) são pessoas vivendo com HIV; 5,4% (7) têm diabetes; 3,12% (4) têm doenças cardiovasculares. Ainda foram

pontuadas na opção outros, anemia, câncer, alterações hormonais, problemas de coluna, fibromialgia, gastrite nervosa, reumatismo, artrose, pedra nos rins e na vesícula, fibromialgia, enxaqueca.

Gráfico 10: Você tem alguma questão relacionada à saúde?




Quanto à pergunta acerca da existência de algum tipo de deficiência, 98,1% (353) participantes responderam não ter qualquer tipo de deficiência; 1,4% (5) disseram alguma deficiência, citando condições na mão e na perna, visual (alto grau de óculos de miopia), nanismo e necrose vascular no fêmur; 0,5% (2) não responderam.

Tendo como base esses marcadores, apresenta-se no próximo eixo aspectos relacionados ao trabalho sexual.

5.2. Trabalho sexual

Ao longo da história foram inúmeras as tentativas de abolir a prostituição em todo o mundo, com regulamentações que perpetuaram o estigma, marginalizando as mulheres e seus descendentes. No Brasil, apesar da exclusão normativa, a prostituição continua ativa, e marcada por tentativas de controle, segregação e abolição (BARRETO, 2013).


Em 2002, o Ministério do Trabalho e Emprego incluiu o trabalho sexual na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), indexado pelo código 5198 -



Profissionais do Sexo, com o título 5198-05 - Profissional do sexo, e as seguintes nomenclaturas: Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Trabalhador do sexo. A ocupação é descrita atualmente da seguinte forma: "buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes; participam em ações educativas no campo da sexualidade". As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidade da profissão".

Ainda segundo a CBO, as atividades das(os) profissionais do sexo **são divididas em cinco eixos**: (A) **BUSCAR PROGRAMA**: agendar o programa, produzir-se visualmente, esperar possíveis clientes, seduzir o cliente, abordar o cliente; (B) **MINIMIZAR AS VULNERABILIDADES**: negociar com o cliente o uso do preservativo, usar preservativos, utilizar gel lubrificante à base de água, participar de oficinas de sexo seguro, identificar doenças sexualmente transmissíveis (DST), fazer acompanhamento da saúde integral, denunciar violência física, denunciar discriminação, combater estigma, administrar orçamento pessoal; (C) **ATENDER CLIENTES**: preparar o kit de trabalho (preservativo, acessórios, maquiagem), especificar tempo de trabalho, negociar serviços, negociar preço, realizar fantasias sexuais, manter relações sexuais, fazer strip-tease, relaxar o cliente, acolher o cliente, dialogar com o cliente; (D) **ACOMPANHAR CLIENTES**: acompanhar cliente em viagens, acompanhar cliente em passeios, jantar com o cliente, pernoitar com o cliente, acompanhar o cliente em festas; e (E) **PROMOVER A ORGANIZAÇÃO DA CATEGORIA**: promover valorização profissional da categoria, participar de cursos de auto-organização, participar de movimentos organizados, combater a exploração sexual de crianças e adolescentes, distribuir preservativos, multiplicar informação, participar de ações educativas no campo da sexualidade.

Apesar de ser oficialmente reconhecido como uma ocupação, o trabalho sexual ainda depende de regulamentação e, portanto, o Estado não garante direitos trabalhistas, e não fiscaliza locais de trabalho. São muitos os aspectos



inerentes ao cotidiano do trabalho dessas profissionais, marcado por estigmas e opressões sociais somados aos mais diversos tipos de violências, conflitos com a polícia, ocultação da profissão, conflito moral e inúmeras violações de direitos (BARRETO, 2015).

Embora a ocupação dos hotéis na região da Guaicurus pela prostituição seja tão antiga quanto Belo Horizonte, as medidas interventivas de higienização acontecem intermitentemente ainda nos dias atuais. Todos esses fatores podem oferecer riscos psicossociais e adoecimento mental, se somados a outros tantos, como sobrecarga de trabalho, inconstância de horário e local, condições de trabalho precárias e insalubres, discriminação e exclusão social, envelhecimento precoce e falta de oportunidades da carreira. Sem contar questões mais específicas do contexto do trabalho sexual como maior risco de exposição às IST, negligência e/ou não acesso à direitos sexuais e reprodutivos, aspectos ergonômicos, além de fatores relacionados ao uso abusivo de álcool e outras drogas.

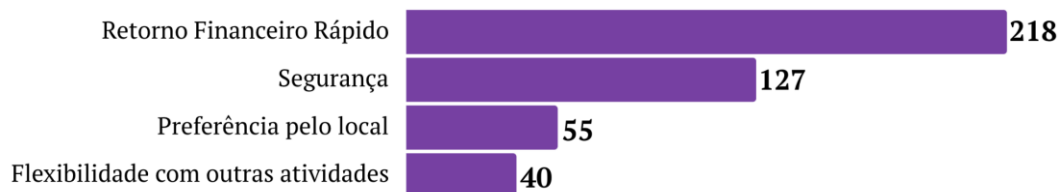
É relevante enfatizar que, no contexto da prostituição, há estudos que afirmam que as condições socioeconômicas são determinantes nas subjetividades das trabalhadoras sexuais, nas quais predominam a falta de autoestima e de autoconfiança, precarizando suas existências e, que impedindo que a prostituição, enquanto ocupação, seja uma escolha real (MATTOS, 2009).

Dessa forma, essa autora faz uma crítica dos estudos brasileiros sobre prostituição, taxando-os de “politicamente corretos”, elaborando um paralelo entre classe social, trabalho e o capital. Aspectos que desconsideram, portanto, qualquer poder de agenciamento dessas mulheres sobre suas vidas. Percebe-se na região da Guaicurus, algumas mulheres em situações de vulnerabilidade e risco social, e também mulheres que transformam isso em potencialidades, se unindo e buscando formas de enfrentamento das adversidades (FERNANDES, 2015). Considerando isso, seguem abaixo as análise e informações sobre o eixo trabalho sexual.

Quando perguntadas sobre o motivo pelos quais elas optaram por trabalhar nos hotéis da Guaicurus, o retorno financeiro rápido foi a resposta de mais de 59% das entrevistadas. As motivações para isso são várias e algumas frases vêm ilustrar essa ideia.

“Falta de opção, fiquei desempregada; Falta de dinheiro, Necessidade, contas para pagar, crianças para cuidar; Dificuldade de encontrar emprego; por dinheiro; Desemprego; Facilidade de acesso; Falta de opção; manter padrão financeiro de vida alto; Falta de oportunidade no mercado de trabalho e preconceito; dívida; após a pandemia”

Gráfico 11: O que te fez optar pelos hotéis da Guaicurus para trabalhar nesta ocupação?

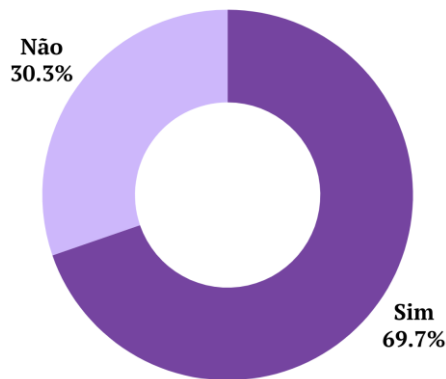


A questão da segurança foi identificada em 127 (35%) respostas. Essas respostas vêm acompanhadas de frases que devem levantar discussões críticas sobre o local de trabalho:

“Não sou obrigada a beber; Na rua é mais perigoso; Segurança em relação a rua, à noite; Na rua tem mais perigo; Menos drogas que em boates; Trabalho na rua é complicado; Menos risco; Conforto de não ter que ficar na rua pegando friagem;”

Foi possível observar, ainda, que a opção pelos hotéis da Guaicurus, além das questões acima, pode ser também uma forma de inserção no mercado de trabalho, uma indicação, um meio de esconder a profissão, uma opção de trabalho diurno, ou simplesmente uma curiosidade, ou acaso.

Gráfico 12: Você acredita que existe alguma diferença entre ser trabalhadora sexual e trabalhar em outra ocupação qualquer?



251 entrevistadas acreditam que existe alguma diferença entre ser trabalhadora sexual e trabalhar em outra ocupação qualquer. Em relação às diferenças existentes entre o trabalho sexual e outros trabalhos, 123 entrevistadas citaram preconceito, discriminação, humilhação, marginalização, desigualdade e julgamento da sociedade como uma das maiores diferenças entre ser trabalhadora sexual e atuar em outra atividade. Palavras marcantes foram ditas após o sim dessa questão:

“Preconceito, porque é uma profissão considerada de outro mundo e a sociedade diminui as pessoas...; Existe muito preconceito, não é muito aceito pela sociedade; Primeiro a discriminação é muito grande e não tem garantia...; Visão/Tratamento da sociedade, comércio e prestação de serviços com preconceito, falta de apoio familiar, falta de auxílio financeiro, desvalorização das mulheres e objetificação pelos homens; Trabalho normal, não tem que fazer sexo o tempo todo; Tem que ter muita grana. É muita humilhação quando o cliente chega e te chama de prostituta, tem que ter muita calma; Dignidade: em outro trabalho não precisa abrir as pernas; Acredito que o tratamento que as pessoas dão é diferente, a maneira como olham para nós, trabalhadoras; Não se sentir digna e merecedora, a sociedade julga; Muitas críticas. As pessoas não têm outro emprego para pessoas trans; A sociedade olha com outros olhos e acha que tem doença; As pessoas igualam a gente. A gente só serve para isso e não podemos fazer outra coisa; Prostituição é mais sofrida e discriminada. Desigualdade”

Ainda sobre a diferença existente no trabalho sexual, 72 mulheres falaram sobre retorno financeiro maior e mais rápido. Algumas outras citaram questões ligadas ao corpo, como o ato sexual em si, o fato de ter que se despir, comportamento e contato físico como diferença:



“A renda é a maior diferença, não existe uma outra profissão que uma mãe solteira possa estudar, cuidar do filho, da casa e dar conta de trabalhar. Falo de trabalhos de carteira assinada ganhando o que ganho na prostituição; ...Financeiramente. O que você ganha em 30 dias eu ganho em 1 dia; O dinheiro é mais rápido; Para mim não é fácil me deitar com qualquer um. Mas consigo fazer muito mais dinheiro aqui, mesmo não sendo fácil; Profissão é sigilosa para mim. Eu nunca vou falar que faço isso. Aqui ganho mais dinheiro que em outra profissão; Em outras profissões não preciso me despir; Na prostituição não sou vista como mulher e vejo os clientes como ‘carteiras andantes; Porque não estaria usando o corpo em outro trabalho; Transar o tempo inteiro não é comum em outros trabalhos”

Já outras apontaram questões sobre flexibilidade, liberdade em ter seu próprio horário, falta dos direitos trabalhistas, benefícios. Também apareceram aspectos ligados ao psicológico, à saúde mental, vida dupla, insegurança, risco e violência:

“O ganho financeiro é maior, e também temos flexibilidade de horários; A profissão não é considerada profissão. O horário é diferente, montamos o próprio horário; ... o salário é maior e eu escolho o horário que eu trabalho; É melhor, porque é um dinheiro fácil, e eu administro meu próprio horário; “Para a sociedade, não somos nada. Não temos nenhum vínculo empregatício; Uma outra ocupação tem carteira assinada e direitos, e Trabalhadora sexual não tem direitos, nada; Carteira assinada e direitos trabalhistas; Lá fora a pessoa pode crescer mais como pessoa - psicologicamente e emocionalmente. Aqui, fica numa bolha, sem saída; Os outros trabalhos mexem menos com o psicológico; Por falta de opção, vivemos violações psicológicas e emocionais. É um processo de lapidação, que tem muita discriminação; É muito desgastante espiritual e psicologicamente, mas com retorno rápido; Tem diferença com questões financeiras, psicológicas, sociais, amizades e de convivência; Correr risco de saúde; Segurança. Direito de receber. Exposição das doenças transmissíveis; Porque é mais perigoso. Exposição à violência, doenças, preconceito; Mais difícil, corre muito risco”

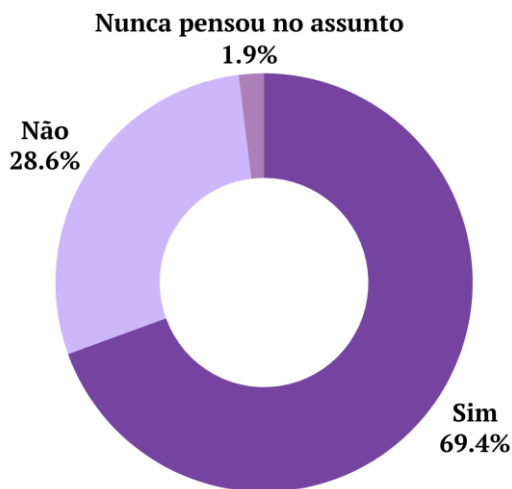
Uma minoria, 18 mulheres das 360 entrevistadas, acreditam que em outros trabalhos se tem uma vida mais saudável, e mais importante, disseram não gostar do que fazem, apontaram o trabalho como cruel e humilhante, que é um dinheiro sujo, acham um trabalho desonesto, vergonhoso, onde jamais contariam a alguém o que fazem:

“Com certeza é muito grande a diferença, uma coisa não tem nada a ver com a outra, essa profissão é cruel. Se Deus quiser vou sair fora; ...Não consigo ter vida normal, ciclo social, não sou disso, estou em vez de aposentada; Acredito que os demais trabalhos são honestos. Prostituição é


um dinheiro sujo; Outros trabalhos tem uma vida mais saudável; Não faço o que gosto, aprendi a me defender de pessoas (mãe). Em outros trabalhos me sinto mais importante; É errado e o dinheiro não rende”

É evidente que tal omissão parte do receio de uma provável reação repreensiva, que elas acreditam que os familiares teriam, e/ou surge com um intuito de protegê-los, uma vez que não são somente as prostitutas estão sujeitas ao preconceito e a discriminação, mas também seus familiares. Assumir ou omitir a ocupação tem ligação com o sofrimento e com vários estigmas enraizados na prostituição, em uma construção milenar que dita, ainda, os modos de conduta para as prostitutas, destituindo-as e/ou não as reconhecendo em outros papéis sociais (FERNANDES, 2015).

Gráfico 13: Você gostaria de ter sua ocupação regulamentada enquanto profissão?



250 entrevistadas gostariam de ter sua ocupação regulamentada enquanto profissão. As trabalhadoras enxergaram na regulamentação uma possibilidade de reconhecimento da prostituição enquanto um trabalho como outro qualquer. Levando, assim, a uma provável diminuição do preconceito, julgamento, estigma, esforço de trabalho e outras formas de discriminação. Sem deixar de pensar também na família, nas possibilidades de comprovação de renda, nos direitos, especialmente direitos trabalhistas, com segurança



financeira. Palavras marcantes, durante as entrevistas exemplificam a fala dessas mulheres que disseram sim:

“É importante, é um trabalho; Para entender que é um trabalho honesto; sim, porque é um trabalho como qualquer outro e merece direitos iguais; Sim, porque é um emprego, a diferença é que a gente vende a buceta; Porque é uma profissão como qualquer outra; Se eu tô ganhando dinheiro, é uma profissão como outra qualquer; Sim, seria bom para todos, ajudar o preconceito a diminuir; Aceitação da sociedade da gente porque sofremos muito preconceito; Porque somos muito julgadas por esse trabalho, e regulamentar pode ajudar a diminuir isso; Porque a gente sofre demais, a gente seria menos explorada; Se fosse regulamentado, ia acabar os preconceitos, que são muitos, mas é um trabalho muito normal; Para a gente se reconhecida, e não só julgada, como a gente é; Para nos incluir na sociedade, tem pessoas que não veem nosso trabalho como uma profissão; Muito preconceito, eu sustento minha família e pago minhas contas, é um trabalho honesto; Seria mais respeitada; Seria bom por causa da aposentadoria, mas haveria julgamento, por isso deveria ser regulamentada com outro nome, que não levasse temos como “prostituta” ou “sexual”; Para termos direitos iguais; Mais direitos trabalhistas porque vamos ficar velhas; Para garantir os direitos da profissão; Para uma maior segurança de aposentadoria e segurança na saúde; Já vi mulheres mais velhas trabalhando nisso e não gostaria de estar naquela situação, sem aposentadoria; “Porque a gente sofre demais, é horrível a gente acordar mal e ter que vir trabalha, regulamentando, a gente vai ter uma profissão e aí vai te direitos; Gostaria pela instabilidade financeira, porque é tudo muito incerto, começa na expectativa e termina na frustração; Porque teria benefícios financeiros do registro; Para ter um valor fixo; Para ter mais controle sobre os pagamentos; Mais fácil comprovar renda para conseguir coisas como financiamento de casa; Burocracia, comprovação de renda”

Avaliando as respostas do grupo a favor da regulamentação, percebe-se uma aproximação com o que enfatiza Fernandes (2015), ao se pensar na possibilidade de articular saberes e fazeres para além de sua ocupação, resistindo e lutando pelo reconhecimento da prostituição como profissão e lutar por melhores condições de trabalho, garantia de direitos humanos, direitos das mulheres, entre outros.

Algumas trabalhadoras defendem a regulamentação, mas falam do cuidado com o nome que seria usado, se atentam para quais benefícios seriam e quais impostos pagariam:

“Necessita acompanhar todas as instâncias jurídicas, envolvendo o INSS, fundo de garantia. É importante o como fazer, pensar em todas as

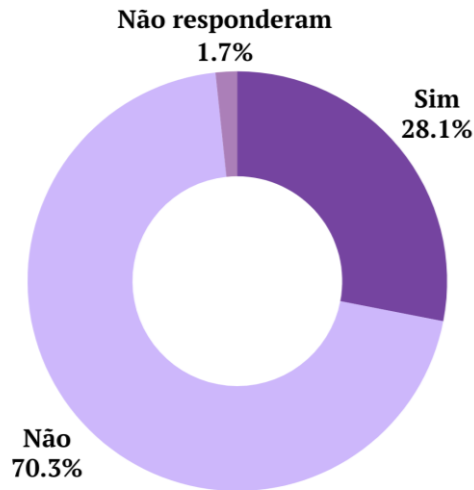
questões, incluindo o nome da profissão, quem irá organizar e mandar nos direitos, salário e etc”

Por outro lado, 103 entrevistadas não gostariam de ter sua ocupação regulamentada enquanto profissão e 7 disseram que nunca pensaram no assunto. Do grupo que não é a favor da regulamentação, as mulheres explicaram ser algo temporário em suas vidas, e/ou têm desejo de sair da ocupação. Também acreditam que, com a regulamentação, pagariam mais impostos e, com isso, ganhariam menos. Outras mulheres disseram que, sem a regulamentação, têm mais autonomia, e conseguem manter mais sigilo. Algumas, acham vulgar, vergonhoso e com a regulamentação têm receio da exposição com a família. Pensam no julgamento, preconceito da sociedade e disseram que não gostariam de assinar com o nome “profissional do sexo”. Outras sentem que ao apoiar a regulamentação podem estimular a prostituição. Algumas frases ilustram essa ideia:

“Não, porque seria horrível, pagar salário para dar a buceta; A prostituição é algo temporário e não é futuro; não, porque sonho em sair desse ambiente; Não, porque quero outro meio de trabalho, esse é só um complemento; Não, não é uma profissão. Sou obrigada para não passar necessidade; Garota de programa trabalha por si própria, sem dono de ninguém. Não quero ninguém sabendo de quanto eu ganho, não quero ser escrava de ninguém; Teria salário fixo, talvez ganharia menos, eu que faço meu horário que é flexível; Não, incentivar alguém a trabalhar na prostituição é perigoso, algumas garotas têm a cabeça mais fraca. Estimular jovens a ter muito dinheiro sem ter a cabeça boa é complicado; Não, acho que ninguém deveria passar por isso. É um trabalho que traz vícios, você muda, e não deveria ser incentivado; Não, porque estimula os jovens a entrar na prostituição. Se tivesse seguido o conselho da minha mãe, assumiria o que sou e namoraria os rapazes e teria outra profissão, não a prostituição; Não, por conta da família. Não gostaria de ter minha carteira assinada como prostituta; Sinto vergonha; não, para manter o sigilo”

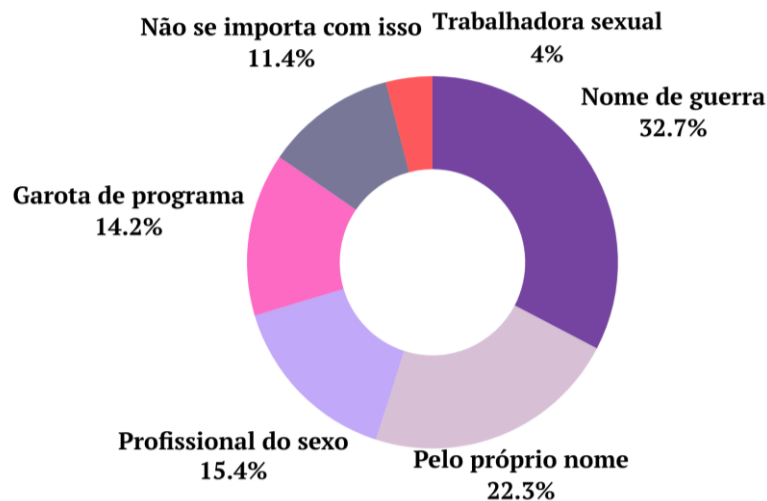
Ao analisar essa questão, acredita-se que ainda existe muita falta de informação a respeito do que representaria a regulamentação da prostituição, levando a suposições e confusões sobre a importância de ter o trabalho sexual regulamentado e como se daria os desdobramentos, considerando a garantia de direitos trabalhistas e previdenciários, bem como o acesso à benefícios.


Gráfico 14: Você participa ou tem interesse em algum movimento social ou político ligados à prostituição?



101 entrevistadas demonstram interesse em participar de algum movimento social ou político ligado à prostituição. A maior parte dessas mulheres não soube especificar quais movimentos sociais e/ou políticos. Outros grupos disseram ter interesse em atuar na Aprosmig, em “movimento de mulheres”, movimentos LGBTQIAPN+, mulheres trans, Parada Gay, temas voltados para a saúde mental, questões sobre políticas públicas, ações sociais e arte.

Gráfico 15: Pensando em sua ocupação, como você prefere ser chamada(o)?





Observa-se que o fato das prostitutas não se deixarem reduzir a rótulos sociais estigmatizantes, se apresentarem como pessoas ou se afirmarem enquanto putas, auxiliam e impactam diretamente na forma em que cada sujeita vive e executa o próprio trabalho e a relação que se cria com os clientes (BARRETO, 2015).

“Nome de guerra não, nunca fui para a guerra. Nome de trabalhadora sexual, é esse o meu nome.” Marta me recebeu já dizendo que tinha 20 anos que trabalhava nessa profissão e não conseguia ver nenhuma mudança. A questão toda era como as pessoas a sua volta a tratavam enquanto prostituta. Dizia ter todo o orgulho em se compreender como tal, mas achava um absurdo a maneira em que era tratada por se afirmar. Contou que escreveu um livro e que era para eu lembrar dela quando fossemos lutar pelas políticas (Trecho de Diário de Campo, 2023).

Diferentemente do que Marta traz no relato acima, a pesquisa mostra que a maioria das entrevistadas (129) preferem ser chamadas pelo nome de guerra - termo utilizado ao se referirem ao nome escolhido e que é usado especificamente no ambiente de trabalho sexual. Isso é feito como uma forma de ocultar e preservar a identidade real e tem relação com a vida dupla que acabam levando. É muito comum, ao serem perguntadas sobre seu nome em alguma ação da APROSMIG, elas perguntarem de volta, antes de responder à pergunta inicial, você quer o nome verdadeiro ou o de guerra/dos hotéis?

Logo depois veio a escolha pelo seu próprio nome com 88 mulheres. 61 ficaram com profissional do sexo, 56 com garota de programa, 45 mulheres disseram não se importar com isso, e 16 escolheram trabalhadora sexual.

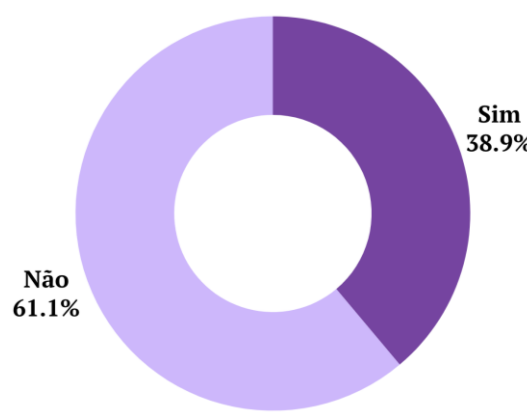
Algumas responderam fora do que estava pré-estabelecido e disseram que preferem ser chamadas de acompanhante, vendedora, profissional liberal, artista. Teve quem disse que não gosta dos nomes usados, e quem falou que gosta de: “Moça de família com problemas financeiros”, apelido e autônoma. De forma bem curiosa, as menos citadas foram putas: 10 mulheres citaram essa forma de denominação, e somente 9 citaram o termo prostituta.

Dentro desse cenário, foi comum escutar algumas prostitutas pontuando dificuldades de assumir a ocupação para a família, amigos e sociedade. Tal fato

causava-lhes desconforto, crises de ansiedade, medo de serem descobertas e julgadas. Majoritariamente, as prostitutas acabam levando uma vida dupla, tecendo histórias e trabalhos fictícios para omitir o que realmente fazem (FERNANDES, 2015), como o que Rita relata:

“Rita olhou para mim, sorriu e me perguntou se eu era psicóloga. Sorri de volta e respondi que era estudante. Conte um pouco sobre o trabalho que estávamos conduzindo com a APROSMIG. Ela me disse o quanto achava importante estarmos lá, “tratando da saúde mental” delas. Me contou que ali ela era uma atriz, mas não só ali. Falou sobre sua experiência no cinema, que fez uma participação pequena em um filme fora do país. “Não é diferente aqui. Veja, eu não uso meu nome verdadeiro aqui e jamais usaria essas roupas lá fora. Aqui eu estou atuando. Lá fora eu tenho outra história”. E me conta que, em alguns dias, não é fácil viver “dividida; ser duas pessoas” (Trecho de Diário de Campo, 2023).

Gráfico 16: Atualmente você tem alguma outra atividade ou trabalho, além desta ocupação?



Em relação a outro trabalho, 61%, ou 220 mulheres, disseram não ter outra ocupação além do trabalho sexual. E das 140 (39%) que responderam ter uma outra atividade, as principais e mais citadas foram: vendedora, de produtos diversos como artigos íntimos, cerveja, comida, roupas, doces, perfumes, cachaça e maquiagens.

Logo depois são mencionadas estudante universitária, técnica e mestranda, cabeleireira, esteticista e manicure, faxina, diarista, babá, área da beleza, esteticista, manicure. Outras disseram trabalhar em lojas diversas,

padarias e restaurantes, atuam também como cuidadora de idosos, técnica de enfermagem, microempreendedora, doceira, salgadeira, costureira, etc.

Gráfico 17: Você já trabalhou em outras cidades além de Belo Horizonte?

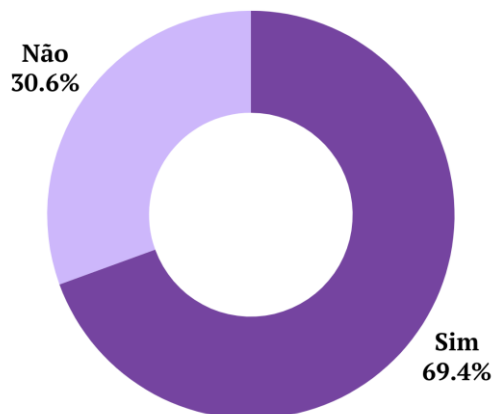
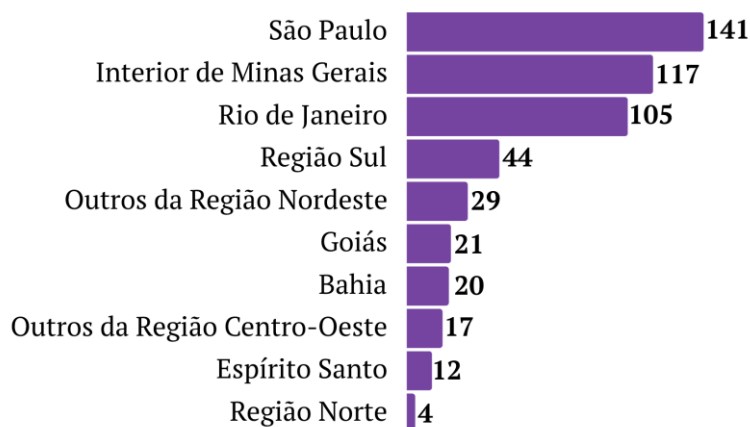


Gráfico 18: Se sim, qual(is)?



Muitas mulheres já passaram por outros estados e/ou cidades como trabalhadoras sexuais. O estado de São Paulo é o mais citado como opção de trabalho. A capital representa 84% do estado como preferência das entrevistadas, logo em seguida são citadas as cidades de Sorocaba e Ribeirão Preto com 2,8%, Santos e Campinas com 2,1% e São José do Rio Preto, São José dos Campos, São Bernardo do Campo, Jundiaí, Guarulhos e Piracicaba.

Em segundo lugar aparece o Estado de Minas Gerais, representado por 57 cidades mineiras. A primeira cidade é Divinópolis, com 8,5%, depois Contagem e Uberlândia com 4,2%, seguidas de Lavras e Itabirito, com 3,4%.

O Estado do Rio de Janeiro é representado por 7 cidades, inclusive a capital, com 91%, seguidas por Cabo Frio, Niterói, Búzios e Saquarema, com 1,9% cada.

A cidade de Goiânia (GO) é citada 21 vezes. O Estado da Bahia vem em seguida, com 20 citações de cidades como: Salvador, Teixeira de Freitas, Porto Seguro, Feira de Santana, Ilhéus e Itabuna. Com a mesma representatividade aparecem os Estados de Santa Catarina e Paraná. O primeiro com as cidades de Florianópolis, Balneário Camboriú, Joinville e Itapoá. O segundo com Curitiba, Foz do Iguaçu, Campo Largo e Londrina.

Brasília (DF) aparece 14 vezes. O Estado do Espírito Santo é citado 12 vezes com as cidades de Vitória e Nova Venécia. Paraíba aparece 8 vezes com a cidade de Campina Grande e João Pessoa. Fortaleza (CE) 6 vezes, o mesmo com Natal (RN). Recife (PE) aparece 5 vezes. Porto Alegre (RS) 4 vezes. Aracajú (SE) 3 vezes. E, por fim, Cuiabá.

Gráfico 19: Você já trabalhou/trabalha em outros locais além dos hotéis da Rua Guaicurus?

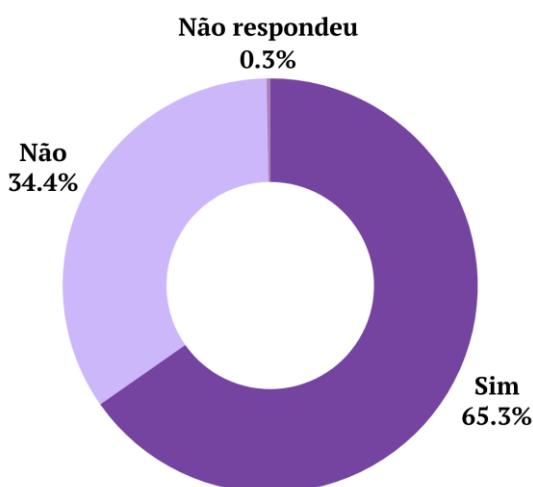
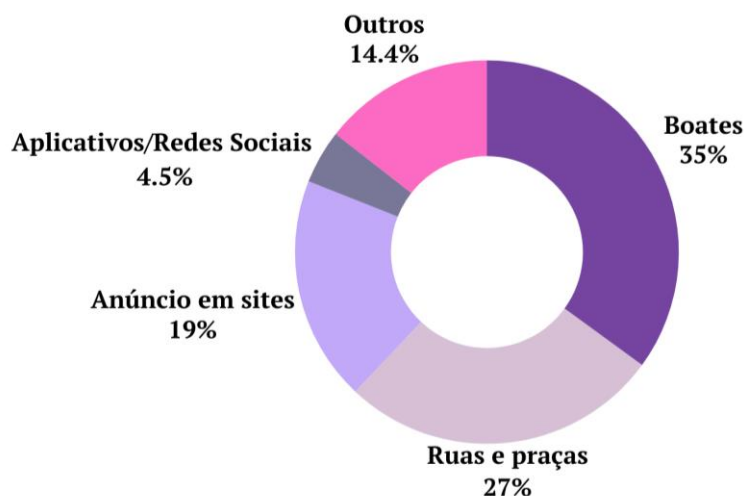
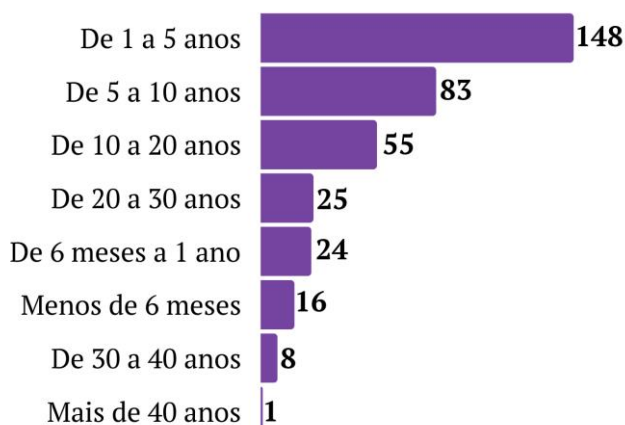


Gráfico 20: Se sim, onde?



235 mulheres informaram já ter trabalhado ou trabalham em outros locais além dos hotéis da Guaicurus. A maior parte (131 respostas) informou trabalhar ou já ter trabalhado em boates, seguido de ruas e praças (101). As demais respostas apontam para uma diversidade de locais, como anúncios em sites, aplicativos e redes sociais, casas de massagem, casas noturnas e privadas, bares e hotéis em outras regiões. A distribuição dos locais e suas respectivas proporções corroboram com o que já havia sido observado na pesquisa de 2016.

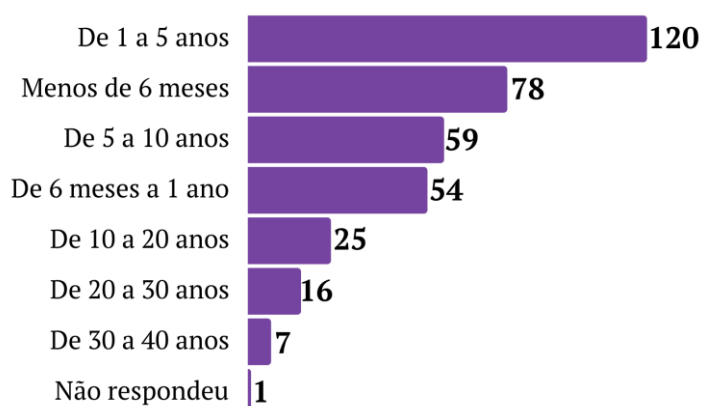
Gráfico 21: Há quanto tempo você trabalha nesta ocupação?



A maior parte das entrevistadas (41,1%) disse estar entre 1 a 5 anos na ocupação. Na sequência, 23,1% afirmaram ser trabalhadoras sexuais entre 5 a 10

anos. 15,3% trabalham nessa ocupação entre 10 a 20 anos, 6,9% estão entre 20 a 30 anos e 6,7% são mais recentes na atividade, entre 6 meses a 1 ano. A pesquisa identificou 16 mulheres (4,4%) há menos de seis meses na prostituição. Entre as mais antigas, 2,2% representam aquelas de 30 a 40 anos de profissão e somente 1 mulher respondeu trabalhar há mais de 40 anos. De maneira geral, as respostas em relação ao tempo na ocupação são semelhantes à pesquisa de 2016.

Gráfico 22: Há quanto tempo você trabalha na Guaicurus?



A representatividade é semelhante em relação ao tempo na Guaicurus, com 33,3% afirmando trabalhar entre 1 a 5 anos na região. Em segundo lugar estão as mais recentes: 21,7% disseram estar há menos de 6 meses nos hotéis da Guaicurus. 16,4% responderam atuar entre 5 a 10 anos, 15% de 6 meses a um ano, 6,9% de 10 a 20 anos, 4,4% de 20 a 30 anos e 1,9% de 30 a 40 anos na região. Apenas uma não respondeu.

Quando perguntadas sobre o que motivou optar pelos hotéis da Guaicurus, a maior parte afirma ser o retorno financeiro rápido (218 respostas), seguido de segurança (127 respostas). Na pesquisa de 2016 foi possível observar respostas em proporções semelhantes. Na sequência, 55 entrevistadas afirmaram ter afinidade/preferência pelo local, considerando facilidade de acesso e vínculo de relações. A flexibilidade do trabalho com outras atividades aparece em 40

respostas. Algumas mulheres citaram a dificuldade em encontrar outros empregos e a indicação da atividade nos hotéis por outras pessoas.

Gráfico 23: E aqui na Guaicurus, você trabalha em algum hotel fixo?

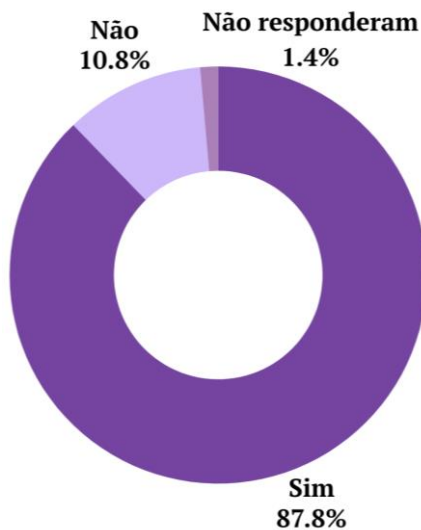


Gráfico 24: Se sim, qual?

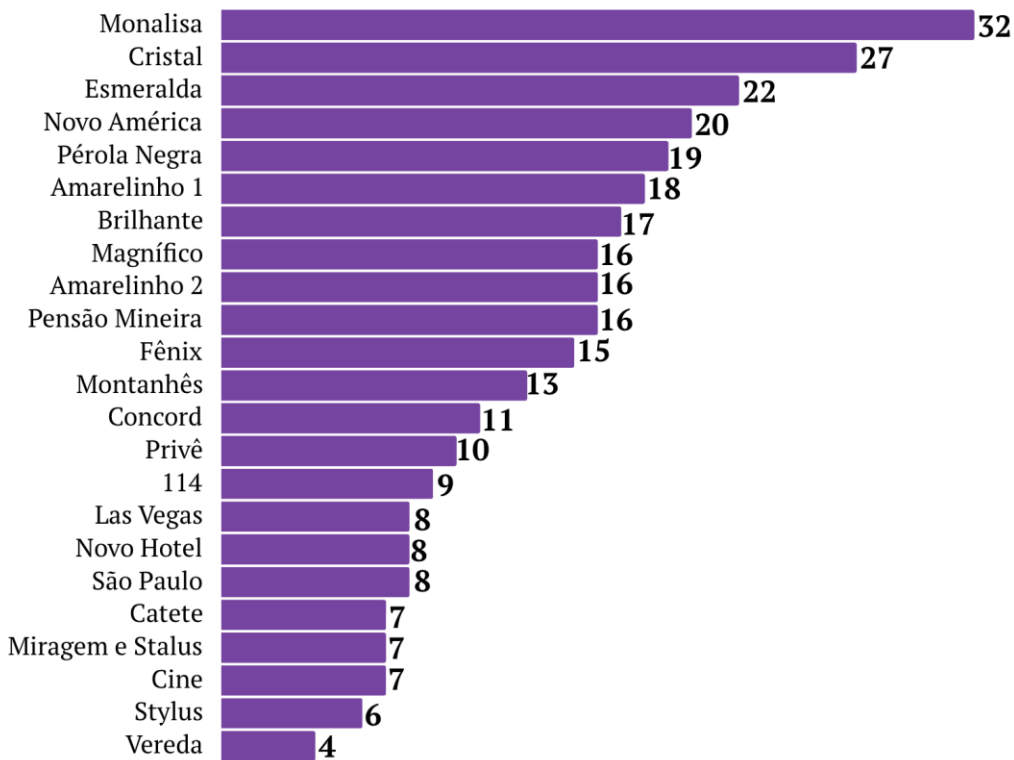
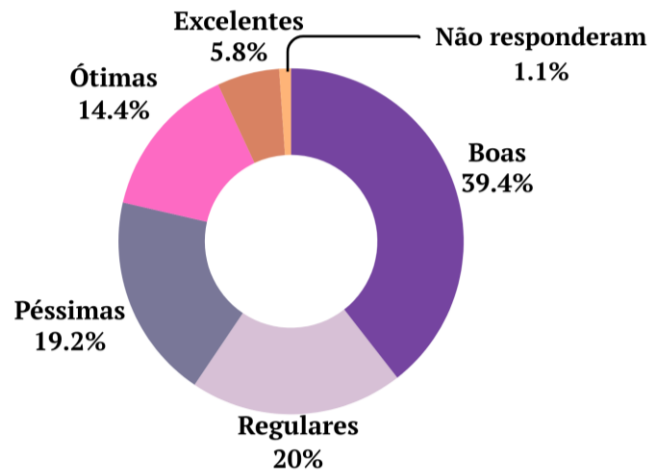


Gráfico 25: Como você considera as condições de trabalho do seu hotel?

Usando a referência da Pesquisa de 2016 | 304 entrevistas, 48,7% responderam como condições boas, 28% responderam regular, 11,5% responderam como péssimas e 8,9% avaliaram como ótimas. Apenas 1,3% (4) acreditam ser excelentes. É possível perceber um perfil semelhante ao da pesquisa de 2023. Mas, observamos maior porcentagem de mulheres que consideram as condições boas e menor porcentagem avaliando as condições péssimas.

Com relação às propostas de melhorias, cerca de 120 sugestões estão relacionadas a reformas e questões estruturais, alimentação, e valor do programa; 50,4% (181) trabalhadoras sugerem melhorar o valor das diárias, 34,8% (125) apontam melhorias nas condições de higiene, 29% (104) alertam para as condições de segurança e 22,8% (82) deram como sugestão incluir itens necessários ao trabalho no valor das diárias.

Entre as 69 mulheres que responderam à pergunta anterior, avaliando as condições do hotel como péssimas, 56 apontaram como sugestão melhorar as Condições de Higiene, 52 comentam sobre os valores das diárias, 34 citam a necessidade de melhoria das Condições de Segurança e 22 mencionam o atendimento da gerência/funcionários.


A questão além de respostas pré-estabelecidas, em “outros”, abriu possibilidades de as mulheres dizerem um pouco mais sobre o assunto, que devem ser ouvidas, nas palavras abaixo:

“É preciso ter chuveiro; Alimentação, o café poderia ser melhor e servir também outras refeições como almoço; Ar condicionado, circulação de ar; Lavanderia; Reforma, não tem janela aqui, falta ventilação. Até lâmpada eu trago quando queima. Falta preservativos. Pagamos lençol e até pela água que bebemos; Reforma; Lençol e toalha, não tem descarga; Servir almoço, incluir no preço da diária; Café da manhã, educação; Não tenho uma pia para lavar as mãos; Reforma urgente; Quarto, colchão; Insalubre, precisa de reforma; Ter direito a fala; O gerente é pior que o hotel... terra se lei, todo mundo engole todo mundo; Dedetização; Refeitório, oferecer lençol, toalha, traveseiro e uma lavanderia; Sugere que a diária fosse negociável; Não pagar a diária nos dias de folga; Ter geladeira no quarto; Falta informação para quem é nova na profissão; A estética do hotel poderia ser mais bonita, a pintura, essas coisas; Ambiente feio e sujo; Reforma. Como você atende com o colchão com buraco e sem lençol. Até assusta os clientes; Valor da diária e do programa; Valor da diária tinha que ser de acordo com o movimento; Cobrança para acesso de pessoas mais higiênicas; Colchão e catraca eletrônica; A acomodação do hotel, ter chuveiro, televisão; Itens como gel; Regulamento/regra para a entrada dos homens, cobrar a entrada. Para subir umas pessoas mais selecionadas, tem cada tipo de homem que sobe...Deus me livre. E também tem muito homem que sobe e só fica olhando, atrapalha a circulação dos que querem algum programa, fica olhando estranho; Treinamento para a equipe de segurança, para trabalharem para seres humanos; Infraestrutura, ar condicionado, bebedouro; Condição de higiene dos clientes; Quartos e ventilação; Ficha de anamnese”

Gráfico 26: Como você acha que a sociedade vê a prostituição?



A questão trouxe como possibilidades de respostas: 1 trabalho/vida fácil, 2- um “mal” necessário, 3- um trabalho como outro qualquer, 4 – vadiagem, 5-



determinação sócio econômica, 6 – outros. Tais opções de respostas foram retiradas da primeira pesquisa realizada em 2016, de maneira a reconhecer e utilizar os dados já mencionados pelas trabalhadoras anteriormente. E como mostra o gráfico acima, trabalho/vida fácil com 33,8%, foi o que as trabalhadoras mais responderam como sendo uma forma que elas acham que a sociedade vê a prostituição.

Não importa a nomenclatura usada, mulheres, personagens, pessoas, vidas cheias de experiências negativas, mas também positivas. A prostituição pode ser uma escolha difícil, que persiste em cruéis estigmas, produz vítimas de preconceitos e discriminações. A prostituição é produto de uma sociedade que associa o sexo e o corpo da mulher ao pecado e a tentação. Mas, um ato de rebeldia, um ato de insubordinação, pode ir contra uma ordem pré estabelecida, cheia de estereótipos, que nos deixa cegos diante da hipocrisia (MACEDO, VIEIRA, KALIL. 2018).

Descrever o cotidiano, saber mais sobre a vida dessas mulheres da Guaicurus, aprofundar nas histórias, nos contos e relatos, pode fazer os medos, as alegrias, os sonhos as tristezas aparecerem. E com isso, revelar também histórias de preconceito, violência, intolerância, machismo, agressões, precariedade e hipocrisia. Mas, diante de tudo isso, é preciso ir além, é preciso criar, inventar e afirmar, novas formas de estar no mundo, tecendo experiências de alegria, resistência, e potência, e assim, quem sabe construir um mundo mais empático e mais diversos (MACEDO, VIEIRA, KALIL. 2018)

A exemplo do que os autores acima nos dizem, um trecho da história: Quatro Anos, ilustra bem o que é viver a hipocrisia:

“...Quatro anos se passaram desde que coloquei pela primeira vez meu pé em um bordel. Hoje vejo o quanto amadureci nesse tempo. Vi e vivi coisas que uma pessoa com 50 anos não viu. Vi garotas machucadas, estupradas, viciadas em drogas, humilhadas e penso no porquê de nós garotas termos que passar por essa situação. É só um trabalho muito difícil, mas é só um trabalho. quase nenhuma garota está ali dentro com aquele sorriso falso porque gosta, e sim por necessidade. Além de sofrer com o trabalho ainda sofremos com o preconceito, tanto da



sociedade como dos próprios homens que frequentam os hotéis. Das religiões nem se fala! É um caso à parte, até porque se existe um céu chegaríamos primeiro, como diz a bíblia. Alguns deles tem a coragem de entrar, transar e, depois, dizer que se continuarmos com esse trabalho iremos para o inferno, pois Deus não aceita um pecado como esse. Sério?” (MACEDO, VIEIRA, KALIL. Pag,88. 2018)

A questão é que apesar de ter dado cinco opções pré-estabelecidas, os “outros” foi onde se apuraram mais respostas. Preconceito, discriminação e hipocrisia são palavras chaves que mais aparecem nas falas, como:


“Muito preconceito. Lutar por uma lei que eu não vou estar aqui para ver; Preconceito até dos clientes; Hipocrisia e preconceito; Com preconceito e acham que fazemos porque gostamos; Muita discriminação. Ralé da ralé, não tem valor nenhum pra sociedade; Com maus olhos, muita discriminação, como se não fosse ser humano; Hipócritas, o homem que fala, frequenta e a mulher que fala, queria; Hipocrisia. Vê errado e usufrui; Hipocrisia, mal visto. Porém, os homens estão aqui. A mesma pessoa que julga, consome nosso trabalho; Vê de forma hipócrita, acha que as pessoas que mais reclamam, são as que mais usam o serviço, são as que tem famílias maravilhosas, filhos lindos e quando sabem de alguma puta são os primeiros a questionarem”

Tem aquelas que responderam que a sociedade tem uma visão negativa, errada, muito ruim, lixo, e que não enxergam a profissão como trabalho, em palavras como:

“Um erro; Algo errado, completamente errado; Um olhar ruim, parece o fim do mundo; Putaria, só coisa ruim; Olhos maldosos, vê a prostituição, vê a classe LGBT; Acha que a sociedade vê a prostituição como pior espécie, penso que tem mais prostituta do lado de fora que dentro; Ela nem vê a prostituição. A sociedade só vê a prostituição quando goza; Como abominação; Falta de Deus; Sujeira, não vê com olhos humanos, falta de caráter; Profissão suja “igual rato de esgoto”, safadas, estraga relacionamentos; O trabalho mais sujo do mundo, pior que “bueiro; Uma mulher porca, sem educação;

Não ficou de fora palavras como julgamento, sem valor, mulheres safadas, marginalização, muitas vezes associadas ao crime, drogas, doenças, em frases como:

“Julgam e todo dia tem homem diferente aqui dentro; Homens gostam, mulheres julgam; Julgamento sem conhecimento e falta de respeito; Vê como não vale nada, não serve para nada; Como se fosse nada, vem aqui só para “comer uma”, vai pagar e pronto; Vê como algo ruim, com julgamento, safadeza; Bagunça. Destrói casamento. Pessoas que se drogam e fazem de tudo; A sociedade acha que temos o mesmo valor que



um bandido. O mundo gira em torno do dinheiro, se não temos, como vivemos? Alguém abraçar a nossa causa é muito difícil; Critica a classe das trans, vê a gente como marginal, doente; Péssima; Sem família, Como mulheres drogadas; Faz porque não quer arranjar outro trabalho; Acha que a sociedade vê como discriminação. Porque não procura um serviço?; Vê como se queremos dinheiro fácil, gosta de dar; Não gosta de trabalhar; Ganhando dinheiro deitada; Preconceito, racismo. Não vê a gente como trabalhadora normal; Forma ruim, muita droga, doença.

Algumas mulheres expressaram a sua percepção com ligação direta a Belo Horizonte, dizendo:

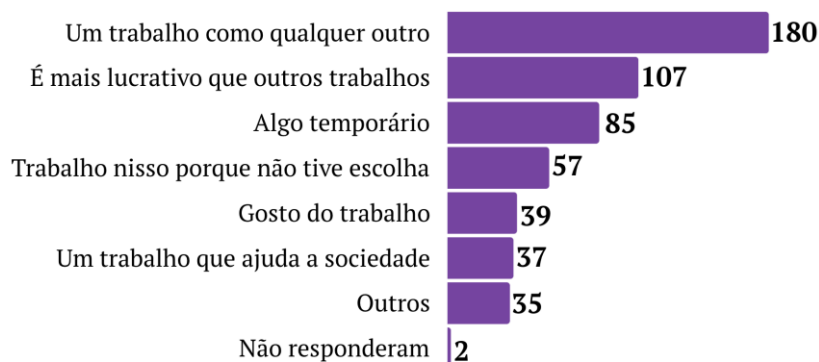
“Em BH é mais acolhedor; Em BH acham normal, mas no Rio tem muito preconceito; Em Belo Horizonte acredito ser melhor que em São Paulo; Acha que a sociedade vê de uma forma muito má, preconceituosa, mas acredito que aqui em BH é menos que na minha cidade.

E ao contrário de todas as respostas acima, em uma pequena minoria, de 3% algumas mulheres acreditam ser “normal”:

“Acredita que “a sociedade está mais consciente; Acha que a sociedade vê a prostituição de forma normal; Acha que tem gente que vê como guerreira, e tem gente que vê como vagabunda; Entretenimento, inclusive querem entrar no mercado do trabalho organizado, alugam apartamento, anunciam em site”

Portanto, de acordo com Enríquez (2001), pode-se dizer que autonomia é a capacidade humana de se autodeterminar livre de fatores externos. Assim, ela pode ser percebida de acordo com o nível de autoconhecimento e autovalorização sobre si, valorizando suas origens e sua cultura. É resultado de uma moral construída pelo próprio sujeito, protagonista de sua conduta e detentor de um pensamento crítico, com características que lhe dão a capacidade de incorporar as regras a partir de um processo de tomada de consciência. Isso pressupõe reconhecer a capacidade e o direito de fazer escolhas. Ser capaz de tomar decisões pessoais, políticas e afetivas que reafirme as pessoas no controle de suas próprias vidas. As trabalhadoras sexuais são sujeitas que pensam, desejam e traçam horizontes para si e para aqueles que estão próximos. E para além do que acham de como a sociedade vê a prostituição, elas disseram como enxergam, como veem o que fazem.

Gráfico 27: E você, como vê o que faz?



Em uma análise qualitativa foi possível observar frases bem diversas e marcantes como:

“Ajuda a evitar a violência; É o escape de muitos homens. Vem muito marido aqui que não perturba a mulher. Sem a gente teria mais estuprador, abusador; Aqui se ganha muito dinheiro, você sente prazer; Uma profissão que faço; Sou meio “terapeuta”; Gosto do trabalho; Como um trabalho autônomo; Acho errado, trabalho nisso, só para não ver os filhos passando necessidade novamente; Não é trabalho de gente preguiçoso. Eu gosto, porque a forma como o cliente chega e fala: você é linda. Levanta a autoestima; Necessidade, história de família; Flexibilidade e liberdade; Tenho vergonha, quero parar e voltar para o mercado formal de trabalho; É um trabalho honesto; Eu não olho para o meu trabalho. É por isso que estou aqui, se eu olhasse não estaria mais aqui; Algo valorizado que aprendi também a valorizar; Corre; Uma fuga; Evita assédio sexual, estupro; Trabalho com cunho social; Algo difícil, meio de sobrevivência e de ajudar a família; Se não fizer isso, vou me deprimir, é fato; É uma escolha; Um trabalho mais honesto por sinal. A gente não bate na porta de ninguém, eles que vem aqui com as próprias pernas; O único lugar que a gente é valorizada é aqui; Sujo, horroroso; Uma saída para algo mais rápido, conseguir me colocar no mercado; Empreendedorismo; Às vezes é nojento; Pecado; Como uma venda; Tem dias que gosto, outros não; Um trabalho que ajuda a sociedade; Algo horrível, mas a sociedade não oferece algo melhor; Vida sofrida e desgraçada; Vê como uma profissão, disse que já teve uma visão de algo errado por causa da religião, mas que hoje tenta enxergar como procedimento, como uma massagem; Gratidão, pois conquistou tudo que queria; Guerreiras e corajosas; Como libertação financeira e pessoal; Um mal necessário, um reflexo da miséria humana; É melhor dar cobrando que de graça; Válvula de escape para controle emocional; Perigo, não ia querer para a filha;

Desta forma, os dados reafirmam a importância de se ouvir e considerar a visão das próprias trabalhadoras sobre seu lugar de fala e de atuação, já que experiências e vivências da prostituição são únicas e singulares.

Gráfico 28: Você encontra alguma dificuldade para exercer sua ocupação?

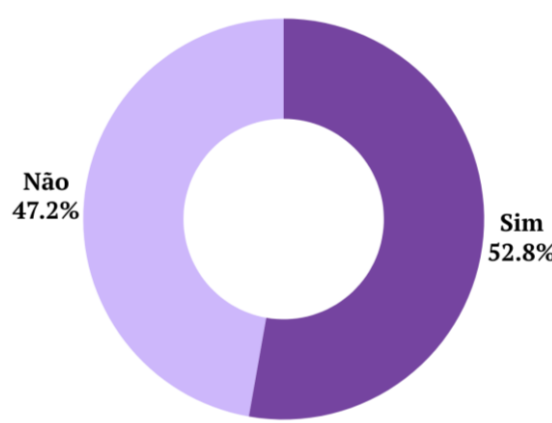
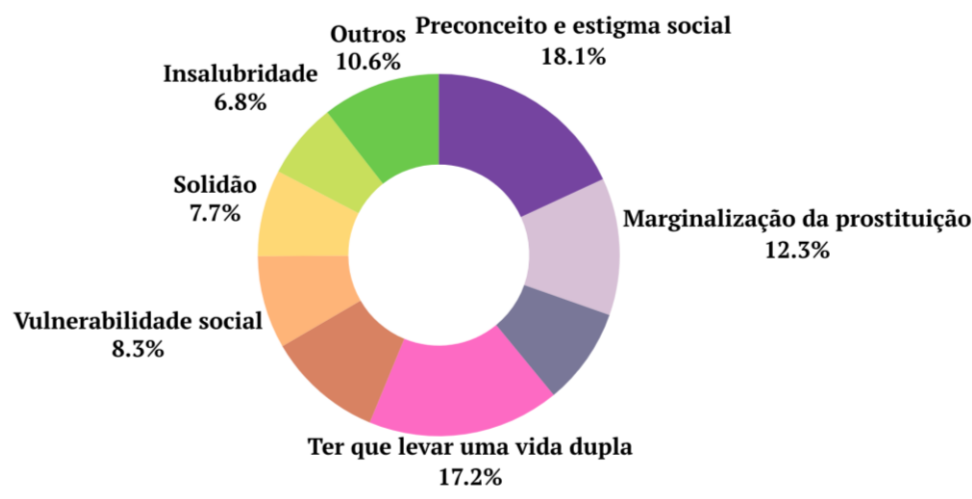



Gráfico 29: Se sim, o que acha que mais dificulta o exercício desta ocupação?



Além dos pontos demonstrados no gráfico acima, quando perguntadas se encontram alguma dificuldade para exercer a ocupação, um pouco mais da metade que responderam sim, foram além das opções predefinidas pelo questionário. De acordo com as frases citadas logo abaixo, é possível perceber que a saúde mental, insegurança, medo, distância dos filhos se somam às outras



questões, e assim se tornam uma enorme dificuldade para o enfrentamento do exercício da profissão:

“Cliente grosseiro, mexe com nossa saúde mental; Cansativo emocionalmente; Impacto psicológico; Tem dias que são muito cansativos, de esgotamento físico e mental. Exige muito da gente; Afeta psicologicamente; Crise de ansiedade; Competição entre colegas; Por causa da cor; Ter que viajar para trabalhar; Não consigo me soltar; Toque; Preocupação com pagar a diária; Dor; entender os clientes; Cansativo físico e psicologicamente; Cafetinagem; Não gosto, faço por sobrevivência; Auto estima; É uma profissão chata/ruim, não gosto; Deixar meu filho sozinho em casa; Psicológico abalado, sobrecarga emocional; Psicologicamente; Minha idade. Não estou aguentando trabalhar tanto.; Distância percorrida, e às vezes não compensa.; Tem que ficar longe do filho; Psicológico; Desgaste físico e mental; Psicológico; Ter que ficar longe do filho; Disse que as vezes não quer interagir muito; Insegurança, não ter coisas resolvidas; Medo constante do preservativo estourar; Saúde mental; Distância é a sua maior dificuldade; Não pode namorar, muitas pessoas não aceitam, é uma escolha ou trabalha ou casar”

Finalizando esse tópico, depois de passarmos por uma breve contextualização histórica, entende-se que o trabalho sexual hoje se trata de uma ocupação, mas que ainda não há uma regulamentação onde o Estado garanta direitos a essas trabalhadoras.

5.3. Violência

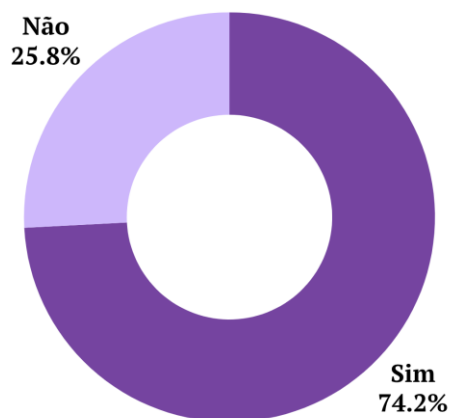
A proposta nesse tópico é verificar a percepção que as trabalhadoras sexuais têm sobre a violência contra as mulheres, mais especificamente, sobre as violências ou qualquer tipo de discriminação sofridas por mulheres que exercem o trabalho sexual. Para favorecer um aprofundamento nessa questão foi perguntado qual foi a violência sofrida e em que situação ela ocorreu, articulada à pergunta sobre o conhecimento que elas têm da Lei Maria da Penha.

A violência contra trabalhadoras sexuais está vinculada à violência contra as mulheres de modo geral, ou seja, ancora-se nas relações hierarquizadas a partir de lógicas sociais estruturadas e movidas pelo patriarcado, sem que sejam incluídas, de maneira efetiva, as especificidades de cada mulher, limitando e/ou

inviabilizando políticas públicas de enfrentamento a violência específicas para essas sujeitas.

Importante pontuar que a violência contra as mulheres no Brasil é algo preocupante, pois ainda é representada por uma sociedade patriarcal, machista, putafóbica, transfóbica, que subjuga a mulher e que tem como pano de fundo a desigualdade social extrema, além de marcadores interseccionais como raça, gênero, classe social já mencionado nesta pesquisa. Ainda que a violência baseada no gênero seja reconhecida e discutida há décadas como um problema de saúde pública e de direitos humanos, raramente há a inclusão de pesquisas sobre a realidade vivenciada por prostitutas nessas discussões.

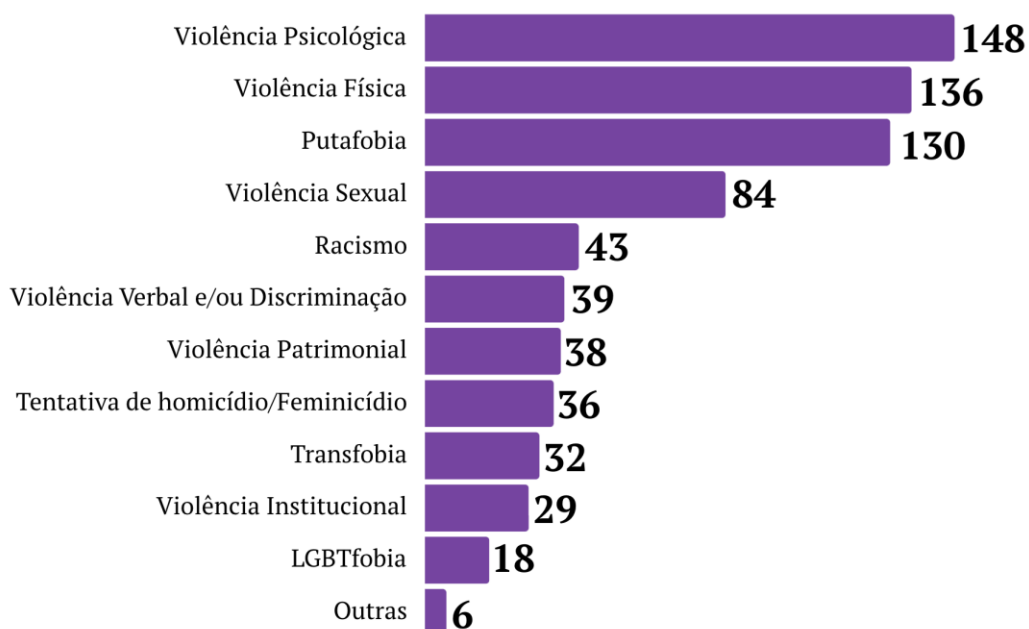
Gráfico 30: Você já passou por alguma situação de discriminação ou sofreu qualquer tipo de violência relacionada a prostituição?



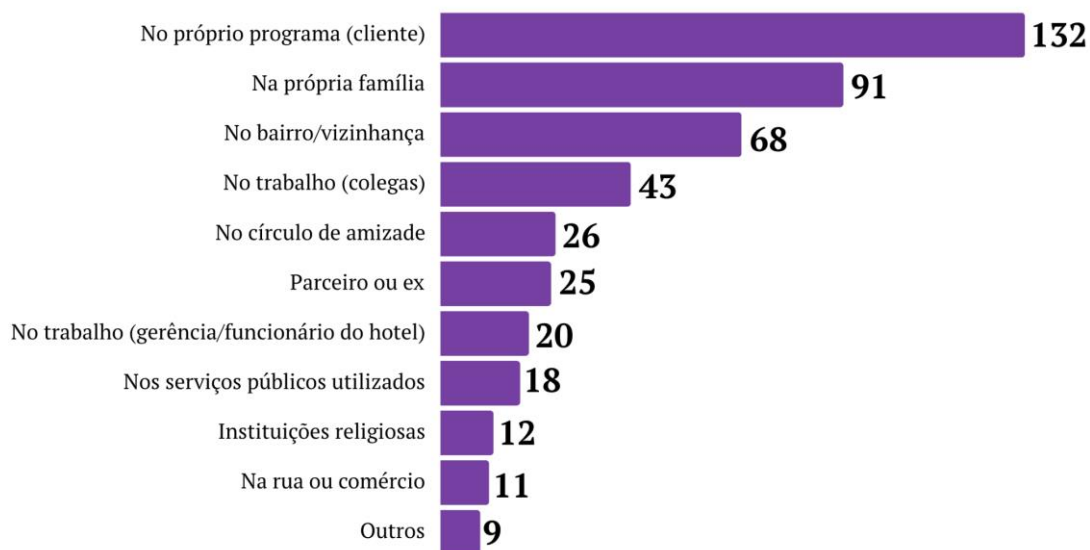
267 mulheres responderam que já passaram por algum tipo de discriminação ou violência ao longo da vida e 93 responderam que não. Panorama bastante diferente do que foi encontrado na pesquisa de 2016, que trouxe uma perspectiva bastante dividida, sendo a maior parte das trabalhadoras sexuais afirmando que não sofreu violência ou discriminação. Infere-se, por meio das conversas com as trabalhadoras sexuais, que é importante dialogar sobre o que elas entendem a respeito de violência. Notou-se que aquelas que responderam não terem sofrido qualquer tipo de violência, a partir de um aprofundamento do tópico ou por pontos trazidos em outras respostas, acabaram

pontuando terem vivenciado situações de violência em diferentes contextos. Por isso, a percepção de que em partes foi preciso considerar a naturalização da violência nos dados encontrados, na qual muitas mulheres vivenciam situações de violência e não conseguem perceber, falar sobre ou fazer uma denúncia, sendo comumente, culpabilizadas socialmente. Bem como, discorrer sobre a frequente relativização de que a prostituição está engendrada na violência, uma vez que se trata de uma violência de gênero.

Gráfico 31: Se sim, qual?




Em 2016, também houve uma pergunta aberta em sequência a essa temática, sobre qual violência a trabalhadora sexual havia sofrido. Foi com base nas respostas que mais apareceram que foram formuladas as respostas em múltipla escolha do questionário atual.

Gráfico 32: Se sim, em que situação ocorreu?

Foi possível analisar que os contextos são diversos diferem, como no ambiente familiar, no trabalho entre colegas e/ou com a gerência, nos programas com os clientes, e em relações com vizinhança, amizade, relacionamento afetivo-sexual, e em serviços públicos e instituições religiosas. E também na rua, em aplicativos de transporte privado urbano, em festas e bares onde, respostas que, ao todo, não foram diferentes em 2016. Ao não ser em termos quantitativos e também em um ponto marcante dos dados sobre as respostas acerca da violência, em 2016 o contexto foi descrito no ambiente familiar/doméstico com família, já na atual pesquisa, os aspectos apresentados foram a partir de clientes em diversos aspectos: sexuais, físicos e psicológicos.

A respeito da Lei Maria da Penha, 357 entrevistadas (99%) responderam que conhecem a lei e 3 disseram que não conhecem. Há diferentes concepções acerca da eficácia e proteção perante a violência contra a mulher, bem como, conceitos favoráveis e contra a existência institucional da mesma. 74 mulheres mencionaram que já recorreram à Lei.

Na classificação das respostas, entre as visões que são favoráveis, as entrevistadas apontaram que a legislação "protege as mulheres", "protege a vida", "veio para assustar um pouco", "segurança" e "se não fosse a lei, eu não estaria aqui". Já entre as visões desfavoráveis, as mulheres citaram "medo de ser



morta" "ameaça", "falta de confiança/segurança" "impunidade" e que "não garante direitos".

Algumas frases mostram a diversidade das respostas encontradas:

"Os direitos da mulher e para as mulheres até dentro dos hotéis se for algum companheiro de alguma de nós que chega aqui e agride."

"Criminaliza a agressão e abuso contra mulheres."

"Não funciona, porque minha amiga foi assassinada mesmo com medida protetiva."

"Lei que defende as mulheres, uma lei falha. Já passei por uma situação onde nada foi feito."


"Defende as mulheres, mas é uma lei muito branda. Fui uma vez e senti que a delegada não foi atenciosa, me senti humilhada."

"Hoje em dia apoia a gente (mulheres trans). No caso de sofrer agressão, a gente pode denunciar."

Vale salientar que tais respostas são reflexos da sociedade misógina que violenta mulheres inseridas em diversas categorias estruturadas no patriarcado e em seus desdobramentos preconceituosos. Assim, a violência por ser histórica, também é possível encontrar nas entrevistas narrativas realizadas como metodologia para construção da linha do tempo da Guaicurus, relatos de uma trabalhadora sexual (Vanessa) que escancaram a violência militar e policial, especialmente em meados da Ditadura.

"Aí entrou na sala de, chamava sala de pau, aonde a gente apanhava, e tinha um pau de arara, aí ele falou assim, aí já entrou com 4 homem, eu já tava engordando, me amarraram de cabeça pra baixo, puseram um cano assim em mim, tinha um lugar próprio pra encaixar marginal, vagabundo, assaltante, até assaltante de banco, era um ferro, que você ficava igual um frango rodando. Ali você recebia choque elétrico, água na cara e borrachada na bunda, mais de 5 homem te batendo e você de perna pra cima. Você sentia seu, eu lembro, lembro até hoje, na hora eles mandaram eu tirar a roupa e sentar, minha mãe já tinha morrido, eu pensei "alma da minha mãe, me dá força."

"(...) ele [o policial] meteu a lanterna, mostrou meu corpo pra mulher dele. Eu pensei que eles ia me levar pra me matar no escuro, e me levou pra me mostrar à mulher: "Aqui, olha só, quem fala que isso aqui é homem?". Me batiam a lanterna em mim, eu no escuro, e ele mostrando, e ela rachando os bico. Hoje em dia eu digo: "Você tinha que dar graças a Deus de não apanhar ali, e tomar tudo o que você tem e deixar você no meio do mato."



No entanto, para além das experiências de violência, durante a experiência em campo, observa-se que as mulheres trabalhadoras sexuais da Guaicurus não estão confinadas à condição de passividade, pelo contrário, apresentam uma notável capacidade de agir e exercerem uma potência transformadora. Elas constroem conhecimentos valiosos a partir de suas próprias práticas, reconhecem-se em papéis sociais para além da prostituição, compartilham experiências significativas e são críticas em relação às violências que enfrentam em suas diversas manifestações.

Complementando isso, vale ressaltar que o movimento social de prostitutas em Belo Horizonte surgiu da participação social e, como uma forma de luta e enfrentamento à opressão social, ao estigma e à aspectos pelos quais violências diversas contra trabalhadoras sexuais são produzidas, reproduzidas e naturalizadas.

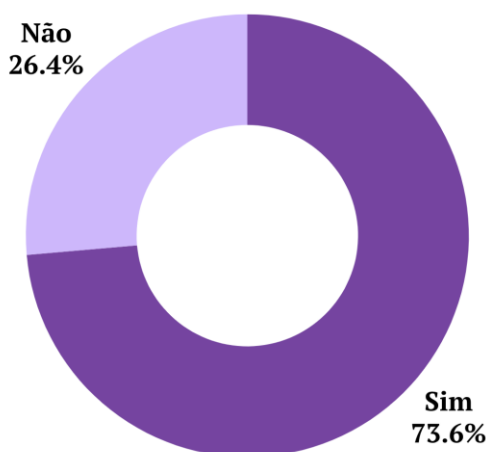
A APROSMIG, assim como outros coletivos e OSC de prostitutas, desenvolvem um trabalho em prol da categoria e fortalecem o movimento brasileiro de prostitutas. Apresenta-se a seguir como um eixo do diagnóstico, a avaliação do trabalho da APROSMIG pelas trabalhadoras sexuais entrevistadas,

5.4. APROSMIG

A proposta aqui foi verificar o conhecimento das trabalhadoras sexuais em relação à Aprosmig e analisar, a partir de seus apontamentos, percepções sobre o trabalho realizado pela associação. Esse eixo foi contemplado com 11 questões, sendo dez semiestruturadas e uma aberta. Foram abordados aspectos como conhecimento sobre a APROSMIG, frequência ou dificuldade para frequentar seu espaço físico (sede), a participação nas atividades desenvolvidas e utilização dos serviços oferecidos, assuntos de interesse e sugestões diversas. Na questão aberta reforçou sobre sugestões e melhoria do trabalho associação com/para elas.

Na primeira questão foi perguntado se conheciam a APROSMIG, 95 mulheres disseram não conhecer a APROSMIG e 265 que conheciam. Foi possível evidenciar, considerando o total de respostas positivas representadas no gráfico acima, em comparação com a mesma questão na pesquisa realizada pela APROSMIG/PUC Minas, em 2016, um aumento de 35% das trabalhadoras sexuais, que disseram ter conhecimento sobre a associação. Em 2016, apenas 38% das participantes entrevistadas disseram conhecer a Aprosmig, já em 2023 foram 73%.

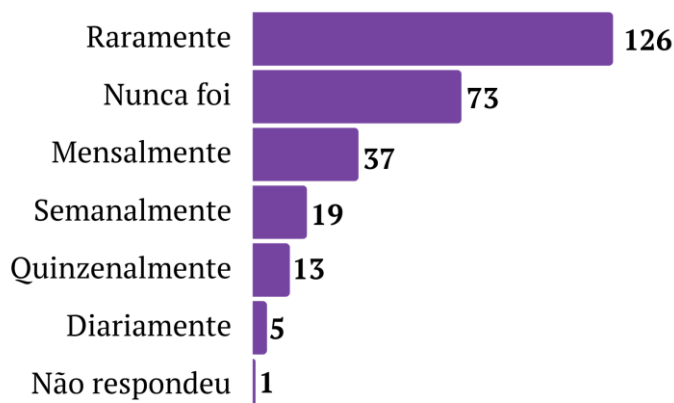
Gráfico 33: Você conhece a Aprosmig?



Ainda assim, mesmo após ser constatado um aumento expressivo de trabalhadores sexuais com conhecimento da associação, quando perguntadas sobre a frequência com que iam no espaço físico (sede) da APROSMIG, a análise das respostas mostrou que 46% das trabalhadoras raramente frequentavam a associação, e, 26% nunca foram à sede. Tal fato aparenta-se justificar pelo trabalho que a Aprosmig desenvolve com presença frequente nos hotéis, e que acontece por meio do trabalho do BH de Mãos Dadas contra a Aids - programa da Prefeitura de Belo Horizonte que está, no momento, sob coordenação da APROSMIG e é executado por uma equipe contratada - como pelo estágio de Psicologia da PUC Minas, equipe voluntária dos projetos e gestoras da APROSMIG.



Gráfico 34: Com qual frequência você vai à Aprosmig?



Em relação à percepção das entrevistadas sobre alguma dificuldade para frequentar a Aprosmig, 126 trabalhadoras sexuais apontaram que frequentam a sede sem nenhum problema, 41 disseram ter receio de perder programas/clientes, em terceiro lugar com 28 respostas, aparecem horário de funcionamento e falta de informação/divulgação como dificuldade para irem à sede. Ainda apareceram 20 respostas dizendo da falta de tempo. Além de algumas relacionadas ao estigma social da profissão, como vergonha e medo de ser reconhecida.

Gráfico 35: O que você percebe como uma dificuldade para que você frequente a Aprosmig?

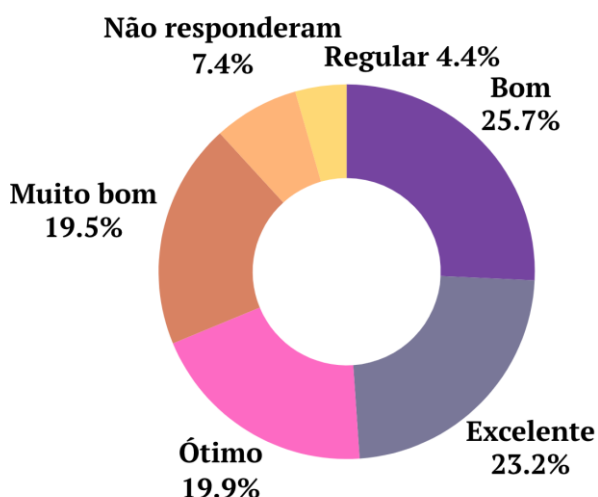


Quando perguntadas sobre a finalidade pela qual frequentam a Aprosmig (essa questão tinha possibilidade de respostas combinadas), respostas relacionadas à saúde sexual ficam evidentes. Considerando isso, 182 disseram ir à Aprosmig para pegar preservativos e outros insumos de prevenção. Outras 112 responderam para acessar serviços de saúde sexual, como encaminhamentos


para o SUS em testagens para IST, etc. 52 disseram que iam para receber doações de alimentos, roupas, etc. 29 para acessar serviços de saúde mental, como atendimento psicológico, acolhimento psicossocial e/ou encaminhamentos para o SUS. 23 para se informar sobre questões relacionadas a direitos trabalhistas e/ou ocupação. 14 para participar de palestras e outras atividades. E, 12 responderam para se informar a respeito do atendimento e acesso ao SUAS.

A percepção das trabalhadoras sexuais sobre o trabalho realizado pela Aprosmig atualmente, é positiva. A análise foi feita considerando 272 respostas, uma vez que 88 das participantes disseram não conhecer a Aprosmig. A soma das respostas excelente, ótimo e muito bom, em 2023 deu 62,6%, enquanto em 2016, a soma dessas respostas deu 16,3%, o que representa um aumento de 46,3% em 2023, se comparado ao diagnóstico de 2016. Houve um decréscimo de pessoas que avaliaram o trabalho da Aprosmig como bom, sendo 25,7% em 2023 e 44,4% em 2016. O que foi representado também nas respostas com avaliação regular, 4% em 2023 e 12,8% em 2016, bem como das participantes que não responderam, 7,4% em 2023 e 26,5% em 2016.

Gráfico 36: Como você percebe o trabalho feito pela Aprosmig atualmente?



Perguntadas sobre sugestões de atividades que a Aprosmig poderia desenvolver junto às trabalhadoras sexuais, houve a possibilidade de respostas combinadas e 88 participantes sugeriram cursos de capacitação e qualificação da

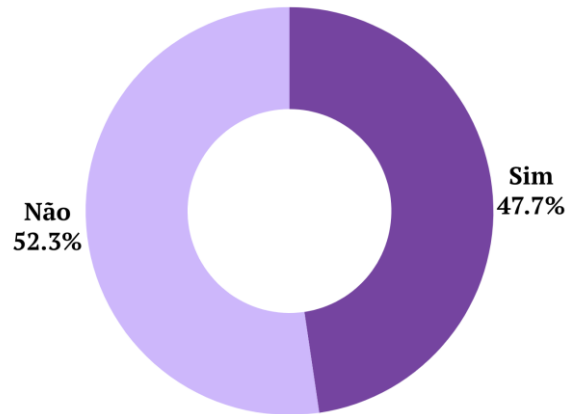


ocupação. 80 mulheres deram como sugestão palestras/rodas de conversa sobre temas diversos. 32 pontuaram ser necessário ter ações coletivas sobre condições de trabalho, seguidas de 29 pessoas que sugeriram discussões sobre a ocupação, 27 sugeriram ações culturais, 16 mencionaram dinâmicas de grupo e 15 pontuaram sobre apoio psicológico. Além disso, sugeriram que a APROSMIG fosse conversar com os gerentes sobre questões de trabalho, como diárias, conscientização de IST, entre outros. De uma forma geral, no diagnóstico atual houve maior participação de trabalhadoras sexuais respondendo essa questão. Em 2023, 88 pessoas não responderam à pergunta, e, enquanto em 2016 foram 201, representando 67% das participantes.

Na questão sobre qual assunto elas gostariam de obter mais informação, o tema da saúde teve destaque, obtendo 141 respostas. Em segundo lugar e com recorte para saúde mental, apareceram 121 respostas. Além disso, 104 participantes disseram ter interesse em informações sobre direitos das mulheres, seguidas de 87 sobre direitos trabalhistas e ou ligados a questões previdenciárias como aposentadoria e 82 pontuaram os direitos humanos. Mudando um pouco o foco, 80 mulheres gostariam de mais informações sobre gestão financeira. A regulamentação da prostituição foi outro assunto de interesse, com 62 respostas. Os temas de Redução de danos (álcool e outras drogas) e direitos LGBTQIA + obtiveram 55 respostas cada. Gestão do trabalho foi outro assunto de interesse com 44 respostas.

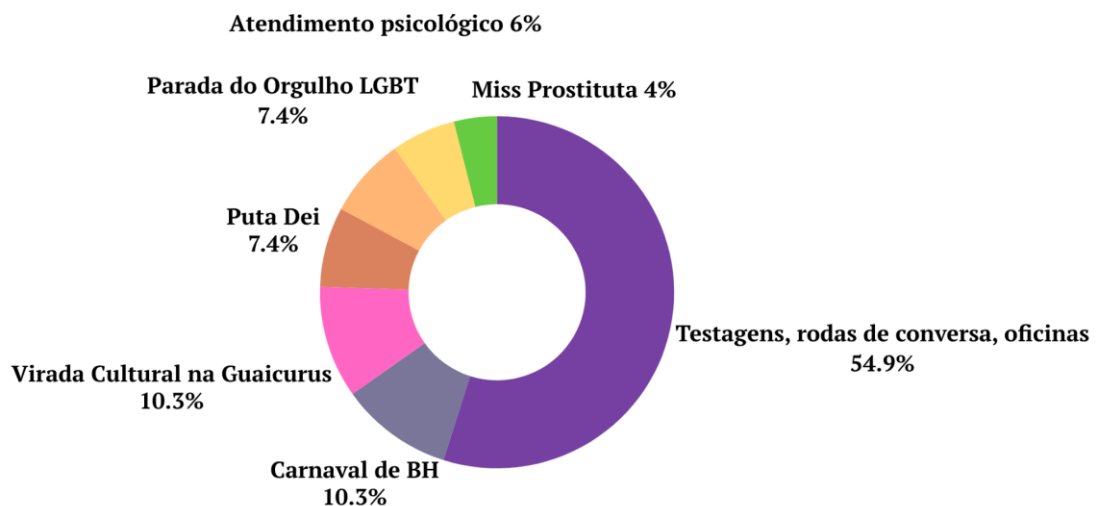
Relacionado a pergunta sobre se as trabalhadoras sexuais participam ou já participaram das atividades promovidas pela APROSMIG, 133 disseram participar ou já ter participado de atividades promovidas pela APROSMIG, o que representa 47,7% do total de entrevistadas. Comparando com a pesquisa de 2016, apenas 15% das participantes disseram ter participado.

Gráfico 37: Você participa ou já participou das atividades promovidas e/ ou apoiadas pela Aprosmig?




Algumas trabalhadoras apontaram já ter participado de mais de uma atividade. Dessas, 112 responderam que já haviam participado de ações de projetos como testagens, rodas de conversa e oficinas. De certa forma, isso demonstra o trabalho desenvolvido pela Aprosmig nos últimos anos, com a execução de projetos que estimulam a participação das trabalhadoras sexuais e promovem acesso aos serviços do SUS e SUAS.

Gráfico 38: Se sim, quais?



Quando perguntadas sobre porque não participavam das ações da APROSMIG, 63 participantes disseram não conhecer a associação, 27 que não tinham conhecimento do evento, 23 mencionaram não ter tempo, 11 não ter



interesse, 10 não tiveram informação, 6 disseram ser novas em BH, 4 responderam ter receio de exposição, 2 tem receio de perder cliente/programa, 1 tem vergonha. Outras 4 não responderam. Ainda apareceram as seguintes respostas:


“A última ação que teve eu ia, mas tive que ficar com minha filha. Ficou aguardando contato. Tem vontade de participar, mas não como prostituta, muito exposto. Disse ser caseira. Disse não gostar de eventos e fotos. Não está sempre no centro e acaba esquecendo. Não gosta do público, tem dificuldade de conviver com outras garotas, com o contato. Antes tinha filhos pequenos, mas agora iria. Acha besteira participar de eventos. Ficou sabendo da oficina sobre racismo, mas já tinha preenchido a quantidade de vagas. Vai participar quando voltar. Eu não gosto de uma das trabalhadoras de lá, então evito, mas gosto muito do trabalho da associação. Por morar no RJ, não gosta de sair em BH. Não tive oportunidade. Apenas trabalha sem se envolver muito com outras coisas além disso. Porque a palestra que ficou sabendo era só para pessoas negras.”

Encerrando as questões trazidas nesse eixo, foi perguntado na questão aberta, o que mais as trabalhadoras sugeriam que a Aprosmig devesse fazer com e/ou por elas, tiveram 42 sugestões relacionadas a saúde sexual sendo 24 trazendo aspectos sobre testagens, distribuição de insumos de prevenção combinada - preservativos, gel lubrificante, panfletos, Pep, PrEp e, outras 18 sugerindo mais palestras sobre prevenção combinada, educação sexual, assédio sexual. Houveram 33 sugestões relacionadas à saúde mental e apoio psicológico. Houveram 16 sugestões ligadas à saúde integral - ginecologia, dentista, clínico, vacinas, etc.

Com 14 sugestões cada, apareceram divulgação sobre a APROSMIG e serviços, bem como de oferta de cursos, capacitações e cursos profissionalizantes, sendo que 6 pessoas pontuaram gestão financeira.

Sobre aspectos relacionados à assistência social foi indicado mais assistência e apoio (14), doação de cesta básica (8), casa de passagem para trabalhadoras sexuais e /ou creche para seus filhos (5),

Sobre direitos, 25 mulheres apontaram a necessidade de apoio pela APROSMIG em conversas com gerentes/donos dos hotéis sobre para melhoria das condições de trabalho, valores das diárias, segurança, respeito com as



trabalhadoras sexuais, questões de abuso e assédio moral. 23 pontuaram a importância de a APROSMIG lutar por direitos humanos, direitos trabalhistas e previdenciários. Apareceram sugestões para mais oportunidades fora da prostituição (4), desconstrução de preconceitos, estigma (3), acesso para nome social e retificação do nome (2).

Houveram alguns comentários/avaliações sobre o trabalho da APROSMIG, 20 participantes disseram que a associação já faz muito, que o trabalho está ótimo ou excelente. Houve 26 respostas dizendo que o trabalho está bom, que ela está satisfeita, que é suficiente e que está tranquilo. Outras 20 respostas apontavam para a APROSMIG continuar e não parar com o trabalho.

Algumas trabalhadoras disseram não ter nada para sugerir (40) ou sem sugestões/comentários (27), outras que não sabiam o que dizer (23), 16 não responderam e 5 disseram não conhecer a APROSMIG.

Ainda apareceram sugestões e comentários como:

“Aprosmig deveria receber maior visibilidade e incentivo. Não é daqui. Acompanhar. Mais recurso financeiro para a Aprosmig. Abranger outros estados. Está mais para ir embora. Encaminhar emprego. Não estar atualizada e nem se enturma muito. Disse que não tem o que falar. Sugere que tenha mais informações. Filiar no Rio. Trabalho de conscientização. Devia fazer algum trabalho com esporte, pilates, alongamento. Dar suporte para mulheres mais velhas. Disse ser mais reconhecida em datas comemorativas. De serem lembradas.”

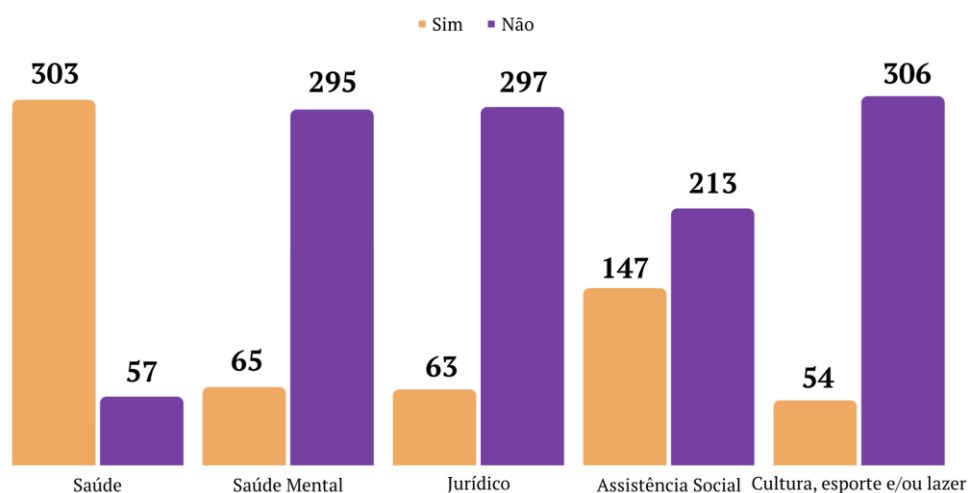
Este eixo é um instrumento importante do trabalho desenvolvido pela APROSMIG e “suleamento” das ações com/para as trabalhadoras sexuais. Segue abaixo a análise do eixo que aponta aspectos do acesso a direitos e serviços das políticas públicas.

5.5. Acesso a serviços

Este tópico foi selecionado com o intuito de compreender como o acesso aos direitos sociais tem sido garantido às trabalhadoras sexuais e como estão sendo utilizadas as redes de proteção de Belo Horizonte a essas mulheres,

principalmente a assistência social e saúde. Essa é uma importante questão para se pensar nas políticas públicas atualmente oferecidas e nas demandas a serem fortalecidas.

Gráfico 39: Você utiliza algum serviço público destinado à população?

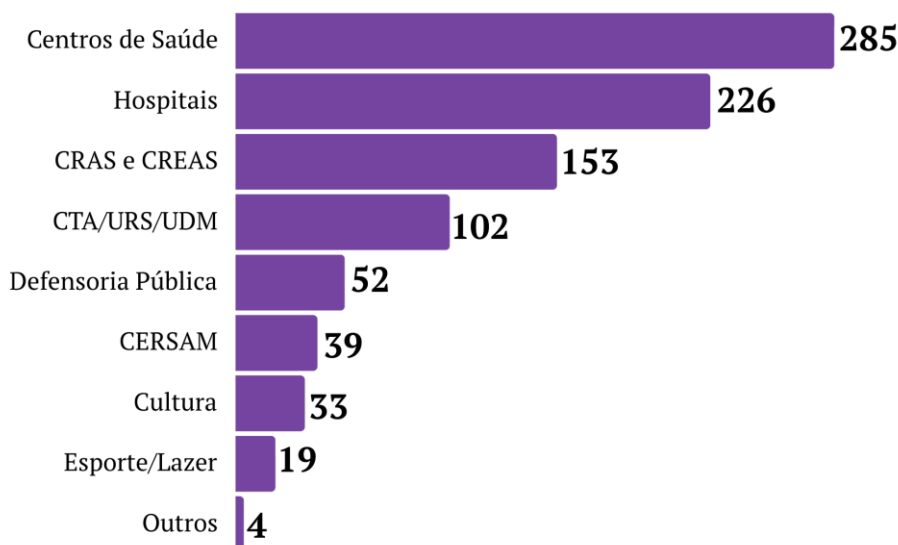


Pode-se observar que o uso principal está no campo da saúde, seguido de Assistência Social. Números com distâncias significativas entre si, mas que nos mostram a efetividade de projetos como redução de danos e atendimentos psicossociais.

Constatou-se, porém, ao analisar os outros tópicos presentes na pesquisa, uma grande demanda de questões relacionadas ao sofrimento psíquico e a inúmeras violências sofridas. Esses dados apontam uma lacuna na oferta de serviços de saúde mental, fundamentais para garantir maior proteção e qualidade de vida às trabalhadoras.

Com relação aos serviços utilizados, o gráfico a seguir apresenta como os serviços mais acessados:

Gráfico 40: Se sim, quais?




Dentre as respostas diversas, 33 mulheres utilizam serviços culturais no geral (incluindo locais de CRJ e bandas de fanfarra) e 19 pessoas utilizam a academia da cidade (passeiam na Pampulha, praticam esportes e andam de bicicleta). Foram registradas, também, únicas respostas como utilizar a biblioteca pública, transporte coletivo e projetos voltados para infância e adolescência, sem especificar as atividades.

Em comparação com os dados da pesquisa realizada em 2016, pode-se observar um crescente acesso aos serviços em geral. Porém, há ainda limitado número de acesso aos serviços destinados à saúde mental e jurídicos, podendo-se analisar a discrepância entre as respostas sim e não, questão está já confirmada na primeira pesquisa.

Em relação aos serviços mais utilizados em 2016, percebe-se um aumento significativo na utilização dos hospitais públicos - antes tendo 6 pessoas, atualmente com 285 - e demais centros de saúde (2016 com 114 pessoas, atualmente com 285). Assim como na utilização dos serviços de Assistência Social, sendo antes 14 pessoas e agora, 153.

Pode-se observar efeitos positivos da permanência de políticas públicas e ações de redução de danos para a ampliação do acesso aos serviços deste grupo.



De forma em que demonstrou crescimento do uso ao longo dos anos, sendo, porém, pequeno em comparação com o número de demandas destas mulheres.

No tópico seguinte, será exposto o efeito da pandemia, as ações realizadas na época e as respostas obtidas a partir das perguntas do questionário. Questão esta fundamental para compreender os próximos passos diante da realidade vivenciada em 2020 e 2021.

5.6. Pandemia

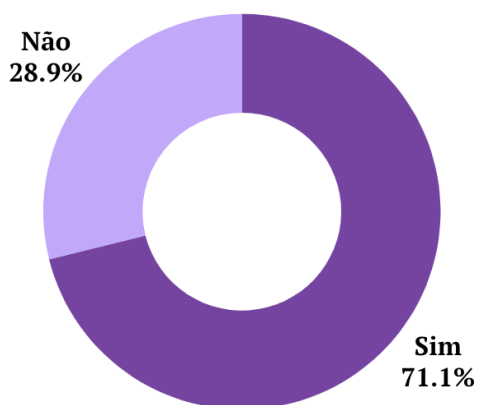
No início da pandemia, ocorreu o fechamento dos hotéis na região da Guaicurus e inúmeras trabalhadoras - cis, transgêneras e travestis - perderam sua principal fonte de renda, tornando-se necessário movimentos das próprias trabalhadoras para conseguirem usufruir das políticas de assistência criadas na época. O trabalho sexual é reconhecido como ocupação pelo Ministério do Trabalho desde 2002 – Classificação Brasileira de Ocupações - CBO -5198-05 – mas não regulamentado enquanto profissão. Por este fator, as políticas e acessos aos direitos trabalhistas para esse fim tornam-se incertas e dependentes da categoria em que podem se enquadrar.

Na época da pandemia, as gestoras da APROSMIG mobilizaram campanhas para arrecadação e distribuição de máscaras, álcool em gel 70% e alimentos. Considerando o fato de estarem em situação de maior vulnerabilidade e risco de exposição ao vírus, devido às condições do próprio trabalho sexual e à concentração de pessoas nos locais, organizaram uma manifestação – que foi notícia em jornais e mídias mundo afora – com cartazes e faixas reivindicando prioridade nas vacinações, acesso aos auxílios emergenciais e de segurança alimentar.

A respeito da pandemia e os relatos coletados, a partir de uma pergunta geradora “A chegada da COVID-19 impactou sua vida/profissão de alguma

maneira? Se sim, quais?”. Foram separadas as respostas em seis grandes tópicos, sendo eles, “saúde mental”, “dificuldade financeira”, “mudanças na forma de trabalho”, “melhorias”, “início na prostituição” e “questões de saúde”.


Gráfico 41: A chegada da COVID-19 impactou sua vida/profissão de alguma maneira?



256 entrevistadas disseram que a pandemia impactou, com consequências diversas na vida cotidiana e teve um grande impacto na profissão dessas trabalhadoras. A partir dos resultados, observou-se que a maior parte das mulheres perderam os empregos, houve diminuição do fluxo de clientes nos hotéis e perderam, se não toda, grande parte da renda financeira.

“Parou de trabalhar porque tudo fechou; Renda caiu, precisou morar com a mãe em outro estado; Diminuiu o número de clientes; Foi ruim, difícil ganhar dinheiro porque não trabalhamos; Fecharam as rodoviárias, não conseguiu trabalhar em Belo Horizonte; Não conseguiu trabalhar em site, ficou complicado; Tive que fazer empréstimo; Caiu o movimento; Não podia sair para trabalhar, vivi de auxílio; Fiquei três meses sem trabalhar; Movimento ruim, queda de uns 60%; Continuei trabalhando no Rio de Janeiro, mas não ganhava o mesmo; Contas atrasadas, filhos mudaram para escola pública; Ia abrir duas lojas, estava fazendo faculdade de farmácia e aulas de alemão, tive que focar na casa própria”

Desta forma, muitas dessas mulheres - cisgêneras, transgêneras e travestis - necessitaram trabalhar em outros locais como ruas, motéis e nas próprias casas. Algumas delas migraram para o trabalho online ou trabalharam escondidas nos hotéis que funcionavam parcialmente, gerando inúmeras



questões como dificuldade em garantir a segurança e condições mínimas de trabalho, e também, no âmbito de saúde mental, como medo, insegurança, tristeza em ter que trabalhar, frustração, pânico e luto.


“Troquei de hotel, os clientes entravam escondidos pela porta do estacionamento; Reduziu o horário de funcionamento; Hotel fechado, trabalhei só no particular; Trabalhei pela internet, às vezes; Atendia os clientes no meu apartamento; Trabalhava na rua e sofri muito; Fazia os programas escondido; Tinha medo e tristeza em trabalhar; Psicológico ruim; Foi horrível, achava que tinha dinheiro até chegar a covid; Perdeu conhecidos; De todas as formas: financeiro, saúde, alimentar, psicológico; Medo de contágio, tive que me cuidar; Pânico de sair na rua; Medo de contrair o vírus trabalhando; Perdi minha mãe”

Em contraposição, surgiram relatos de mulheres que disseram ter ganhado muito dinheiro, aumentando a renda por não precisarem pagar os quartos e por maiores demandas de clientes, gerando satisfação e outras vivências.

“Ganhei mais dinheiro com prostituição em boate; Tive mais clientes no início; Ganhei mais dinheiro na pandemia, os homens presos dentro de casa não dava certo, a gente trabalhava com o hotel fechado e eles gostam do proibido; Gostava mais de trabalhar por não pagar diária, trabalhava na rua; Foi ótimo para trabalhar; Achou maravilhoso, ganhava muito dinheiro, 5 mil por dia; Teve muito trabalho; Foi a época que eu ganhei mais dinheiro, trabalha na paraná de porta fechada; A boate que trabalhou não fechou e trabalhou muito; Trabalhou bastante em SP por ter apenas um local aberto”

É observado, então, que diferentes experiências foram vividas em relação ao trabalho. Dentre elas, inúmeras mulheres disseram que, como consequência da pandemia de COVID 19, começaram a trabalhar na prostituição. Algumas mulheres afirmaram ainda que antes do lockdown trabalhavam em outros lugares, sendo a Guaicurus a segunda fonte de renda. Após a pandemia, a prostituição tornou-se o trabalho central.

“Perdi o emprego e vim trabalhar na prostituição; Tive que trabalhar mais como prostituta; Entrei na prostituição por conta da pandemia; Divorciei do meu marido e entrei na prostituição; Veio trabalhar fixo na Guaicurus porque perdeu o emprego como faxineira; Começou a trabalhar na pandemia; Fiquei grávida e perdi dois empregos, por isso vim para a




prostituição; Entrou na prostituição por conta da falta de empregos; Me divorciei, perdi dois empregos e comecei a trabalhar aqui; Vendia cerveja na praia com antigo companheiro, com o covid fechou tudo, separou dele e voltou a trabalhar nos hotéis de BH”

O que é possível observar, com todas as diferenças de relatos é que o trabalho sexual continuou ocorrendo, apesar das medidas sanitárias. Conseqüentemente, ocorreu uma maior precarização pela falta de garantia e/ou não acesso aos auxílios para quem deles necessitavam, riscos de exposição ao vírus, situações de agravos e vulnerabilidade social, entre outros impactos, por estarem trabalhando nas ruas.

“Tive covid, fiquei internada; Não testei, mas acho que peguei; Peguei covid duas vezes e acho que fiquei mais sensível, choro sempre; Tive covid, não senti nada e acabei passando pra minha mãe; Meu pai quase morreu e fiquei com ele no hospital. Imagina uma trans no hospital acompanhando alguém? Ele ficou no hospital 58 dias. Graças a Deus hoje está melhor; Peguei covid e não pude trabalhar, tive sequelas; Pegou covid mesmo estando trancada dentro de casa”.

Após a análise das respostas adquiridas nesta pesquisa, os debates a partir de diversas compreensões sobre o entendimento do trabalho sexual no país foi expandido. Para além das cortinas que recaem sobre a ocupação – situações de riscos, vulnerabilidades sociais e violências sofridas – entram em cena as formas de enfrentamento, resistência e potencialidades das mulheres. De maneira geral, as respostas direcionam para um ponto comum em relação às batalhas históricas das prostitutas: continuar trabalhando é uma questão de sobrevivência, com todas as nuances e significados que a palavra permite.

As mudanças atuais no formato do trabalho sexual após o contexto da pandemia de COVID-19 são, de certa forma, imprecisas e necessitam de tempo para aprofundar observações e escuta das profissionais da região. É percebido, porém, a importância de se compreender a movimentação coletiva enquanto espaço de reconhecimento deste trabalho, de forma a garantir espaços também



nos locais de decisões políticas, para que assim, possam ser exigidas e cobradas políticas afirmativas em determinadas crises e contextos no país.

O que veio depois, “o novo normal”, interferiu diretamente no cotidiano de todas as pessoas, centrando-se na reconfiguração das formas de interação física – proximidade dos corpos, diminuição de clientes, economia alterada, migração para outras formas de trabalho na prostituição, saúde mental, entre outros. Questões estas que necessitam de mais acompanhamento e de tempo para que, aos poucos, reconstruam os efeitos originados de um momento com grandes mudanças.

6. HISTÓRIAS QUE ATRAVESSAM QUATRO PAREDES

Este tópico apresenta parte dos resultados obtidos a partir da terceira etapa, utilizando-se da pesquisa narrativa e memória social para apresentar as vozes e experiências das mulheres mais velhas da Guaicurus. É crucial examinar essas dinâmicas para entender não apenas a história da prostituição em Belo Horizonte, especificamente na região da Guaicurus, mas também as nuances das relações entre as trabalhadoras sexuais e o ambiente em que vivem e trabalham.

À medida que as mulheres falam, se constrói um aprofundamento de si e do que a permeia. De acordo com Barros (1996, p. 5), “o processo de construção identitária é, assim, marcado pela continuidade e pela mudança: a permanência e a ruptura, o coletivo e o singular, o previsível e o aleatório, a sorte e a necessidade”, de forma em que nos atentarmos para o relato oral e as histórias contadas tornou-se imprescindível para o trabalho ao longo da pesquisa. Ao serem escutadas e acolhidas, ampliou-se os espaços de maneira a permitir compartilhar e sustentar de alguma forma aquilo que vivenciaram e vivem diariamente. “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.” (BOSI, 1983, p. 17).

A seguir, um quadro de apresentação de cada mulher que nos cedeu suas histórias:

Nome fictício	Apresentação	Entrada na prostituição	Citação
Daniele	Nasceu no interior de Minas Gerais, na cidade de Nova Era em 1946. Mulher travesti, trabalhou na região da Guaicurus por 40 anos como prostituta na rua e	Criada pelos avós, fugiu de casa com 16 anos e chegou em Belo Horizonte, já na região da Guaicurus. Conheceu as mulheres travestis da época sendo acolhida por elas, começou a aprender sobre os locais,	<i>“Na minha vida já passei por muita coisa. Já escapei da morte umas 4 vezes. Acho que eu tenho o santo muito forte. No meu caso eu não era muito desajuizado, sempre tive meu juízo. Não me envolvia com quem eu não devia. Sempre tive essa vida agitada, mas sempre à parte. Não me misturava muito. Não gostava de me misturar não. Quem misturava demais,</i>



	como dona de salão de beleza dentro de diferentes hotéis da região. Referência para as mulheres trabalhadoras trans e travestis atuais.	trabalhos, pessoas e costumes.	<i>pegava rabo dos outros (...) E como eu te falei, eu era muito perseguido pelos homens.” “Uma vez eu e A. fomos presas. Aí levaram a gente ali na Antônio Carlos, na delegacia. Aí falaram para mim e pra A.: vão lavar esses camburão aí. Aí nós pegamos o balde d’água, pegamos as água e chuaaaa, molhamos os camburão tudo. O portão tava encostado só, na rua. Adalgiza não vão lavar camburão nada, vão embora? Tchau”</i>
Amélia	Nasceu no interior de Minas Gerais, em 1948. Mudou para Belo Horizonte para trabalhar, atualmente está aposentada.	Chegou na Guaicurus com 17 anos, iniciou seus trabalhos na Prostituição, mas por ser menor de idade precisou retornar para sua cidade. Com 18 anos voltou e começou na prostituição por obter retorno financeiro melhor e por gostar do trabalho. Permaneceu nos hotéis até a pandemia.	<i>“Era muito movimento, foi mudando o povo foi fechando as boates, pondo lojas no lugar das coisas (...) a gente transava só de máscara (na pandemia de COVID-19). A gente ficava de quatro, a gente transava e pronto. Tinha homem que não gostava não, achava ruim, mas tinha que achar ruim não, tinha que fazer o que eu queria.”</i>
Cláudia	Teve um importante papel na luta contra a AIDS, trabalhando no grupo GAPA, dando apoio principalmente às mulheres prostitutas. Sempre gostou de seu trabalho, começando nova por curiosidade. Gosta de fazer parte de movimentos sociais.	Começou trabalhando em um restaurante com 14 anos, chamado Bandeirantes, depois migrou para boates e depois chegou na Guaicurus, onde permaneceu por mais de 40 anos. Atualmente ainda trabalha esporadicamente de maneira particular.	<i>“E não sabe a luta que a gente tem no dia a dia, né? Pra que tem os seus direitos, né? Isso é, uma prostituta que você não tem direito, você tem todo o direito. Como qualquer pessoa normal, você paga seus impostos, você cuida da sua família, né? Seu filho vai para a escola, você faz compras, você gasta supermercados, você paga o médico, né, tudo? Então você tem mesmo que tudo. Então elas acham que não tem, sabe? E aí fica ali naquele mundinho. E não é, a gente tem que, né? Expandir, desabafar (...) foi muita coisa, já aconteceu já nessa trajetória. Mas foi bom, teve os maus momentos, mas teve os bons também, né? ’</i>



<p>Joana</p>	<p>Conta ter criado seus três filhos sozinha, recebendo pouca ajuda da família. Perdeu uma casa após comprá-la, motivo que gerou muita dor. Foi presa por um tempo e afirma que a cadeia salvou sua vida. Atualmente ama fazer artesanato com macramê, visitar seus netos e morar com seu parceiro. Trabalha a 30 anos e ainda atua como prostituta.</p>	<p>Chegou na Guaicurus no final da década de 80, levada por uma vizinha após chorar na porta de casa por falta de dinheiro para pagar as contas e cuidar de seus filhos. Separada na época, morava com a mãe e os 3 filhos, viajava a cada 15 dias para Belo Horizonte. O primeiro hotel em que trabalhou foi o Hotel Aurora.</p>	<p><i>"Um homem que me ensinou que ele é meu cliente até hoje, há 30 anos. Ele foi o meu primeiro cliente, e ele é meu cliente até hoje. Ele falou assim; "Ó, quando os cliente começa chega em você, vai perguntar pra você como é que é, você fala uma chupadinha, três posição. E na época era 5,00. Nunca esqueci isso. Ai eu fui fazendo cliente, fui conhecendo os clientes. E foi tão bom... era tão bom de ganhar dinheiro aqui, sabe? Muito bom mesmo, mas também tinha as coisa ruim que rolava na rua, mas eu não saía, né? Tinha medo. Ai eu só ficava memo no meu quarto. Me chamava, e eu num ia em lugar nenhum. Ai, é, eu comecei a guardar dinheiro, comecei a guarda e eu falei assim comigo "vou comprar uma casa, vou comprar uma casa pra botar meus filhinhos"</i></p>
<p>Natalia</p>	<p>Nasceu em 1953, na cidade de Senhora do Carmo/MG. Trabalhou por 56 anos nos hotéis, sendo 36 como prostituta e 20 como cozinheira do Hotel. Conseguiu aposentar e atualmente gosta de estudar e frequentar as aulas em grupo.</p>	<p>Começou a trabalhar na Guaicurus em 1966, com 16 anos após chegar em Belo Horizonte, sendo chamada por pessoas da própria região. Chegou na cidade inicialmente para ser babá, não dando certo, e assim trabalhou quase todo momento em um mesmo hotel.</p>	<p><i>"Eles carregavam caminhão, aí, ele era muito amigo (...) quando teve a Guaicurus funcionando com os descarregamento né, que ele descarregava caminhão, aí quando cabou, ele virou mendigo, morreu velhinho, E aí ele que era meu amigo, quando chegou aqui, não tinha como esquentar água, aí sabe o que ele fez? Me deu um caneco, você acredita que eu tenho o caneco até hoje? Tenho. Olha procê vê, tem mais de 50 e poucos anos o caneco, aí, era um amigo que era bom."</i></p>
<p>Sabrina</p>	<p>Fugiu da casa do pai que lhe agredia. Sofreu um derrame quando trabalhava no Montanhês, o que a deixou em uma cadeira de rodas durante 10 anos. Atualmente é aposentada, mas continua trabalhando nos</p>	<p>Seus pais não lhe deram estudo e sua saída foi entrar na zona. Entrou na prostituição aos 18 anos de idade e começou a trabalhar primeiro no Hotel Aurora. Trabalhou durante aproximadamente 20 anos no Hotel Magnifico</p>	<p><i>"Sabe o que eu mais gosto da minha profissão? Ninguém manda em mim, a hora que eu quiser ir embora eu vou, se eu trabalhar um dia trabalhei, se eu não trabalhar não trabalhei. Entendeu? Às vezes a gente escuta, vive uns aborrecimentos, mas a gente faz um esforcinho, entendeu? (...) Não dependo de ninguém, não devo nada a ninguém, ando de cabeça erguida. Onde eu quero ir, saio a hora que eu quero, entendeu? Eu gosto da vida que eu levo."</i></p>




	hotéis.		
Vanessa	Nasceu no interior de Minas Gerais em 1955. Mudou-se com a família para Belo Horizonte em 1959. Desde criança frequentava a região da Guaicurus engraxando sapatos e entregando peças de ourives. Entrou na prostituição com 15 anos de idade. Entre 1970 e 2010, aproximadamente, viveu na prostituição e foi gerente de casas. Com 55 anos de idade, saiu da prostituição. Atualmente tem 68 anos e trabalha como redutora de danos.	Conheceu na rua algumas mulheres trans e assim, escolheu sair da família e morar com elas na “zona”. Ainda era menor de idade e por isso, na hora de dormir as mulheres a colocavam debaixo da cama delas sem a cafetina perceber. Então, começou a tomar hormônio por volta da década de 1970. “Eu queria transformar, ali eu tava com o que, 14 pra 15 anos, já tava deslumbrada com a vida”. Entrou na prostituição e começou a ganhar dinheiro trabalhando na rua.	<i>“(…) respeita a trajetória da gente! Tem hora que você tem que sentar num canto e falar, igual eu já falei pra muitas. Mas elas não acredita. Eu também não acreditei não, era assim. Era terrível. Elas falavam comigo, eu falava 10, 15, 20 vezes. Sempre fui atrevida, sempre tive educação, fui pra rua, tomei porrada, dei muita porrada, apanhei, batei, arrochei, fui arrochada, amei, fui amada, fui bagunçada, fui torturada, fui prostituta anos, ganhei a vida com meu próprio corpo, com minha beleza!”.</i>
Zélia	Casou-se aos 14 anos de idade, momento no qual se mudou para Governador Valadares. Teve duas filhas com o marido, que a agredia. Fugiu com as filhas para morar com a irmã em Belo Horizonte.	Após se mudar para Belo Horizonte começou a trabalhar em serviço de limpeza de banco, onde conheceu uma mulher que trabalhava como prostitua. Essa mulher a levou para conhecer os hotéis e, a partir daí, Zélia começou também a trabalhar na prostituição em 1970, ficando por 28 anos.	<i>“eu não posso questionar nada da prostituição, tudo que eu adquiri, foi na Rua São Paulo e na Guaicurus. Tudo, e não consegui mais porque fui boba (...) eu não tenho que questionar sobre prostituição. Se eu pudesse, eu voltava, mas hoje eu já tô meia cansada. E porque cansa também viu gente e também a gente é muito humilhada, viu?”</i>



<p>Carmen</p>	<p>Nasceu em Raposos em 1958. Morou com a avó até os 6 anos de idade, quando a mesma faleceu e, então, mudou-se para Belo Horizonte, onde os pais moravam. Começou a trabalhar na prostituição aos 26 anos. Trabalhou por muitos anos como empregada doméstica. Possui três filhos e atualmente trabalha como redutora de danos.</p>	<p>Quando já morava em Belo Horizonte, foi demitida de seu trabalho como profissional de limpeza em uma Conservadora. Por isso, entrou na prostituição aos 26 anos de idade. Inicialmente, trabalhou na prostituição por conta própria, na praça Rio Branco. Depois, subiu para a avenida Paraná e, mais tarde, começou a trabalhar nos hotéis da região da Guaicurus, onde permaneceu por 30 anos.</p>	<p><i>“eu queria falar pras trabalhadoras pra cuidar do corpo, é, fazer checkup, tomar vacina, né, e, ter cuidado né, com os homens, que tem uns que é maldoso, vai transar, tira o preservativo, eu falo com as meninas que chegam, que vai transar, eles mandam ficar de quatro, e tira o preservativo e goza nelas, quando é novata eu falo cuidado, que eles costumam fazer isso. E uma apoiar a outra né, mesmo que não seja amiga, uma apoiar a outra. Porque quando acontecer alguma coisa, uma socorrer a outra né, porque antigamente, a gente não conversava com todo mundo né, mas quando a gente via que tava acontecendo alguma coisa, a gente já gritava o porteiro lá em baixo, pra acudir né, pra não matar né, mas mesmo assim, já assassinou muita menina, hoje em dia é menos, mas já mataram muita, pra ter cuidado né. E ficar mais presente com os filho né, eu fiquei muito tempo ausente, dos filho, porque eu tinha que ficar na zona, né, mas eu sinto uma falta, sabe? Eu queria ver meus menino crescendo assim, ficar assim perto deles, mas não deu não, mas eu fiquei com minha neta.”</i></p>
---------------	--	---	---

Pode-se observar que o território – no caso dessa discussão, a zona de prostituição da Guaicurus – é um espaço produtor de vivências, no qual as identidades, as memórias, os laços sociais e as práticas cotidianas contribuem para moldar sua característica única. Analisando os resultados da pesquisa confirmou-se o que já estava hipotetizado: a configuração da região do baixo centro de Belo Horizonte ao longo tempo, enquanto espaço físico, interferiu diretamente na forma como as mulheres trabalhadoras sexuais se mobilizaram e continuam lutando por direitos.

“E ali passou muita, muita coisa”



Daniele relata que chegou na região da Guaicurus na década de 1960, e que diferente do comércio encontrado atualmente, predominava o comércio atacadista de sacarias de mantimentos como arroz, feijão, entre outros. O território era perigoso e extremamente agitado, com intenso movimento de mulheres, também perigosas.

“A única coisa que tinha lá era só a leiteria e o bar dos amigos... E os comércio que tinha ali era mercearia, era só comércio de sacos... de arroz, de feijão, essas coisas. Não tinha outros tipos de comércio lá não.”

Narra que começou a trabalhar na época do glamour da região e cita os hotéis Catete, Vereda, Novo América, Imperial, Maravilhoso - sendo este em frente ao atual magnífico e do lado do Catete. Cita ainda, o Hotel Lírio, Hotel Damasco, atual Stillus, Hotel Viajante - atual Vereda e frequentava o Montanhês dança, atual Hotel Miragem. Afirma que nesta época o hotel Catete era o mais sofisticado, sendo todo feito em mármore por dentro. Comenta que o primeiro salão em que trabalhou foi no hotel Damasco.

*“Não é aquela Zona de antigamente, não é aquele movimento que tem hoje. **Naquela época nem família passava naquelas rua, elas tinha...elas tinha medo.** As mulhé batalhava, morava dentro do hotel. Não morava como hoje não, só vão lá... elas moravam lá mesmo. Depois que alugaram essas casa fora e vinha só pra batalha. **Na maioria de todos os hotéis as mulheres moravam lá.**”*

Afirma que antigamente era muito melhor em questões de segurança e fluxo de homens. Conta que as trabalhadoras se divertiam e não tinham tantas preocupações como hoje, conseguiam trabalhar mais e ganhar mais, pelas diárias serem mais baratas e ter mais clientes subindo.

Na década de 70, Vanessa pontuou que, no passado, mulheres trans e travestis não podiam trabalhar na Guaicurus, “a zona toda vida foi de mulher”. As travestis que frequentavam a zona eram aquelas que trabalhavam como faxineira, limpando os quartos das mulheres.

“As mulheres eram muito asseadas, era muito mulher de interior, sabe? Que vinha pra Belo Horizonte, aquele sucesso todo, e as trans, nós por exemplo pra trabalhar pra pegar homem, a gente ficava na rua (...) pegando e não subia no hotel, não tinha hotel de trans não. Não existia

hotel de trans, tinha casa dentro da zona, a gente entrava como se fosse faxineira. Mas pra trabalhar sem a polícia saber.”

Geralmente na parte debaixo da Olegário Maciel era um ponto de mulheres cis, mas algumas mulheres cis trabalhavam também junto com as mulheres trans.

“(...) a lembrança que eu tenho da Guaicurus, é que nós ficava na esquina da São Paulo com Oiapoque. Tinha um bar... esqueci o nome do cara. Então nós reunia ali no sábado. E a Joia pagava bebida pra nós a noite inteira. E naquela do bar, que a gente tava bebendo, a gente saía, pegava o cliente, fazia..., mas a polícia não deixava nós ficar parada. Não podia parar na zona. As mulher tudo trabalhava lá em cima, então não podia ter zona embaixo. A gente era abusada e fazia cliente ali até eles acostumar com a gente.”

Vanessa trabalhava na região da Guaicurus somente até pegar um cliente. Depois, ela pegava um táxi e ia trabalhar na Olegário Maciel. Não se sentia bem trabalhando como prostituta na região da Guaicurus, pois a polícia e os donos dos hotéis não deixavam as mulheres trans trabalharem lá. Ela conta que as mulheres trans e travesti roubavam os clientes na rua:

“Porque sabe o que as bicha fazia? Antes do homem subir pra lá, elas roubava ele na porta. Uma vez um homem subiu, a mulher não tinha roubado, ela segurava, que o homem foi roubado. E o homem ia dar uma geral lá dentro e sentia falta do dinheiro, foi roubado lá na porta do hotel. Então isso foi ruim pra nós. Deu ruim, deu ruim e cada um caçou seu canto.”

Por isso, as travestis que frequentavam os hotéis trabalhavam como empregadas das mulheres cis, seja limpando, buscando roupa e lanche. Normalmente as mulheres que estavam mais velhas à época e não ganhavam mais dinheiro começaram a trabalhar dessa forma nos hotéis para as mulheres cis.

Daniele conta que em sua época - década de 60/70 - as mulheres trans trabalhavam na rua. Em específico na Olegário Maciel e Augusto de Lima. Apesar disso, alguns hotéis aceitaram mulheres cis e trans, como o hotel Miragem e o Novo América. Porém, logo tornou-se exclusivo para mulheres cis, devido a proibição da polícia. Afirma que existiam clubes de dança para as mulheres trans na região e que uma vez participou do concurso de miss e ficou em terceiro lugar.



“Tinha o **Montanhês dança**, ali na Guaicurus, ao lado do Maravilhoso, era o Montanhês Dança. Ali antigamente tinha o concurso de Miss gay. Era em frente ali. Então a zona fervia. Vinha família pra ir ver (...) **tinha o Continental dança**, mais abaixo, prédio que tinha na esquina, também era boate dançante.”

Zélia relata que na década de 70, um dos melhores hotéis para se trabalhar era o Brilhante, mas que trabalhou no hotel Viajante, mudando depois para o Catete. Disse que chegou a trabalhar no Hotel Lírio, que atualmente chama Amarelinho 2. Já Cláudia, comentando sobre os hotéis, afirma que trabalhou em diversos dos mais antigos, porém, permaneceu durante muito tempo no hotel Nova América. Confirma que em sua época, o Hotel Vereda era o antigo Hotel Viajante, e da mesma forma que Daniele, diz que o Hotel Stylus era o Hotel Damasco.

Vanessa conta que, naquela época, não havia viração de dia (isto é, prostituição de dia). Quem inventou a viração foram as mulheres trans que já se foram, devido a violência policial. “Elas abriram na BR, porque no Centro não podia trabalhar. Você quer trabalhar no Centro, você trabalha, você pode até dar sorte, mas você ficava 2, 3 meses preso, de bobeira”. Morou, durante um tempo, em uma casa da qual Joia era dona. Era uma casa onde moravam mais de 30 travestis, no sobradão, na Praça do Peixe. Lá também era um local de prostituição:

“Ali era zona! Ali eu tenho história pra contar! Ali eu tomei facada, ali eu roubei, ali eu prostituí, ali eu vivi uma vida... a gente achava que era só aquilo ali que era a nossa vida, aquele pedaço ali. A gente passava anos morando naquele lugar ali, era tipo bairro. Todo mundo conhecia todo mundo. Policial já sabia o que se passava ali. Muito marginal, concentração de marginal.”

Na região, também havia o Hotel Monte Carlo, que também tem uma história com mulheres cis: “Ali nunca aceitou... ali aceitou travesti também pra trabalhar de faxineira. Não subia menor. Agora tá lá, todo fechado”.

“A casa onde nós moramos, o prédio, hoje é a praça do Peixe. Aquele estacionamento ali... ali nós viveu anos ali, tudo central ne. Achava que era tudo central, tudo maravilhoso. E era né, na época era maravilhoso. Ali nós tinha cozinheira, ali nós tinha cabelereira, ali nós tinha tudo! Na época

que a gente podia, tinha dinheiro. Pagava até pra acordar. As fase boa ne. Tem as fase ruim na prostituição. A fase ruim é quando você não ganha mais, você não consegue se manter na prostituição. Você tem que fazer qualquer coisa. Sai quebrando, vai vender uma lata.”

Zélia conta que quando chegou em Belo Horizonte, na década de 70, o centro era bem diferente. O Rio Arruda era aberto e passava por debaixo da rodoviária. “Aí o homem falou assim, “Eu se fosse ocês subia lá em cima, que lá em cima faz menos frio do que aqui, mas faz muito frio” porque o córrego era aberto”.


O atual metrô da Lagoinha era um mercado, chamado “Mercado da Lagoinha”, onde vendia comidas e bebidas. “Aí a Guaicurus era cheio de carreta que o comércio era atacado de tudo era ali, não tinha Ceasa não, a carreta vinha tudo pra lá”. Além de distribuidoras e bares, existia um espaço chamado Grilo, em que ocorria jogo do bicho, existindo também açougue e uma feira de mercado - no atual Shopping UAI.

Natália afirma que na década de 70, a Guaicurus funcionava como carga e descarga, tendo galpões grandes de armazenamento.

“Aqui na Guaicurus era, tipo um galpão, tudo saia daqui, na época não tinha o Ceasa, tudo saia daqui, arroz, feijão, tudo, mantimento, era aqui. A rua toda, era muito caminhoneiro, né, e tinha também a fábrica de Coca Cola, bem aqui na esquina, embaixo na Oiapoque”

Zélia nos conta que no shopping OI, existia uma distribuidora da Antártica. “É porque a Lagoinha é uma área, era toda vida, foi uma área, Boêmia. Esse bairro Lagoinha aí atrás lá perto daquela igreja, Itapecerica, Odilon Behrens, aí você vai subindo até no Santo André, caiçara sabe”

Afirma que na época da Boemia da região da Guaicurus, existiam muitos bares como O mineirinho, na Rua Espírito Santo, na praça da Estação, no Barro Preto com alguns Scott Bares. Assim como locais de dança como Elite, Montanhês Dance - atual Hotel Pensão Mineira - Peixe Vivo, na Av. Brasil, na Augusto de Lima com Raul Soares, assim como na praça Santa Tereza.



Natália relata que na década de 70, se quisesse dançar, iria para o bar Elite - no bairro Barro Preto - ou para o bar Estrela, perto do mercado central. Havia outro também na Av. Santos Dumont. Comentou que quando começou a trabalhar, a maioria das mulheres moravam dentro dos hotéis, e ficavam presas durante a noite, quando o funcionamento acabava e o gerente ia embora.


“Luiz varria, recebia, tudo era ele, na hora que ele saía, trancava a porta, deixava a gente trancada ali dentro, olha pro céu. Ah, era muito difícil. E, na hora que apagava a luz, todo mundo tinha que ter uma vela, a gente acendia a vela, foi e, sempre a gente arrumava um fogareiro, de álcool pra poder fazer alguma coisa pra gente fazer. Porque fechava tudo, ele fechava 23h, e ia embora, só no outro dia, quando chegava 7h que ele chegava. Então foi uma vida bem sofrida esse tempo, não tinha banheiro, tinha um cano, pra você tomar banho, era horrível, aí depois que foi melhorando né.”

Cláudia começou a trabalhar como prostituta no final de 70, início de 80. Primeiro em um restaurante chamado Bandeirantes, na Av. Antônio Carlos, também na “Pai quem quer”, no bairro do Bonfim, conta também de um restaurante chamado Chines, na Av. Paraná, chegando depois na Guaicurus. Relata ter grande movimento de pessoas na época. Comenta de algumas boates que frequentava, como Boate Avenida, na rua São Paulo, boate Sucata, na praça Rio Branco.

“Depois tinha uma boate ali também, que a gente também ia, né. Tinha uma em frente também, e não chegava a ser boate, mas era uma casa de dança, coisa que a gente frequentava também, né? E avenida era, depois teve a avenida que era na Santos Dumont. Já fui na Scorpions, já fui na Sagitário, então já fui muitas boates assim, mas que eu trabalhei mesmo que eu frequentei mais mesmo foi a boate Avenida, que hoje ela é na Carijós. Existe até hoje.”

Carmen conta que na década de 80, o atual hotel São Paulo, chamava-se Aurora e que trabalhou um tempo de sua vida neste espaço. E diz que o primeiro hotel que trabalhou, na rua Caetés, não existe mais, porém chamava-se Hotel Brasil, na década de 80.

Diz que inicialmente trabalhou na Avenida Paraná, região muito movimentada, “Era a noite, tinha no restaurante 24h, tinha a padaria 24h, tinha banca de revista 24h, tinha lugar de dançar, eu só subia a Paraná assim, nem




precisava atravessar, virada assim, tinha um lugar de dançar”. Afirmava que à noite haviam pessoas que vendiam bebidas, churrasco, angu baiano em quase todas as esquinas do centro.

Vanessa conta que havia também uma pensão, localizada na Santos Dumont, que as mulheres trans utilizavam para fazer os programas, “já tinha pensão que as bixa entrava pra roubar mesmo”. Relata que, em geral, os clientes da região Centro-Sul não utilizavam camisinha. Quem utilizava mais eram os clientes na região do Lourdes, sendo que “os [clientes] que usavam camisinha naquela época tinha condições, acho, que é pra comprar”. Ela e outras mulheres trans trabalhavam onde atualmente é o Shopping Diamond, que antes era um mato. Os hotéis trans abriram na Guaicurus por volta de 1990/1991. Havia 4 hotéis, mas atualmente há apenas dois, ambos da mesma dona.

As propostas de intervenção urbana tendem a enxergar a cidade a partir de suas problemáticas, em vez de considerá-la um espaço de convivência coletiva, de transformação social e (r)existências. O que se percebe é uma falta de esforços para valorizar as áreas tradicionalmente associadas à prostituição; ao contrário, essas áreas são reduzidas, sob o risco de acabarem ou serem deslocadas para regiões mais afastadas. Na Guaicurus, ainda hoje existe o receio da gentrificação local.

Para além do território, a história é marcada por pessoas que movimentaram de alguma maneira o trabalho da prostituição em Belo Horizonte. Desta forma, percebe-se ser importante o reconhecimento das pessoas citadas ao longo dos relatos.

Ao longo do relato de Daniele, observa-se algumas pessoas importantes que marcaram de alguma forma sua trajetória de vida na região da Guaicurus. Conheceu Cintura Fina, Maria Tomba Homem - *“Tinha a Maria Tomba Homem, que era um perigo, ela não tinha medo de homem”*. Comentou de Brigitte, uma das mulheres prostitutas mais ricas da época. Trabalhava no Hotel Maravilhoso e conseguia ter televisão, fogão e diversas outras coisas dentro do próprio quarto



“Era uma mulher muito linda. Ela era tão sofisticada que ela pegava avião daqui para ir pro Rio para assistir futebol”. Disse também de algumas amigas como Isaurinha, mulher trans que trabalhou com ela por muito tempo, sendo companheiras como prostitutas e cabeleireiras.

Vanessa também conheceu Cintura Fina no Morro do Querosene, quando esta já estava muito velha. Cintura Fina havia saído da penitenciária e tinha uma alfaiataria na época. “Cintura Fina na época que polícia barbarizava, ela tava demandando a zona. Ela nunca maltratou travesti, nunca maltratou as mulher. Ela não gostava, ela tinha uma birra era com homem, homem cis, homem hétero.” Daniele também conheceu Cintura Fina e comentou ter sido amiga próxima dela. Contou que na época, travestis e mulheres trans não andavam com roupas femininas e maquiagens, mas que Cintura Fina era a única que fazia isso.


“Ela era muito bonita... e se falava não com ela, não adiantava (...) ela era muito perigosa... a Cintura Fina. Uma vez a Globo fez uma reportagem com ela porque ela mandava a navalha no elástico, cortava o cigarro no meio. Ela era muito... como é que fala... muito profissional. Ela era muito perigosa. Polícia para prender ela tinha que ser 8 radio patrulha.”

Relatou um caso em que ela e Isaurinha ajudaram uma amiga, Inês, a largar um gigolô que tinha e juntar dinheiro com o trabalho na prostituição. Daniele se refere ao tempo dela de prostituta como “batalha”, questão importante para compreender a percepção do trabalho em sua época.

*“(...) e ensinamos a ela como batalhar e guardar dinheiro. Ela fez. Despachou o homem. Ela foi guardando dinheiro, dinheiro e foi conseguindo as coisas. Conseguiu as casas dela. Passou alugar casa e depois ela saiu da zona, e continuou lá vendendo comida. **Ela tá lá até hoje, tá lá. Ela faz comida e traz.**”*

Sabrina foi amiga de Hilda Furacão, com quem trabalhou na Guaicurus, em uma casa antiga em frente ao Hotel Imperial.

“Ela era doida gente. (...) O cabelo era curtinho assim. Fugiu, no altar (risadas). Eu tava, nós trabalhamos juntas minha filha. Mesma zona, ali de frente ao Imperial tem uma casa assim ó, e nós trabalhava ali! Eu nem lembro o nome da casa mais, querida. Era a zona, era a zona. Era de frente ao Imperial, da Guaicurus com a Rio de Janeiro. (...) Ela [Hilda] teve muito



apoio, veio pra zona. Nós éramos, era amiga uma da outra, tinha fingimento não, nós éramos amigas mesmo. A, ela era boazinha, tudo que ela comprava ela me dava. Era porque nós éramos as mais maduras do hotel, né, então a gente ficou muito amiga. Muita mulher que acompanhou a gente lá já morreu também. Levou uma facada, morreu a tiro, cê acredita que eu já perdi muitas amigas, querida, nessa vida?”

Natália conta que quando chegou na Guaicurus, Hilda Furacão não estava mais lá, porém, ouvia dizer e observava das mulheres na época que:


“os vestido era muito bonito, rodado, as menina gostavam muito de vestido vermelho. Vermelho e azul, e verde, que eu lembro, e aí, era, só sei que, era bom. Não tinha ladrão né, não tinha essa confusão que tem hoje não, cê podia dormir com o dinheiro na mão, que ninguém pegava, era bom mesmo.”

Daniele conta de uma Delegada da época, Elaine Matozinhos, figura importante na história da segurança pública mineira, sendo também, vereadora por vários anos. A delegada destaca-se pela sua luta pelos direitos de segurança das mulheres, participando de projetos de leis como a criação da delegacia da mulher, preferência nos estabelecimentos a mulheres grávidas e idosos, entre outras questões. Apesar dos feitos, atuava a partir de políticas higienistas e contrárias ao trabalho sexual.

“Tinha a delegada que eu detestava. Ela fechou o hotel, a zona três vezes. (...) Aí no dia que ela fechou a zona, eu tava no hotel, o salão lá em cima. Lá, entrou, fechou a zona e levaram as mulher tudo. “Ô doutora, que que eu vou fica fazendo aqui sozinho? A senhora tá fechando só hotel comigo aqui dentro?” “Tô. Esqueci de você”.”

Cláudia também comenta da época da Elaine Matozinhos, pessoa que realizava batidas policiais e que precisava abrir quarto por quarto para mostrar que não estava escondendo ninguém. Conta que antigamente as coisas eram mais seguras, e que esta é uma pauta fundamental para se analisar atualmente.

“Já o gerente sempre descia correndo, né? Porque senão ia preso, né? Aí eu chegava lá na gerência, pegava as chaves e abria os quartos que estavam vazios, né? Que era a doutora Elaine Matosinho, na época. Aí eu ia pegar as chave dos quarto, eu ia abrir os quartos para poder ver que não tinha ninguém. Então, sempre por azar aconteceu isso comigo em 2 hotéis. Uma foi no Vereda, onde era hoje, o Vereda, mas antigamente era Viajante, teve essa batida e no Nova América, então no Nova América, eu estava também.



Aí fomos, abrimos os quartos, pegava a chave, veio, “mas cadê o gerente?” Eles falava assim, e eu respondia: Sei lá, só estou com a chave. A chave está aqui, eu sou prostituta, eu tô trabalhando, então não vai levar as meninas, eu vou descer junto, mas gerente eu não sou não. Mas eles tinham confiança minha.”


Daniele também conta momentos de extrema violência. Divide seu relato em dois tempos, quando viveu o final da delegacia de costume, na década de 40 e a ditadura. Conta que já escapou da morte quatro vezes e que o que o salvou em muitos momentos, foi a relação que criou com alguns policiais.

“Ah...Batalhava. Sabe... de travesti. Só que a polícia não deixava. Era muito perigoso. Perigoso não, eles perturbavam demais. Levava a gente preso. O delegado soltava, não deixava ficar preso não. E assim fui vivendo. E na época era proibido. Tinha a polícia... costume... a costume e vadiagem. Tanto travesti quanto mulher na rua não podia batalhar, aí levava preso. Aiai...”

Natália conta que quando chegou na Guaicurus - em 1966 - era uma região muito segura e sem muitas questões. Porém, na década de 80, existiam batidas policiais militares em diversos hotéis da região. “Abria, levava todo mundo, alguns iam pra delegacia, aquelas que estavam mais afastadas não ia, aí uma hora, duas horas da madrugada, eles soltavam os gerente, aí a gente entrava.”

Vanessa trabalhou durante a ditadura militar. Ela aponta que foi um momento muito difícil, onde elas foram presas. A ronda policial iniciava às 16h e, se a polícia passasse pelo ponto de ônibus e viam uma mulher trans a colocavam dentro do carro para levar para o departamento de investigação e conforme se procedia, a mulher apanhava. Assim, Vanessa e outras mulheres começaram a trabalhar na BR.

Apesar das inúmeras violências e segregações, ao longo dos relatos, foram citadas pessoas que estiveram individualmente auxiliando na luta das trabalhadoras. Como exemplo, Joana conta dos relacionamentos com os clientes, em que construiu relações de afeto e cuidado. Diz da primeira pessoa que atendeu, que ensinou como era realizado o trabalho como prostituta dentro do



quarto, afirma que o atende até hoje. Relata serem as mulheres mais velhas suas companheiras de trabalho, como *Cidinha, Laura e Mariana*.

Vanessa também cita *Joia*, cafetina que a ajudou muito. Antes de chegar à zona, Joia era torneira mecânica na Mannesmann. Ela trabalhou lá durante muito tempo, apaixonou-se por um homem, que a fez sair do trabalho. Assim, Joia foi para a zona, onde viveu até o final de sua vida, aos 55 anos, foi para a zona ainda jovem, e recebeu apoio da família. Joia abrigou Vanessa quando estava passando mal pela sífilis.


“Ela [Joia] falou: “Vamo lá pra casa. Não usa droga, não usa nada. O remédio que você precisar, se o SUS não tiver, eu compro pra você. Mas vai ter lá em casa a comida, vai ter tudo, você não vai sair enquanto você não melhorar”. E aí foi isso. Tava em tempo de perder minha perna. Eu ia trabalhar, eu tinha que maquiara ferida e por uma meia por cima, meu bem, pra ganhar um dinheiro na rua. Se o homem olhasse, não pegava a gente não.”

Também conviveu com Zoraya durante cerca de 50 anos. Foi uma das pessoas que a acolheu quando chegou, ainda criança, na zona.

“Zoraya morreu tem um ano. É uma amiga minha que eu conheci na rua, outra que eu vou te falar que eu sinto falta dela dia e noite (...) foi pior que um irmão. O susto foi tanto, que eu perdi o chão. Era uma pessoa que era igual um irmão pra mim. A gente brigava! Mas ela era uma pessoa, era conselheira, ela tirava a gente... tirava assim, no bom sentido. Ela... eu ia fazer uma coisa, ela “Vanusa, pensa direito”, sabe? Aquela pessoa que sempre tá ali te orientando. Porque ela viu a minha inocência na rua, ela foi uma das que me abraçou quando eu cheguei na rua.”

Zélia conta de uma pessoa central em sua vida, o *Zé Maria de Paula*, que a ajudou no processo do início da vida na cidade de Belo Horizonte. Comenta de alguns donos e gerente de hotéis que entende ser importante para a história da Guaicurus. São eles: *Seu Zé Odion; Ricardo; Senhor Reinaldo; Seu Ailton; Clarice; Dona Custódia; Dona Irene*.

Afirma que na época, quem cuidava das mulheres da região, eram *Seu Geraldo e Mário Rios*, pessoas que trabalhavam na Drogaria Araújo e que eram farmacêuticos. Comenta também da **Gabriela Leite** e de sua importância no momento de pico do HIV.



Cláudia trabalhou um tempo com Gabriela, quando começou a trabalhar no GAPA, fez muitas viagens, quando conheceu Gabriela Leite. Ela então começou a participar do movimento: “a gente tinha reunião, a gente vinha com os hotéis, né, distribuindo, preservativo, panfleto, chamava para ir nessas reuniões igual tem até hoje, né?”.


Joana conta que ao longo de seu trabalho, viveu com muitas doenças como gonorreia e cândida, “essas coisas, era normal. Acho que pegava porque quase não tinha preservativo, mas quase não tinha para quem não queria, porque eu achava... umas camisinha que nem existe hoje mais.”. Diz que a primeira camisinha que usou era colorida e bem fraca, tinha que usar duas. Carmen, da mesma época que Joana, diz que antes de aparecer camisinha, usavam bacias de plástico para se limparem, e afirmava ser uma para cada quarto do hotel.

“Primeira camisinha que comprei foi na banca de revista e era do Paraguai. Uma pequenininha assim ó, Londons, foi a primeira, mas já tinha transado muito. Nós usava a bacia de plástico minha filha, aí lavava, lavava lá, e deixava a água lá, eu ia embora, deixava a bacia lá porque era do hotel, deixava lá, entrava outra menina e lavava com a mesma bacia. Menina, fico pensando, meu deus, como é que eu não peguei um trem?”

Conta que em determinado momento, os hotéis começaram a exigir que cada trabalhadora fizesse e pagasse seu próprio teste de HIV, sendo combinado anteriormente com determinadas clínicas. Anteriormente, não havia ninguém para ajudar as mulheres em relação à prevenção de IST. Sabrina relata perder muitas amigas em decorrência do HIV e da desinformação:

“Perdi, perdi muitas amigas... ninguém sabia, transava sem camisinha, ninguém sabia... elas cheiravam muito pó, droga, pedra, metia em qualquer um, era gigolô, era maloqueiro de rua, eu escolhia, né. Ai saia qualquer um, perdi muitas amigas, muitas. Eu escolhia os cara pra ficar comigo, uai. Deus vai me perdoar, dependendo deles, mas eu escolhia. Deitava com qualquer, até hoje, eu não deito com qualquer homem não.”

Daniele afirma que surgiu há mais de 40 anos, quando ela já trabalhava como prostituta. Conta que sempre cuidou de sua saúde, testava constantemente, sempre usava camisinha e distribuía para suas colegas na praça do centro.



“Ahhh...as pessoas não incomodavam muito... muito não. Parece que não tinha muito amor à vida. Faziam a torto e a direita..., mas era muito perigoso. Morreu muito... Minhas amigas... quase tudo já não existem mais. Aqui antigamente morava muita travesti, todas elas já partiram. As bichas falavam pra mim: Cê não morre não, viado.”

Diversas trabalhadoras escutadas, relataram que antes da epidemia da AIDS, os trabalhadores da área da saúde não as escutavam e não conversavam com elas. Poucas pessoas as ajudavam e por este fator, não tinham muitas informações em relação à saúde.

“Nós tivemos muita dificuldade com profissional. Então, quando explodiu mesmo a AIDS na zona, médico nenhum queria cuidar da gente, não. Você vai ouvir de outros meninos, você vai que da minha época que vai te falar sobre isso, sobre os o senhor Geraldo da farmácia, que era debaixo daquele hotel que tem ali embaixo ó, até fechado. Ele cuidava dessas meninas como ele, se fosse, um médico. Fazia antibiótico, dava injeção de Benzetacil.”

Zélia afirma que a chegada de *Gabriela Leite* fez as mulheres prostitutas atentarem-se à questão da AIDS no Brasil, que até então era vista como uma doença de outros lugares. Dizia que gerava medos e inseguranças quanto aos tratamentos e prevenção.

Durante a pesquisa foi notável a afirmação de suas narrativas, emergindo como um recurso valioso para compreender como percebem e vivenciam o mundo, desafiando a marginalização. Apesar da tentativa de invisibilizar o trabalho sexual, ela não é completa. Afinal, todas são mulheres, todas têm histórias, todas são sujeitas políticas dessas histórias, todas são cidadãs de direitos, todas (r)existem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode-se perceber, o diagnóstico traz muitos dados importantes que devem agora ser estudados e debatidos pela APROSMIG, pela rede de apoio às trabalhadoras sexuais, universidade, sociedade em geral e também pelas próprias prostitutas. No sentido de elaboração de políticas públicas condizentes com a realidade, suas necessidades, riscos e potencialidades, para que cada vez mais as trabalhadoras sexuais tenham acesso aos serviços, e que seus direitos sejam garantidos de forma mais integral, incluindo o respeito e valorização enquanto sujeitas de direitos.

Abaixo seguem destacados pontos que merecem atenção na elaboração futura de ações:

Diversidade das mulheres - Ao se tratar da temática da prostituição, é preciso romper com uma lógica universalista, na tentativa de encontrar um perfil para definir a prostituta. Essa pesquisa vai ao encontro de várias outras análises ao afirmar a diversidade presente no trabalho sexual, seja nos marcadores identitários, nos padrões sociais estéticos de beleza e aparência física, nas motivações, determinações e escolhas que as levaram à prostituição, nos objetivos que cada uma carrega, nos projetos de vida, sentidos e expectativas, compreendendo a singularidade de cada mulher em seu trabalho. Nesse sentido, é necessário que se considere essa diversidade na elaboração de políticas públicas voltadas às trabalhadoras sexuais.

Racialidade - Apesar da diversidade presente no trabalho sexual, um fator marcante é a predominância de mulheres que se autodeclaram pardas e pretas. Esse marcador deve ser observado, analisado e pontuado como um tópico importante de análise e questionamento, visto que ao se compreender o funcionamento econômico e social brasileiro, as mulheres negras - cisgêneras e transgêneras - ainda



permanecem majoritariamente em ocupações sem reconhecimento. Desta forma, contribui-se então para uma lacuna em que a falta de escolha de trabalho, menores salários, maiores violências, entre outros, seja afirmado. Considera-se que as políticas públicas de reparação devem estar presentes nas ações a serem realizadas, visto que esta questão é histórica, para além de uma realidade atual.

Condição de subalternidade - O trabalho sexual é marcado por fronteiras invisíveis da vulnerabilidade em diversos aspectos, um deles a subalternização, de forma negativa, é visto socialmente, como um trabalho sujo e promíscuo, até sua destinação é marcado por territórios marginalizados. Essa condição acaba por sustentar também o processo de exclusão vivenciado pelas trabalhadoras sexuais e consequente vida dupla, escondendo da família seu trabalho, em virtude do estigma social e da putafobia³. Assim, são mulheres negras que, majoritariamente, ainda ocupam espaços de trabalho vistos como subalternos, invisibilizados e/ou à margem social, como acontece com a prostituição.

Condições de trabalho - Compreende-se que qual seja a inserção na prostituição, seja por necessidade/sobrevivência ou escolha, do ponto de vista econômico, o trabalho sexual permite uma condição de vida melhor do que outras profissões, pela remuneração e jornada de trabalho mais flexível. No entanto, também foi possível reconhecer as dificuldades impostas ao trabalho, pois como a prostituição é vista somente como uma ocupação e não uma profissão, é exercida sem a garantias de direitos por falta de regulamentação, o que corrobora com a precarização do trabalho e coloca as trabalhadoras sexuais em situações de maior risco/vulnerabilidade às violências gerais. Assim

³ O termo putafobia surgiu no movimento de prostitutas em meados dos anos 2000, nomeado devido à violência e fobia contra mulheres prostitutas.



como observado por Leite (2009), constata-se, pela presente pesquisa e também em diálogos presentes na Aprosmig, que a regulamentação do trabalho sexual contribuiria para a descriminalização, diminuição do estigma social e a garantia dos direitos e condições de trabalho mais dignas as trabalhadoras sexuais

Atenção às mulheres trans - A exposição à violência em suas mais diversas manifestações pode ser observada em grau bem mais elevado entre as trabalhadoras sexuais travestis e transexuais. As condições de trabalho, a falta de insumos adequados, a falta de alternativas e outras opções de trabalho são algumas das violências vividas por elas. Entretanto, observou-se uma grande presença e participação dessas mulheres no decorrer da pesquisa, seja na disponibilidade em responder ao questionário, na entrevista narrativa e memória, na oficina da linha do tempo e no seminário final. Essa presença demonstra envolvimento, interesse e desejo na participação social. Sugere-se que esse fato seja considerado, ampliado e fortalecido nas futuras políticas públicas, de maneira a garantir a real participação e maior representatividade de pessoas que vivem e lutam politicamente por suas questões e direitos.

Necessidade urgente de acesso à saúde mental - Observou-se durante todo o processo da pesquisa, com os resultados do questionário, nos acolhimentos realizados pelos estagiários e pela Aprosmig, nas entrevistas e outros encontros, a situação de sofrimento mental que as trabalhadoras estão vivendo. São muitas as demandas de atendimento para tratamento de transtornos relacionados à depressão, ansiedade, síndrome do pânico, entre outros, que podem induzir, muitas vezes ao uso abusivo de álcool e outras drogas, à automutilação e tentativas de autoextermínio. Foi observada a necessidade de maior acesso às políticas públicas de saúde mental




que consiga assegurar o apoio para momentos de crise e formas eficazes de estabilização das inúmeras questões aparentes. Há grande demanda de atendimento psicológico e poucos olhares a respeito, de forma em que há uma impossibilidade da rede de saúde mental da cidade de Belo Horizonte suprir essa demanda. Acredita-se ser necessário e um ponto importante para maiores discussões a respeito.

Valorização, respeito, escuta - É afirmado em todo o trabalho e em inúmeros momentos da pesquisa a necessidade urgente do reconhecimento destas mulheres. Acredita-se desta forma que todas as políticas públicas necessitam ter este tópico como base e discussão, de forma a entender que para além de discursos é necessário agir a partir da lógica de possibilitar mais acesso à direitos.

Ações de incentivo à participação e autonomia - Grande parte da luta das mulheres prostitutas é afirmar a necessidade de criação de políticas afirmativas, com foco na produção de autonomia. Desta forma, compreende-se ser aqui, um ponto importante ao debatermos os próximos passos, visto que o movimento de prostitutas pede mais abertura e maior acesso à espaços que consigam ocupar as diversas instâncias. Para que possam efetivar a partir do desenvolvimento de projetos e ações, bem como participação em espaços de tomada de decisões, de maneira a contribuir para mudanças no trabalho e nos demais âmbitos da vida que permeia a prostituição, assim como os pontos debatidos anteriormente.


Todos os questionamentos aqui afirmados, devem ser analisados e debatidos amplamente, para que a discussão não se encerre neste documento, mas que amplie e aprofunde as decisões a seguir. Necessitam, portanto, serem consideradas integralmente e não de forma abreviada, separada.



No intuito de proporcionar e divulgar as informações de forma acessível aos diversos públicos interessados, e como forma de devolução da pesquisa e ampliação do conhecimento das trabalhadoras acerca de sua situação e de seus direitos e da própria sociedade, os resultados da pesquisa foram entregues à APROSMIG, à rede de atenção e apoio às trabalhadoras sexuais e às trabalhadoras como um todo através de três produtos. São eles:

- Relatório descritivo - O relatório descritivo se trata deste documento que registra todo o processo de planejamento, mobilização social e execução da pesquisa, bem como análise todos os dados obtidos a partir do questionário e os trabalhos de maneira cuidadosa, fornecendo uma ferramenta poderosa de análise para os equipamentos e demais iniciativas que atuam com a temática.
- Infográficos - Um infográfico é um cartaz que apresenta os dados obtidos na pesquisa, depois de analisados, de maneira gráfica e ilustrativa. A intenção é que a informação seja exposta de maneira fácil e clara. Os infográficos foram produzidos na mesma lógica do relatório, seguindo as seis categorias de análise propostas: marcadores identitários, trabalho sexual, APROSMIG, acesso a serviços, violência e pandemia, totalizando cinco páginas que seguem em anexo a este relatório
- Linha do tempo - construída pelas prostitutas no processo de registro de dados qualitativos sobre a memória da prostituição na região da Guaicurus ao longo de quase 70 anos de história.

Ao final de todo o trabalho, foi executado um seminário final, organizado pela equipe extensionista e DIPM, com o intuito de apresentar os dados obtidos, assim como o trabalho de resgate das narrativas realizado na linha do tempo. Estiveram presentes 160 participantes, entre eles representantes de movimentos sociais, trabalhadoras (es) das políticas de assistência social, saúde e segurança, além da participação em massa das mulheres prostitutas e demais articuladores



sociais, tendo em vista que o evento era aberto e incentivado a participação do público geral.

Foi compreendido neste relatório, ao longo de todo o trabalho sempre em coletivo e na execução do seminário, a importância da articulação em rede de questões profundas que permeiam toda uma estrutura social. Considerando esta visão buscou-se realizar um seminário que visava e contribuísse para a real efetivação e sensibilização de todos para a temática da prostituição. Acredita-se que um passo importante foi dado, mas que são necessárias ações futuras voltadas para o mapeamento dessa rede, identificando atores governamentais e da sociedade civil que atuam com a temática, suas possibilidades e fragilidades, de modo a potencializar propostas articuladas e dialógicas. Dessa forma, ao se comparar a oferta de serviços e a demanda observada, será possível a identificação das políticas públicas a serem implementadas.

Mais uma vez, agradecemos imensamente pela participação e envolvimento das trabalhadoras sexuais, do apoio imprescindível da APROSMIG, da DIPM, e de toda a rede com a pesquisa. O trabalho em rede é uma construção cotidiana de organização temática que torna esta experiência única para todos.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Letícia Cardoso. **Prostituição, gênero e trabalho**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

BARRETO, Letícia Cardoso. **Somos sujeitas políticas de nossa história: prostituição e feminismo em Belo Horizonte**. 2015. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/160706/337745.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 15 jun. 2023.

BARROS, V. **Histórias de vida e escolhas teóricas**. Tradução provisória, UFMG. Belo Horizonte, Junho, 1996.

BOGDAN, Robert. BIKLEN, Sari. Dados qualitativos. In: BOGDAN, Robert. BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994, p. 150-175.


BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. Editora Tac, São Paulo, 1983.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. CBO - Classificação Brasileira de Ocupações, 2002a. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>. Acesso em: 27. set. 2023.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. Acesso em: 15. agosto. 2023.

CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Profissionais do sexo denunciam falta de estrutura para atender casos de violência**. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias/2019/09/profissionais-do-sexo-denunciam-falta-de-estrutura-para-atender-casos>. Acesso em 03 jan. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Desmarginalizando a intersecção entre raça e sexo: uma crítica feminista negra à doutrina antidiscriminação, à teoria feminista e à política antirracista. Fórum Jurídico da Universidade de Chicago, n. 140, p. 139-167, 1989.



DANTAS, Sérgio Silva. Identidade política e projetos de vida: Uma contribuição à teoria de Ciampa. **Rev. Psicologia & Sociedade**, São Paulo, 2017, v. 29, p. 1-9. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29172030>. Acesso em 16 jun. 2023.

ENRIQUEZ, Eugène. O papel do sujeito humano na dinâmica social. In: MACHADO, Marília Novais da Mata et al. (Org.). **Psicossociologia: análise social e intervenção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.27-43.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a.

FERNANDES, Elizabeth de Magalhães. **Prostituição: Estigmas, invisibilidades e fronteiras na profissão da mulher prostituta e seus papéis sociais**. 2015. 79 f. Monografia (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

FREITAS, Renan Springer. **Bordel, bordéis: Negociando identidades**. Petrópolis: Vozes. 1985.


GARCIA, Vera Lúcia; SOUZA, Alícia Navarro de. A narrativa e a pesquisa qualitativa. In: SILVA, Raimunda Magalhães da et al (org.). **Estudos Qualitativos: Enfoques Teóricos e Técnicas de Coleta de Informações**. Sobral: Edições UVA, 2018. p.199-210. Disponível em <<https://portais.univasf.edu.br/medicina-pa/pesquisa/producao-cientifica/experiencias-qualitativas-ebook>>. Acesso em: 16 jun. 2023.

JORNAL GAZETA, 5 set, 2016. Disponível em: <https://draelainematozinhos.blogspot.com/>. Acesso em: 14/12/2023.

LE COGUIEC, Éric. Ficção, diário de campo e pesquisa-ação. **Cena**, Porto Alegre, n. 20, p. 28-38, 2006. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/68331/39010>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que resolveu ser prostituta**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2009.

MACEDO, Carolina; VIEIRA, Maria Aparecida; KALIL, Pedro (org.). **Guaicurus: a voz das putas**. Belo Horizonte: Aprosmig. 2018. Disponível em: avozdasputas.wordpress.com. Acesso em 18 de agosto de 2023.



MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MATTOS, Patrícia. A Dor e o Estigma da Puta Pobre. In: **A Ralé Brasileira**: quem é e como vive. SOUZA, Jessé (ORG.). Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2009. Cap. 9, p. 173-201.

MORGAN, D. L. **Grupo focal como pesquisa qualitativa aplicada**. Londres: Publicação Sage, 1997.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **Concepção de convivência e fortalecimento de vínculos**. Brasília, DF: MDS, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2013.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SAWAIA, Bader Burihan. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 364-372, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/SNXmnP85p4XsKmsrWgbgtpr/?lang=pt#>. Acesso em: 19 jun. 2023.

SOUZA, K. Luciana. **Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a análise temática**. Arq. Bras. psicol. Rio de Janeiro, V. 71. n. 2. Ago. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARB2019v71i2p.51-67>. Acesso em: 24 out. 2023.

ANEXOS



DIAGNÓSTICO SOCIOTERRITORIAL



Perfil e identificação

1. Qual é a sua identidade de gênero?

- Mulher Cisgênero
- Mulher Transgênero
- Homem Cisgênero
- Homens Transgênero
- Travesti
- Agênero
- Não binário
- Outro: _____
- Não respondeu

2. Qual é a sua orientação sexual?

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Pansexual
- Outro: _____
- Não respondeu

3. Faixa etária

- 18 a 20 anos
- 21 a 30 anos
- 31 a 40 anos
- 41 a 50 anos
- 51 a 60 anos
- 61 a 70 anos
- Mais de 70 anos
- Não respondeu

4. Raça/Cor

- Branca
- Parda
- Negra
- Amarela
- Indígena
- Não respondeu

5. Escolaridade

- Nenhuma/sem educação formal
- 1ª a 5ª Ano Ensino Fundamental
- 6ª a 9ª Ano Ensino Fundamental
- Ensino Médio Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Não respondeu

6. Estado Civil

- Solteira
- Casada
- Divorciada
- Viúva
- União Estável
- Outro: _____
- Não respondeu

7. Você tem filha(as/os)?

- Sim
- Não
- Não respondeu

7.1 Se sim, quantas (os)?

8. Com quem mora atualmente?

- Sozinha
- Filhas(os)
- Companheira(o)
- Esposa(o)
- Amiga(o)
- Outro: _____
- Não respondeu

9. Naturalidade - Cidade/Estado (onde nasceu)



10. Em qual cidade reside?

Saúde

11. Você tem alguma questão relacionada à saúde?

- Sim
- Não
- Não respondeu

12.1 Se sim, qual? *(mais de uma opção pode ser selecionada)*

- Hipertensão
- Diabetes
- Doença Respiratória
- Doença Cardiovascular
- Transtorno Psiquiátrico/Sofrimento Mental
- IST
- Outro: _____
- Não respondeu

12. Você tem alguma deficiência?

- Sim
- Não
- Não respondeu

13.1 Se sim, qual?

Ocupação

13. Pensando em sua ocupação, como você prefere ser chamada(o)? *(mais de uma opção pode ser selecionada)*

- Trabalhadora Sexual
- Prostituta
- Puta
- Garota de programa

- Profissional do sexo
- Pelo nome de guerra
- Pelo meu nome
- Não me importo com isso
- Outro: _____
- Não respondeu

14. Há quanto tempo você trabalha nesta ocupação?

- Menos de 6 meses
- De 6 meses a 1 ano
- De 1 a 5 anos
- De 5 a 10 anos
- De 10 a 20 anos
- De 20 a 30 anos
- De 30 a 40 anos
- Mais de 40 anos
- Não respondeu

15. Atualmente você tem alguma outra atividade ou trabalho, além desta ocupação?

- Sim
- Não
- Não respondeu

15.1 Se sim, qual(is)?

16. Você já trabalhou em outras cidades além de Belo Horizonte?

- Sim
- Não
- Não respondeu

16.1 Se sim, qual(is)?

17. Você já trabalhou/trabalha em outros locais além dos hotéis da Guaicurus?

- Sim
- Não
- Não respondeu



18. Se sim, onde? *(mais de uma opção pode ser selecionada)*

- Boate
- Nas praças/ruas
- Rodovias
- Cabines eróticas
- Anúncios no jornal
- Anúncios em sites
- Aplicativos e redes sociais
- Outro: _____
- Não respondeu

19. E aqui na Guaicurus, você trabalha em algum hotel fixo?

- Sim
- Não
- Não respondeu

19.1 Se sim, qual hotel?

19.2 Há quanto tempo trabalha neste hotel?
(no hotel citado na pergunta anterior)

20. O que te fez optar pelos hotéis da Guaicurus para trabalhar nesta ocupação? *(mais de uma opção pode ser selecionada)*

- Retorno financeiro rápido
- Afinidade e/ou preferência pelo local
- Flexibilidade no trabalho com outras atividades
- Inserção no mercado de trabalho
- Segurança
- Outro: _____
- Não respondeu

21. Há quanto tempo você trabalha na Guaicurus?

- Menos de 6 meses
- De 6 meses a 1 ano

- De 1 a 5 anos
- De 5 a 10 anos
- De 10 a 20 anos
- De 20 a 30 anos
- De 30 a 40 anos
- Mais de 40 anos
- Não respondeu

22. Você acredita que existe alguma diferença entre ser trabalhadora sexual e trabalhar em outra ocupação qualquer?

- Sim
- Não
- Não respondeu

23.1 Se sim, quais?

Aprosmig

23. Você conhece a Aprosmig?

- Sim
- Não
- Não respondeu

24. Com qual frequência você vai à Aprosmig?

- Diariamente
- Semanalmente
- Quinzenalmente
- Mensalmente
- Raramente
- Nunca fui
- Não respondeu

25. Você frequenta a Aprosmig com qual finalidade? *(mais de uma opção pode ser selecionada)*

- Para se informar sobre questões relacionadas a direitos trabalhistas
- Para acessar os serviços de saúde mental (atendimento psicológico, acolhimento)



psicossocial e encaminhamentos para o SUS)

- Para acessar os serviços de saúde sexual (encaminhamentos para o SUS em testagens e tratamento para as IST, etc)
- Para se informar a respeito do atendimento e acesso ao SUAS
- Para pegar preservativos e outros insumos de prevenção
- Para receber doações (alimentos, roupas)
- Para se informar sobre questões da ocupação
- Outro: _____
- Não respondeu

26. O que você percebe como uma dificuldade para que você frequente a Aprosmig? *(mais de uma opção pode ser selecionada)*

- Falta de informação/divulgação
- Localização
- Horário de funcionamento
- Atendimento
- Receio de perder programas/clientes
- Frequente sem nenhum problema
- Outro: _____
- Não respondeu

27. Como você percebe o trabalho feito pela Aprosmig atualmente?

- Regular
- Bom
- Muito bom
- Ótimo
- Excelente
- Não respondeu

28. Você sugere alguma atividade que a Aprosmig poderia desenvolver junto às

profissionais do sexo? *(mais de uma opção pode ser selecionada)*

- Palestras diversificadas
- Discussões sobre a ocupação
- Dinâmicas de grupo
- Cursos de capacitação e qualificação da ocupação
- Ações coletivas sobre as condições do trabalho
- Ações culturais
- Outro: _____
- Não respondeu

29. Qual assunto você gostaria de obter mais informações? *(mais de uma opção pode ser selecionada)*

- Gestão financeira
- Gestão do trabalho
- Regulamentação da profissão
- Saúde
- Redução de danos (álcool e outras drogas)
- Direitos humanos
- Direitos trabalhistas / INSS
- Direitos das mulheres
- Direitos LGBTQIA+
- Saúde mental
- Outro: _____
- Não respondeu

30. Você participa ou já participou das atividades promovidas e/ ou apoiadas pela Aprosmig?

- Sim
- Não
- Não respondeu

30.1 Se sim, quais? *(mais de uma opção pode ser selecionada)*



- Carnaval de Belo Horizonte
- Miss prostituta
- Puta Dei
- Virada Cultural na Guaicurus
- Parada do Orgulho LGBT
- Ações de projetos (testagens, rodas de conversa, oficinas)
- Atendimento psicológico
- Outro: _____
- Não respondeu

30.2 Se não, por quê?

Sobre a ocupação e a sociedade

31. Você participa ou tem interesse em algum movimento social ou político ligados à prostituição?

- Sim
- Não
- Não respondeu

31.1 Se sim, qual(is)?

32. Você gostaria de ter sua ocupação regulamentada enquanto profissão?

- Sim
- Não
- Nunca pensei sobre isso
- Não respondeu

32.1 Se sim, por quê?

32.2 Se não, por quê?

33. Como você acha que a sociedade vê a prostituição? (mais de uma opção pode ser selecionada)

- Trabalho/vida fácil
- Um "mal" necessário
- Um trabalho como outro qualquer
- Vadiagem
- Determinação socioeconômica
- Outro: _____
- Não respondeu

34. E você, como vê o que faz? (mais de uma opção pode ser selecionada)

- Um trabalho que ajuda a sociedade
- Um trabalho como outro qualquer
- Gosto do trabalho
- Trabalho nisso porque não tive escolha
- É mais lucrativo que outros trabalhos
- Algo temporário ou "bico"
- Outro: _____
- Não respondeu

35. Como você considera as condições de trabalho do seu hotel?

- Péssimas
- Regulares
- Boas
- Ótimas
- Excelentes
- Não respondeu

36. Se fosse pra melhorar algo relacionado às condições de trabalho nos hotéis, qual sugestão você daria? (mais de uma opção pode ser selecionada)

- Condições de higiene
- Valores da diária
- Condições de segurança



- Atendimento da gerência/funcionários
- Itens necessários ao trabalho inclusos no valor da diária
- Não há nada a melhorar. As condições são satisfatórias.
- Outro: _____
- Não respondeu

37. Você utiliza algum serviço público destinado à população?

Serviços	Sim	Não
Serviços de Saúde		
Saúde Mental		
Serviço Jurídico		
Assistência Social		
Cultura, esporte e/ou lazer		

37.1 Se sim, quais? (mais de uma opção pode ser selecionada)

- CRAS, CREAS
- Centro de Saúde
- Hospitais
- Academia da Cidade
- CTA, URS, UDM
- Cersam/CAPS
- Centro Cultural
- Defensoria Pública
- Outros _____

38. O que você faz de lazer quando não está no trabalho?

- Atividades artísticas (dança, teatro, canto)
- Sair com amigos
- Pratico esporte
- Cinema
- Ficar em casa
- Outro: _____

- Não respondeu

39. Você já passou por alguma situação de discriminação ou sofreu qualquer tipo de violência relacionada a prostituição?

- Sim
- Não
- Não respondeu

39.1 Se sim, qual?

- Violência Física
- Violência sexual
- Violência Psicológica
- Violência Institucional
- Violência Patrimonial
- Racismo
- Putafobia
- LGBTfobia
- Transfobia
- Tentativa de homicídio, feminicídio
- Outro: _____

39.2 Se sim, em que situação ocorreu?

- Na própria família
- No trabalho (colegas)
- No trabalho (gerência/ funcionário do hotel)
- No próprio programa (cliente)
- No bairro/vizinhança
- No círculo de amizade
- Nos serviços públicos utilizados
- Instituições religiosas
- Outro: _____
- Não respondeu

40. Você conhece a Lei Maria da Penha?

- Sim
- Não
- Não respondeu



40.1 Se sim, o que você conhece?

41. Você encontra alguma dificuldade para exercer sua ocupação?

- Sim
- Não
- Não respondeu

41.1 Se sim, o que acha que mais dificulta o exercício desta ocupação?

- Preconceito e estigma social
- Marginalização da prostituição
- Não aceitar/conviver bem com o que faz
- Ter que levar uma vida dupla (esconde o que faz da família/amigos)
- Falta de direitos trabalhistas
- Vulnerabilidade social
- Solidão
- Insalubridade
- Outro: _____
- Não respondeu

Pandemia

42. A chegada do Covid 19 impactou a sua vida/profissão de alguma maneira?

- Sim
- Não
- Não respondeu

43. Se sim, quais foram os impactos?

Final

44. O que mais você sugere que a Aprosmig deve fazer com/pelas (os) trabalhadoras (es) sexuais?

Diagnóstico socioterritorial e assessoramento às redes de trabalhadoras sexuais da Guaicurus | Belo Horizonte

O projeto tem como objetivo identificar o perfil socioeconômico, de gênero, racial e geracional das trabalhadoras sexuais da região da Guaicurus, suas vivências em relação à sua ocupação, à APROSMIG, à sociedade e à pandemia de COVID-19. Também foram mapeadas as situações de risco, vulnerabilidades sociais e violências vividas por essa população, além de potencialidades e desejos.

Confidencialidade e proteção da identidade das participantes, garantidas por Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)

Pesquisa de Campo | 2023



GUAICURUS

BH - MG
4 mil trabalhadoras sexuais



360

ENTREVISTADES
cis, travestis e transgêneras



24 HOTÉIS

22 de mulheres cis e
2 de mulheres travestis e transgêneras

Marcadores Identitários

Identidade de Gênero



306 mulheres se nomeiam como cisgênera, 49 como transgênera, 4 se identificam como travesti e 1 pessoa disse já ter se identificado como homem.

Orientação Sexual



275 mulheres se autodeclararam heterossexuais, 64 como bissexuais, 14 como pansexuais e 7 como homossexuais.



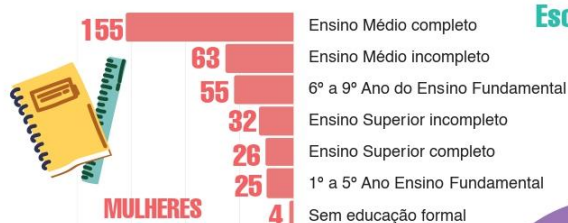
1 entrevistada não respondeu.

Raça/Cor

45.8% PARDAS
30.8% PRETAS
20.3% BRANCAS
1.4% INDIGENAS
1.1% AMARELAS



Criação gráfica: Luiza Avelar e Rafael Santos



Naturalidade

163 entrevistadas nasceram em cidades de Minas Gerais (52% no interior de MG e 48% em BH) Foram mencionadas cidades em todas as regiões do país, principalmente dos estados do RJ e SP e dos estados da Região Nordeste.



Onde Mora

179 entrevistadas moram em Belo Horizonte

Cidade/Estado	Porcentagem
Minas Gerais	67.1%
Rio de Janeiro	16%
São Paulo	9.9%
outros estados	6.9%

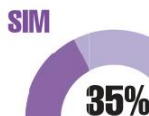


Com quem mora

176 moram com familiares, 132 moram sozinhas, 25 moram com companheira/esposa(o), 13 moram com amiga(o) e 4 moram em abrigo, Casa LGBT, Pensão ou República.

Alguma questão de saúde?

128 entrevistadas relatam questões de saúde. As principais questões citadas foram: Sofrimento mental, hipertensão, doenças respiratórias e ISTs (HIV, Sífilis e HPV).



1 entrevistada não respondeu.

Mães?

SIM

63%

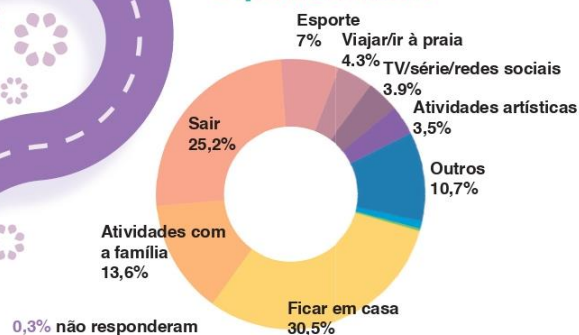


e 2 estavam grávidas.

Das 227 mulheres que são mães, 39,7% disseram morar com seus filhos.

39,7%

O que faz de lazer?



Diagnóstico socioterritorial e assessoramento às redes de trabalhadoras sexuais da Guaicurus | Belo Horizonte

Confidencialidade e proteção da identidade das participantes, garantidas por Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)

Trabalho Sexual

COMO VOCÊ PREFERE SER CHAMADA (O)?



*1 mulher respondeu trabalhar há mais de 40 anos.

ALGUMA ATIVIDADE ALÉM DO TRABALHO SEXUAL?



As principais atividades são: vendedoras, estudantes, área da beleza, faxineiras/diaristas, técnicas de enfermagem, cuidadoras de idosos e microempreendedoras.

DIFERENÇA ENTRE O TRABALHO SEXUAL E OUTRA OCUPAÇÃO



123 entrevistadas citaram preconceito, discriminação, humilhação, marginalização, desigualdade e julgamento da sociedade como diferenças entre ser trabalhadora sexual e atuar em outra atividade qualquer.

123 entrevistadas citaram preconceito, discriminação, humilhação, marginalização, desigualdade e julgamento da sociedade como diferenças entre ser trabalhadora sexual e atuar em outra atividade qualquer.



Já trabalhou em outras cidades além de BH?

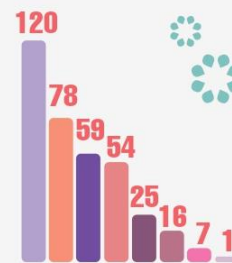
250 entrevistadas já trabalharam em outras cidades. Foram mencionadas cidades em todas as regiões do país e algumas no exterior. Mas a maior parte se concentra no interior de MG (22,9%) e nos estados de SP (27,6%) e RJ (20,6%).

Outros locais de prostituição além da Guaicurus

235 entrevistadas informaram já ter trabalhado ou trabalham em outros locais além dos hotéis da Guaicurus. Locais citados: boates, ruas e praças, aplicativos/redes sociais, casas de massagem, casas privadas, bares e hotéis em outras regiões e outros.



TEMPO NA GUAICURUS



- 1 a 5 anos
- Menos de 6 meses
- 5 a 10 anos
- 6 meses a 1 ano
- 10 a 20 anos
- 20 a 30 anos
- 30 a 40 anos
- Não respondeu

Na Guaicurus, trabalha em hotel fixo?

316 entrevistadas afirmam trabalhar em um hotel fixo.



HOTEL

O que te fez optar pelos hotéis da Guaicurus?

- 49.5% Retorno financeiro rápido
- 28.9% Segurança
- 12.5% Preferência pelo local
- 9.1% Flexibilidade com outras atividades

Condições dos hotéis



Sugestões de melhorias nos hotéis

Valor das diárias, condições de higiene, segurança e incluir itens necessários ao trabalho no valor das diárias. Outras sugestões foram: reformas e questões de estrutura, alimentação e o valor do programa.

190 entrevistadas afirmam ter alguma dificuldade no exercício da profissão.

- ◇ Preconceito e estigma social
- ◇ Ter que levar uma vida dupla
- ◇ Marginalização da prostituição
- ◇ Vulnerabilidade social
- ◇ Solidão
- ◇ Insalubridade
- ◇ Não aceitar a profissão
- ◇ Falta de direitos trabalhistas



101 entrevistadas demonstram interesse em participar de algum movimento social ou político ligado à prostituição.

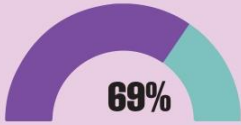
Criação gráfica: Luiza Avelar e Rafael Santos

Diagnóstico socioterritorial e assessoramento às redes de trabalhadoras sexuais da Guaicurus | Belo Horizonte

Confidencialidade e proteção da identidade das participantes, garantidas por Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)

Trabalho Sexual

FAVORÁVEIS À REGULAMENTAÇÃO DO TRABALHO SEXUAL

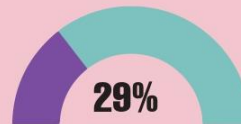


250 entrevistadas gostariam de ter sua ocupação regulamentada enquanto profissão.

POR QUE?

- ◇ Reconhecimento da prostituição enquanto um trabalho como outro qualquer.
- ◇ Diminuição do preconceito, julgamento, estigma e outras formas de discriminação.
- ◇ Direitos, especialmente direitos trabalhistas.
- ◇ Segurança financeira/comprovação de renda.
- ◇ Esforço no trabalho.
- ◇ Desejo de regulamentação para outras mulheres (futuro).

CONTRÁRIAS À REGULAMENTAÇÃO DO TRABALHO SEXUAL



103 entrevistadas não gostariam de ter sua ocupação regulamentada enquanto profissão.

POR QUE?

- ◇ Ser algo temporário e/ou desejo de sair da ocupação.
- ◇ Ter autonomia sem a regulamentação.
- ◇ Manter sigilo/vergonha.
- ◇ Pela questão do julgamento.
- ◇ Não estimular a prostituição.
- ◇ Impostos e perder dinheiro.
- ◇ Prefere do jeito que está.

Como você acha que a sociedade enxerga a prostituição?



Foram citadas na opção "Outros" questões como hipocrisia e marginalização.

E você, como vê o que faz?



Foram citadas na opção "Outros" questões como necessidade, falta de oportunidades, busca financeira, forma de alcançar objetivos.

Criação gráfica: Luiza Avelar e Rafael Santos

Diagnóstico socioterritorial e assessoramento às redes de trabalhadoras sexuais da Guaicurus I Belo Horizonte

Confidencialidade e proteção da identidade das participantes, garantidas por Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)

Violência

DISCRIMINAÇÃO OU VIOLÊNCIA



267 entrevistadas responderam que já passaram por algum tipo de discriminação ou violência ao longo da vida.

OS TIPOS DE VIOLÊNCIA SOFRIDAS FORAM:



CONTEXTO DA VIOLÊNCIA



LEI MARIA DA PENHA



357 entrevistadas afirmaram conhecer a Lei Maria da Penha e 74 mulheres mencionaram que já recorreram à Lei.

Os mais de 350 depoimentos foram classificados em:

VISÕES FAVORÁVEIS À LEI

- ◇ Protege as mulheres
- ◇ Protege a vida
- ◇ Veio para assustar um pouco
- ◇ Segurança
- ◇ "Se não fosse a lei, eu não estaria aqui"

VISÕES DESFAVORÁVEIS À LEI

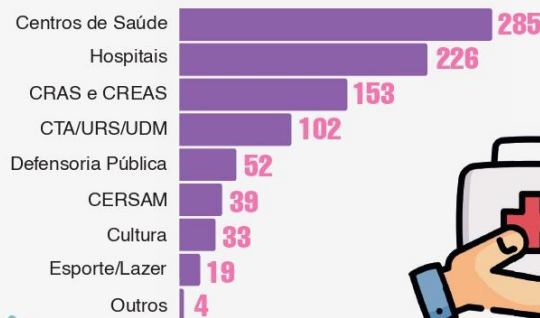
- ◇ Medo de ser morta
- ◇ Ameaça
- ◇ Falta de confiança/segurança
- ◇ Impunidade
- ◇ Não garante direitos

Acesso a serviços

UTILIZAÇÃO DE SERVIÇOS



QUAIS OS SERVIÇOS UTILIZADOS?



Pandemia

IMPACTOS NA VIDA/PROFISSÃO



256 entrevistadas disseram que a pandemia impactou de alguma forma.

OS PRINCIPAIS IMPACTOS CITADOS FORAM:

- ◇ Saúde Mental
- ◇ Dificuldade financeira
- ◇ Perda de empregos diversos
- ◇ Mudanças na forma de trabalho
- ◇ Mais retorno financeiro na pandemia
- ◇ Início na prostituição por consequência da pandemia
- ◇ Questões de saúde em geral

Criação gráfica: Luiza Avelar e Rafael Santos

Diagnóstico socioterritorial e assessoramento às redes de trabalhadoras sexuais da Guaicurus I Belo Horizonte

Confidencialidade e proteção da identidade das participantes, garantidas por Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)

APROSMIG

Fundada em meados de 2009, a Associação das Prostitutas de Minas Gerais (APROSMIG) é reconhecida oficialmente como a entidade representante das prostitutas em todo o estado de Minas Gerais, vinculada à Rede Brasileira de Prostitutas (RBP). A associação busca dialogar e unir a categoria, defendendo e reivindicando interesses comuns, articulando parcerias com entidades públicas, privadas e organizações do terceiro setor. Desenvolve ações de promoção de saúde integral, com foco na prevenção combinada, com encaminhamento e acompanhamento das trabalhadoras sexuais cis, transgêneras e travestis aos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS), acolhimento psicossocial e atendimento psicológico, além de orientação sobre a ocupação e assessoria jurídica. A gestão da associação é liderada por mulheres prostitutas cis e transgêneras.

CONHECE A APROSMIG?



265 entrevistadas responderam que conhecem a Aproxmig

COM QUAL FREQUÊNCIA VAI À APROSMIG?



FREQUENTA COM QUAL FINALIDADE?



182 trabalhadoras frequentam a Aproxmig para pegar preservativos e outros insumos de prevenção.



112 entrevistadas responderam que buscam acessar serviços de saúde sexual.

O QUE VOCÊ PERCEBE COMO UMA DIFICULDADE PARA FREQUENTAR A APROSMIG?



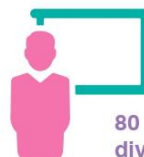
- Receio de perder programas/clientes.
- Pouca informação e divulgação dos projetos e ações.
- Limitação do horário de funcionamento.
- Timidez/vergonha para frequentar.
- Dificuldade para sair na rua durante o dia.

Criação gráfica: Luiza Avelar e Rafael Santos

Como percebe o trabalho feito pela Aproxmig?



Sugere alguma atividade que a Aproxmig poderia desenvolver junto às profissionais do sexo?



88 mulheres responderam se interessar por cursos de capacitação e qualificação da profissão.

80 mulheres responderam se interessar por palestras diversificadas.

Qual assunto gostaria de obter mais informações?

141 mulheres responderam o tema saúde ser de maior relevância, incluindo saúde sexual e reprodutiva de maneira que a discussão alcance os homens também.

121 mulheres disseram querer ter mais informações sobre saúde mental.

47%

Participação em atividades promovidas e/ou apoiadas

133 entrevistadas que conhecem a Aproxmig disseram que já participaram das atividades promovidas pela entidade.

A pesquisa resultou em mais de 200 sugestões à Aproxmig, em temas relacionados à saúde, articulação nos hotéis, qualificação profissional, direitos humanos e direitos trabalhistas.